

# Arquitetura na Encruzilhada: O Espaço Sagrado da Umbanda entre Rito e Forma

*Estudo espacial e simbólico dos Terreiros de Umbanda e Proposta de Projeto para a Tenda de Umbanda Mãe Nanã em Campo Grande-MS.*



*Karla Virginia Morales Cifuentes*

## **Arquitetura na Encruzilhada: O Espaço Sagrado da Umbanda entre Rito e Forma**

*Estudo espacial e simbólico dos Terreiros de Umbanda e Proposta de Projeto para a Tenda de Umbanda Mãe Nanã em Campo Grande-MS.*



Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade das Engenharias, Arquitetura e Urbanismo e Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul para a obtenção do título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Julio Cesar Botega do Carmo





Serviço Público Federal  
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



ATA 118

ATA DA SESSÃO DE DEFESA E AVALIAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)  
DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO DA

FACULDADE DE ENGENHARIAS, ARQUITETURA E URBANISMO E GEOGRAFIA - 2026/1

No mês de **Maio** do ano de **dois mil e vinte e seis**, reuniu-se de forma remota a Banca Examinadora, sob Presidência do Professor Orientador, para avaliação do **Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)** do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Engenharias, Arquitetura e Urbanismo e Geografia da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul em acordo aos dados descritos na tabela abaixo:

DATA, horário e local da apresentação	Nome do(a) Aluno(a), RGA e Título do Trabalho	Professor(a) Orientador(a)	Professor(a) Avaliador(a) da UFMS	Professor(es) Convidado(s) e IES
19 de junho de 2026 LEU 15 horas CAU-FAENG-UFMS Campo Grande, MS	Karla Virginia Morales Cifuentes RGA: 2019 2101.002-9 Arquitetura na Encruzilhada: O Espaço Sagrado da Umbanda entre Rito e Forma	Prof. Dr. Julio Botega	Prof. Dr. Alex Nogueira	Arq. João Santos (IPHAN/UFBA)

Após a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso pela acadêmica, os membros da banca examinadora teceram suas ponderações a respeito da estrutura, do desenvolvimento e produto acadêmico apresentado, indicando os elementos de relevância e os elementos que couberam revisões de adequação.

Ao final a banca emitiu o **CONCEITO A** para o trabalho, sendo **APROVADO**.

Ata assinada pelo Professor Orientador e homologada pela Coordenação de Curso e pelo Presidente da Comissão do TCC.

Prof. Dr. Julio Botega  
Professor Orientador

Prof. Dr. Gutemberg Weingartner  
Coordenador do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo (FAENG/UFMS)

Profa. Dra. Juliana Couto Trujillo  
Presidente da Comissão do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Campo Grande, 22 de junho de 2026.

NOTA MÁXIMA NO MEC

UFMS É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Julio Cesar Botega do Carmo, Professor do Magisterio Superior**, em 22/06/2026, às 12:58, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA MÁXIMA NO MEC

UFMS É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Juliana Couto Trujillo, Professora do Magisterio Superior**, em 22/06/2026, às 13:11, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA MÁXIMA NO MEC

UFMS É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Gutemberg dos Santos Weingartner, Professor do Magisterio Superior**, em 22/06/2026, às 14:35, conforme horário

oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufms.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **6481118** e o código CRC **FA18464A**.

FACULDADE DE ENGENHARIAS, ARQUITETURA E URBANISMO E GEOGRAFIA

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

Referência: Processo nº 23104.033813/2021-56

SEI nº 6481118

“Do paganismo romano aos cultos afro-brasileiros, da mitologia grega às tradições indígenas americanas, a encruzilhada sempre foi considerada um lugar sagrado. É ali que alguns deuses habitam e observam o viajante tomar uma decisão.

Ali se concentram as duas grandes energias – o caminho que será escolhido, e o caminho que será abandonado. Ambos estão juntos numa encruzilhada. Ambos se transformam em um caminho só – mas por um curto período de tempo apenas. O caminhante pode descansar, dormir um pouco, até mesmo consultar os deuses que habitam as encruzilhadas.

Mas ninguém pode ficar ali para sempre: uma vez tomada a decisão, é preciso seguir adiante, confiar no próprio coração.

E esquecer o caminho que não escolhemos.”

*Eu tenho Zumbi, Besouro  
O chefe dos Tupis  
Sou Tupinambá  
Eu tenho os erês, caboclo, boiadeiro  
Mãos de cura, morubixabas, cocares, zarabatanas  
Curares, flechas e altares  
A velocidade da luz, o escuro da mata escura  
O breu, o silêncio, a espera*

*Eu tenho Jesus, Maria e José  
E todos os pajés em minha companhia  
O menino Deus brinca e dorme nos meus sonhos  
O poeta me contou*

*Não mexe comigo  
Que eu não ando só  
Eu não ando só  
Eu não ando só  
Não mexe, não*

*Não misturo, não me dobro  
A Rainha do Mar anda de mãos dadas comigo  
E me ensina o baile das ondas  
E canta, canta, canta, canta pra mim  
É do ouro de Oxum que é feita a armadura que cobre o meu corpo  
Garante meu sangue e minha garganta  
O veneno do mal não acha passagem  
Em meu coração, Maria acende a sua luz  
E me aponta o caminho*

*Me sumo no vento  
Cavalgo no raio de Iansã  
Giro o mundo, viro, reviro  
Tô no Recôncavo, tô em Fez  
Voo entre as estrelas, brinco de ser uma  
Traço o Cruzeiro do Sul  
Com a tocha da fogueira de João Menino  
Rezo com as Três Marias  
Vou além  
Me recolho no esplendor das nebulosas  
Descanso nos vales, montanhas  
Durmo na forja de Ogum  
Mergulho no calor da lava dos vulcões  
Corpo vivo de Xangô*



*Não ando no breu, nem ando na treva  
Não ando no breu, nem ando na treva  
É por onde eu vou que o santo me leva  
É por onde eu vou que o santo me leva*

**Carta de Amor- Canção de Maria Bethânia**



# AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Exu, senhor dos caminhos, que me guiou até aqui. Sem ele, nada seria possível. Laroyê, Exu! Exu é Mojubá!

Agradeço também a toda espiritualidade que me sustenta e acompanha, pois, se eu fosse só, não estaria mais aqui. Este trabalho é uma oferenda aos Orixás e Guias que sempre me olharam com amor e aceitação. Abençoado é aquele que conhece esse amor divino de perto.

À minha mãe, Adela Guadalupe, que, contra todas as adversidades, criou a mim e aos meus irmãos com força, dignidade e fé. Obrigada por incentivar e apoiar todas as minhas escolhas e sonhos. Se hoje sou uma mulher livre e forte, é porque tive você como exemplo.

À minha irmã, Thania Gabriela, por ser minha outra metade, meu oposto complementar. Obrigada por todo o apoio e torcida.

Ao meu irmão, Manu, por todo o afeto e pelas boas conversas. Obrigada por sempre me enxergar.

Ao meu grupinho amado — Amanda, Larissa, Thayrones, Mariana, Maria, Gabrielli, Thalya e Madu — que foi o maior presente que a graduação me deu. Vocês acompanharam os melhores e os piores momentos dessa trajetória, e eu só tenho a agradecer por todo o apoio, carinho, gentileza, risadas e conversas profundas na maquetaria. A nossa amizade é a prova de como a espiritualidade é generosa comigo.

À Reicy e ao Renan, meus grandes amigos, que sempre tornam tudo mais leve e divertido. Obrigada por me escutarem sem julgamentos e por todo o apoio. A presença de vocês ilumina a minha vida.

À minha amiga Vitória, por me levar a um terreiro pela primeira vez.

À minha casa de axé, a Tenda de Umbanda Aldeia do Cacique Cobra Coral, solo sagrado em que meus guias trabalham com alegria e liberdade. Agradeço a toda minha família de santo por me auxiliar diretamente no desenvolvimento deste trabalho. Guardo com muito carinho todas as conversas, silêncios, histórias, fundamentos e conhecimentos compartilhados.

Ao meu orientador, professor Dr. Julio Botega, com quem tive a honra de trabalhar diversas vezes durante os anos de graduação e que hoje considero um amigo querido. Obrigada por toda a paciência, empatia e confiança. Que nossos caminhos continuem se cruzando.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a minha trajetória, obrigada.

*Se eu fosse só, já não estaria mais aqui  
Meu Orixá, quem me ajudou a persistir  
Na noite escura, nos caminhos me guiou  
E na Umbanda eu retribuo seu amor*

**Se Eu Fosse Só - Puro Axé**

## RESUMO

O presente trabalho busca investigar como o rito é refletido no espaço arquitetônico dos terreiros de umbanda e como eles se relacionam com a cidade, com foco na capital de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS. A pesquisa se desenvolve a partir de uma retomada histórica, buscando compreender como se formou a Umbanda, reconhecendo suas raízes africanas e indígenas, exaltando sua influência na sociedade e cultura brasileira, além de expor o racismo religioso que os praticantes de religiões de matriz afro-ameríndias sofrem de maneira sistemática. A partir de análises dos ritos, simbologias, divindades e festividades ligadas a religião, e como isso se relacionam com o meio urbano, foi desenvolvido um projeto arquitetônico e paisagístico de um Terreiro, nomeado como Tenda de Umbanda Mãe Nanã em Campo Grande-MS.

**Palavras-Chave:** Umbanda, Território simbólico, Patrimônio cultural, Comunidade, Arquitetura religiosa.

## ABSTRACT

The present work seeks to investigate how the rite is reflected in the architectural space of Umbanda terreiros and how they relate to the city, focusing on the capital of Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS. The research is developed from a historical perspective, seeking to understand how Umbanda was formed, recognizing its African and indigenous roots, extolling its influence on Brazilian society and culture, in addition to exposing the religious racism that practitioners of Afro-Amerindian religions suffer systematically. Based on analyzes of the rites, symbols, deities and festivities linked to religion, and how they relate to the urban environment, an architectural and landscaping project was developed for a Terreiro, named Tenda de Umbanda Mãe Nanã in Campo Grande-MS.

**Keywords:** Umbanda, Symbolic territory, Cultural heritage, Community, Religious architecture.

# LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Cabeça é divindade;

Figura 2: Basílica de São Pedro - Vaticano, Itália;

Figura 3: Templo de Salomão, a sede da instituição Igreja Universal do Reino de Deus, localizada em São Paulo- Sp;

Figuras 4 e 5: A discoteca Paradiso, em Amsterdã, que funciona em uma antiga igreja;

Figura 6: Stonehenge;

Figura 7: Primeiro terreiro tombado pelo Iphan, o Terreiro Casa Branca do Engenho Velho, localizado em Salvador (Ba);

Figura 8: Terreiro do Axé Opô Afonjá;

Figura 9: O Terreiro Ilê Axé Oxumaré;

Figura 10: O Terreiro Omo Ilê Agbôula;

Figura 11: O tombamento do Terreiro Zogbodo Male Bogun Seja Unde;

Figura 12: Cortejo religioso percorre Rua Sá e Albuquerque em ato de resistência e devoção;

Figura 13 e 14: Exu e pombagira;

Figura 15: Pombagira;

Figura 16: Manchete de "O Globo - Brasil", 2025;

Figura 17: Manchete de "Brasil de Fato", 2025;

Figura 18: Manchete Rj: Terreiro de Umbanda é alvo de ataque e roubo; bíblia é deixada no local;

Figura 19: Manchete Tv Mirante. 2025;

Figura 20: Compilado de manchetes no site G1 da Globo.2025;

Figura 21: Capa do livro "Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?" de Edir Macedo, 1997;

Figura 22: Folha Universal (2000);

Figura 23: O busto de Mãe Gilda no bairro de Itapuã, em Salvador, é símbolo da luta contra a intolerância religiosa;

Figura 24: Zélio Fernandino de Moraes em reunião na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade;

Figura 25: Casa de Zélio de Moares na Rua Floriano Peixoto n° 30, Neves, São Gonçalo, Rio de Janeiro;

Figura 26: Retrato imaginário de Luzia Pinta;

Figura 27: Pintura de Calundu em Pernambuco por Zacharias Wagner;

Figura 28: Tatá Tancredo da Silva Pinto;

Figura 29: Tatá Tancredo da Silva Pinto;

Figura 30: Manchete convoca para a Gira no Maracanã;

Figura 31: Manchete convoca para a Gira no Maracanã;

Figura 32: Obra Oke Oxossi, de Abdias Nascimento, 1970;

Figura 33: Vó, Ilustra Black;

Figura 34: Caboclos. Arte de Vivo Quadro;

Figura 35: Bença. Preto Velho. Arte de Vivo Quadro;

Figura 36: Umbanda Sagrada. Arte de Vivo Quadro;

Figura 37: Boiadeiros. Arte de Vivo Quadro;

Figura 38: Marinheiros. Arte de Vivo Quadro;

Figura 38.1: Bahia. Arte de Vivo Quadro;

Figura 39: Cigana Formosa. Arte de Vivo Quadro;

Figura 39.1: Salve a Malandragem. Arte de Vivo Quadro;

Figura 40: Proteção Maior-Laroyê. Arte de Vivo Quadro;

Figura 41: Devotos e admiradores deixando presentes para Iemanjá na praia do Rio Vermelho, em Salvador, em 2019;

Figura 42: Trabalho realizado em uma mata em Terenos, Ms;

Figura 43: Congá do Templo de Umbanda Aldeia do Cacique Cobra Coral, Campo Grande-Ms;



# LISTA DE FIGURAS

Figura 43.1: Tronqueira;

Figura 44: Gira de Direita;

Figura 45: Organização de um terreiro;

Figura 46: Partida de Porto Feliz, de Oscar Pereira da Silva a partir de Aimé-Adrien Taunay, 1920;

Figura 47: Manchete. Em 1972, o registro da fila de pessoas em busca da cura.;

Figura 48: Cacilda em 1972;

Figura 49 e 50: Tenda de Mãe Cacilda;

Figura 51: Banho na imagem de São João, em Corumbá, em 2019;

Figura 51.1: Ano Novo: Celebração a Iemanjá, 2018;

Figura 52: Ibejis. Breno Loeser;

Figura 53: Arte idealizada e executada pelo artista Diego Mouro em 2022;

Figura 54: Levantamento prévio dos terreiros e templos de religiões de matriz afro-indígena;

Figura 55: Localização do Templo de Umbanda Pai Oxalá;

Figura 56: Templo de Umbanda Pai Oxalá;

Figura 57: Oxalá;

Figura 58: Planta esquemática do Templo de Umbanda Pai Oxalá;

Figura 59: Localização do Tenda de Umbanda Aldeia do Cacique Cobra Coral;

Figura 60: Cacique Cobra Coral;

Figura 61: Planta esquemática da Tenda de Umbanda Aldeia do Cacique Cobra Coral - Sede antiga;

Figura 62: Espaço de trabalho das linhas de esquerda;

Figura 63: Congá e área de trabalho das linhas de direita;

Figura 64: Antigo Congá do terreiro;

Figura 65: Nova sede da Tenda de Umbanda Aldeia do Cacique Cobra Coral;

Figura 66: Salão da Tenda de Umbanda Aldeia do Cacique Cobra Coral;

Figura 67: Planta da Tenda de Umbanda Aldeia do Cacique Cobra Coral

Figura 68: Setorização da Tenda de Umbanda Aldeia do Cacique Cobra Coral;

Figura 69: Festa junina;

Figura 70: Oferendas ao Orixás;

Figura 71: Feijoada de Ogun;

Figura 72: Organização dos doces para a festa de Cosme e Damião;

Figura 73: Congá;

Figura 74: Levantamento prévio dos territórios simbólicos da Umbanda em Campo Grande - Ms;

Figura 75: Cemitério Santo Antônio;

Figuras 76 e 77: Loja de artigos religiosos Luz Divina;

Figura 78 e 79: Samba dos Ogãs;

Figura 80: Balaio à Oxum na Cachoeira da Macumba;

Figura 81: Figura de uma entidade da Umbanda em um dos carros alegóricos da escola de samba Unidos da Vila Carvalho em 2023;

Figura 82: Mulher usa brinco com a palavra "Axé";

Figura 83: Monumento do Preto Velho;

Figura 84: Festividade na Praça do Preto Velho;

Figura 85: Casas de axé na Praça do Preto Velho;

Figura 86: Levantamento prévio da localização de templos cristãos em Campo Grande - Ms;

Figura 87: Levantamento prévio dos templos cristãos e terreiros sobrepostos;

Figura 88: Nanã. Arte de Vivoquadro;

Figura 89: Ibiri de Nanã. Arte de Augustinho;

Figura 90: Localização da área de intervenção - Campo Grande / Ms;

Figura 91: Localização da área de intervenção - Região urbana;

Figura 92: Localização da área de intervenção - Bairros;

Figura 93: Localização da área de intervenção - Lote;



# LISTA DE FIGURAS

Figura 94: Terreno de intervenção - Loteamento;

Figura 95: Fachada da Av. Calógeras;

Figura 96: Fachada da Rua Maracaju;

Figura 97: Anexo 5.2 - Macrozonas urbanas - Lei Complementar 341/2018;

Figura 98: Anexo 6 - Zonas urbanas - Lei Complementar 341/2018;

Figura 99: Anexo 7 - Zonas ambientais - Lei Complementar 341/2018;

Figura 100: Anexo 12 - Zonas Especiais de Interesse Cultural - Zeic - Lei Complementar 341/2018;

Figura 101: Estação ferroviária na década de 60. Foto: Roberto Higa;

Figura 102: Uso e ocupação do solo - Lei Complementar nº 74 de 06 de setembro de 2005;

Figura 103: Hierarquia viária;

Figura 104: Topografia;

Figura 105: Corte Aa - Longitudinal;

Figura 106: Corte Bb - Transversal;

Figura 106: Trajetória solar e orientação dos ventos;

Figura 107: Territórios simbólicos;

Figura 108: Esplanada Ferroviária durante o carnaval de 2025;

Figura 109: Setorização esquemática;

Figura 110: Nanã. Arte de Augustinho;

Figura 111: Planta esquemática;

Figura 112: Implantação atual;

Figura 113: Implantação proposta;

Figura 114: Planta térreo;

Figura 115: Zoom da planta da terreira de Direita;

Figura 116 e 117: Perspectivas da terreira de Direita;

Figura 118: Zoom da planta da terreira de Esquerda;

Figura 119 e 120: Perspectivas da terreira de Esquerda;

Figura 121: Zoom da planta da área de apoio;

Figura 122: Zoom da planta da área de apoio;

Figura 123: A "casinha" do sentinela;

Figura 124: Perspectiva casa de apoio aos filhos de santo

Figura 125: Perspectiva área de apoio - banheiros;

Figura 126: Perspectiva interna da casa de apoio - sala e cozinha;

Figura 127: Perspectiva casa de apoio - área de serviço;

Figura 128: Planta de cobertura;

Figura 129: Planta de cobertura perspectivada;

Figura 130: Caminhos e hierarquia;

Figura 131: Pântano Vasyugan (Rússia);

Figura 132: Pantanal;

Figura 133: Traçado do jardim;

Figura 134: "Desenho" do Jardim do Orixás;

Figura 135: Jardim do Orixás - Herbáceas e forração;

Figura 136: Jardim do Orixás - Árvores e arbustos;

Figura 137: Jardim dos Orixás;

Figura 138 e 139: Jardim dos Orixás;

Figura 140 a 169: Espécie;

Figura 170: Junco;

Figura 171: Corte esquemático;

Figura 172: Tubulação em planta;

Figura 173: Perspectiva do Altar de Nanã;

Figura 17.1 4 - Corte AA: Transversal;



# LISTA DE FIGURAS

Figura 175.1 : Corte BB: Longitudinal;

Figura 174.2: Corte AA: Transversal (humanizado);

Figura 175.2: Corte BB: Longitudinal (humanizado);

Figura 176.1: Corte CC - Transversal;

Figura 177.1: Corte DD - Transversal;

Figura 176.2: Corte CC - Transversal (humanizado);

Figura 177.2: Corte DD - Transversal (humanizado);

Figura 178: Fachada leste - Situação atual;

Figura 179 - Elevação humanizada 1 : Fachada Sudoeste;

Figura 180 - Elevação técnica 1 : Fachada Sudoeste;

Figura 181: Fachada leste - Situação atual;

Figura 182: Fachada leste - Intervenção;

Figura 183 - Elevação humanizada 2.1: Fachada sul (com muro);

Figura 184 - Elevação humanizada 2.2 : Fachada sul (sem muro);

Figura 185 - Elevação técnica 2.1: Fachada sul (com muro);

Figura 186 - Elevação técnica 2.2 : Fachada sul (sem muro);

Figura 187: Perspectiva da Caixa d'água;

Figura 188: Perspectiva da casa de apoio (residencial);

Figura 189: Perspectiva fachada sul;

Figura 190: Perspectiva fachadas internas;

Figura 191: EXÚ;

FIGURA 192: Perspectiva estacionamento;

FIGURA 193: Perspectiva entrada terreira de direita;

FIGURA 194: Perspectiva entrada principal;

FIGURA 195: Perspectiva entrada terreira de esquerda;

# LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1: Linhas da Umbanda e seus arquétipos;

Quadro 2: Terreiros e templos de religiões de matriz afro-indígena mapeados;

Tabela 1: Ocorrências por motivos religiosos em Campo Grande - Ms;

Tabela 2: Lei Complementar 341/2018 - Anexo 8.2 - Recuos mínimos;

Tabela 3: Lei Complementar 341/2018 - Anexo 8.2 - Índices e instrumentos urbanísticos;

Tabela 4: Lei Complementar 341/2018 Anexo 7.1 - Relevância ambiental;

Tabela 5.1: Programa de necessidades - Eixo religioso;

Tabela 5.2: Programa de necessidades - Eixo de apoio (público geral);

Tabela 5.3: Programa de necessidades - Eixo de apoio (membros do terreiro);

Tabela 5.4: Programa de necessidades - Eixo habitacional;

Tabela 6: Índices urbanos;

Tabela 7.1: Especificações das janelas utilizadas no projeto;

Tabela 7.2: Especificações das janelas utilizadas no projeto;

Tabela 8: Especificações das espécies vegetativas utilizadas no jardim;



# SUMÁRIO

## \* ABERTURA DA GIRA ..... 08

- Introdução
- Justificativa
- Objetivo geral
- Objetivos específicos
- Resultados esperados
- Metodologia

## \* CAPÍTULO 1 - AMACI: DO AMÉM AO AXÉ ..... 11

### 1.1 O Templo e a fé

### 1.2 Religiões de Matriz Africana

- 1.2.1 Candomblé, Umbanda e outras Macumbas

### 1.3 O Terreiro como território do Diabo

- 1.3.1 Exu, O Diabo
- 1.3.2 Racismo Religioso e a Perseguição aos Terreiros

### 1.4 Umbanda : A religião Brasileira

- 1.4.1 Ritos e Simbologias na Umbanda
- 1.4.2 O terreiro

## \* CAPÍTULO 2 - ASSENTAMENTO ..... 31

### 2.1 A mandinga no Mato Grosso do Sul

### 2.2 Campo Grande - MS: Histórias não contadas

- 2.2.1 A Benção de Tia Eva
- 2.2.2 A Umbanda em Campo Grande - MS : Mãe Elzira e o Templo Pai Oxalá

### 2.3 Territórios mágicos :Mapeando os territórios da Umbanda em Campo Grande - MS

- 2.3.1 Terreiros de Umbanda
- 2.3.2 Templo de Umbanda Pai Oxalá: O primeiro
  - 2.3.3 Tenda de Umbanda Aldeia do Cacique Cobra Coral
- 2.3.4 Além dos muros dos Terreiros

### 2.4 Intolerância religiosa em Campo Grande - MS

## \* CAPÍTULO 3 - O TERREIRO ..... 50

### 3.1 Nanã Buruquê

### 3.2 Área de intervenção

- 3.2.1 Localização
- 3.2.2 Legislação e Diretrizes Urbanas
- 3.2.3 Hierarquia Viária
- 3.2.4 Meio físico
  - 3.2.4.1 Topografia
  - 3.2.4.2 Trajetória solar e ventilação
- 3.2.5 Território simbólico

## \* CAPÍTULO 4 - O PROJETO ..... 61

### 4.1 Programa de necessidades

### 4.2 Estudo de ocupação

### 4.3 Arquitetura na encruzilhada: Tenda de Umbanda Mãe Nanã

- 4.3.1 Implantação
- 4.3.2 Planta: Ocupação e organização
- 4.3.3 Cortes : materialidade e técnicas construtivas
- 4.3.4 Elevações: composição e paisagem urbana



# ABERTURA DA GIRA

*Eu abro a nossa gira  
Com Deus e Nossa Senhora  
Eu abro a nossa gira  
Sambolê pemba de Angola*

## INTRODUÇÃO

A arquitetura religiosa constitui um campo de estudo que ultrapassa a dimensão física do espaço construído, adentrando esferas culturais, simbólicas e espirituais que moldam a experiência humana do sagrado. No contexto brasileiro, a Umbanda destaca-se como uma religião marcada pela síntese de matrizes indígenas, africanas e europeias, resultando em um conjunto de práticas rituais e espacialidades singulares. Apesar de religiões de matriz africana estarem presentes em todos os aspectos da cultura brasileira, os terreiros permanecem pouco explorados pela pesquisa arquitetônica, tanto no que se refere à compreensão de seus elementos simbólicos quanto à organização espacial que dá suporte aos ritos.

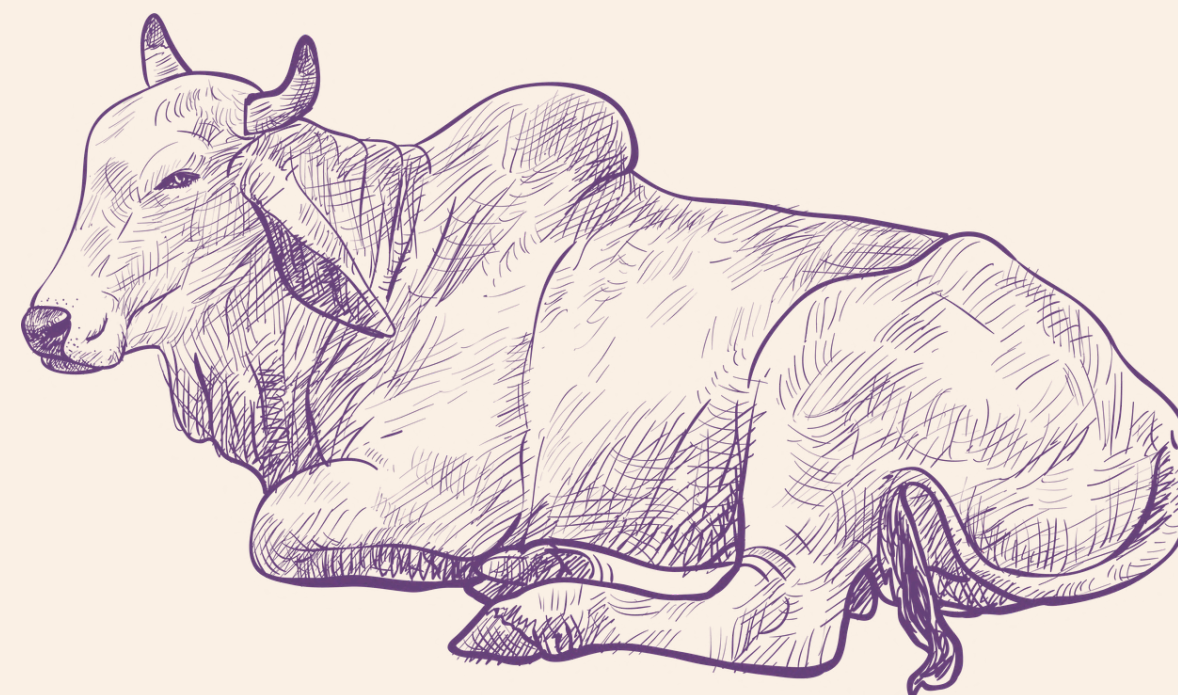
Diante desse cenário, o presente trabalho busca investigar como o rito é refletido no espaço arquitetônico dos terreiros. No primeiro capítulo a pesquisa se desenvolve a partir de uma retomada histórica, buscando compreender como se formou a Umbanda, sua relação com suas raízes africanas e indígenas, sua influência na sociedade brasileira e expor o preconceito e perseguição religiosa que os praticantes de religiões de matriz afro-ameríndias sofrem. Também é feita uma apresentação dos ritos, simbologias, divindades e festividades ligadas a religião, para compreender como o rito reflete na configuração espacial dos locais de culto, além da relação dos trabalhos espirituais com o espaço público.

No segundo capítulo é localizado geograficamente o foco da pesquisa, a cidade de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul. O objetivo nesta parte do trabalho é compreender como os ritos e religiões de matriz africana se estabeleceram no estado, e posteriormente como a Umbanda se organizou historicamente, socialmente e culturalmente na cidade. É a partir desta análise que foi possível compreender como a religião se organizou na capital e suas problemáticas específicas. Através do mapeamento de territórios relevantes para a Umbanda e de outras religiões, foi possível estabelecer comparativos, e compreender de forma clara como o tecido urbano é um reflexo direto da organização social, política e cultural.

No terceiro e quarto capítulo é apresentada a proposta de projeto de uma tenda de Umbanda. A partir das análises feitas no capítulo 1 e capítulo 2, foi escolhido o terreno de intervenção, localizado na Avenida Calógeras com a Rua Maracaju, a fim de se apoderar de um espaço que foi negado aos umbandistas, além de se localizar em uma região de grande importância histórica e cultural de Campo Grande -MS, próximo à Esplanada ferroviária e no caminho do trilho do trem.



Com base nas ritualísticas gerais da Umbanda, análises do Templo de Umbanda Pai Oxalá e da Tenda de Umbanda Aldeia do Cacique Cobra Coral, além de conversas com pais/mães e filhos de santos, foi estabelecido o programa de necessidades do projeto, a fim de atender as necessidades espirituais, físicas e simbólicas dos usuários. A importância deste estudo reside na necessidade de reconhecer os terreiros como patrimônios culturais vivos, cujas arquiteturas traduzem formas de organização únicas. A análise dos elementos simbólicos, funcionais e rituais que compõem esses espaços contribui não apenas para a valorização e reconhecimento da Umbanda, mas também para ampliar o repertório da própria arquitetura brasileira, que ainda se nega a reconhecer as influências vindas da África e dos povos originários. Assim, o tema mostra-se relevante tanto do ponto de vista acadêmico quanto social, ao promover um olhar mais sensível e informado sobre existências historicamente marginalizadas.



Ao escolher o tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso, sempre me vinha em mente estudar espaços marginalizados e invisibilizados, seja por sua localização, uso ou público alvo. Como uma estudante de uma universidade pública, acredito ser essencial alocar luz em temas pouco explorados e desvalorizados, gerando novos conhecimentos e trazendo discussões relevantes.

Comecei a frequentar terreiros de umbanda em fevereiro de 2024, sendo meu desejo de buscar por essa fé de muito antes, porém o medo e preconceito me impediram por muitos anos de atender esse chamado. Cresci em uma família evangélica que frequentava a Igreja Universal do Reino de Deus. Durante anos ouvi como Pombagiras desvirtuavam mulheres de bem e destruíam lares, Exus causavam vícios e violência, e comer os doces distribuídos por terreiros no dia de São Cosme e Damião era uma condenação direta para o inferno. As entidades da Umbanda me foram apresentadas como seres malignos que deveriam ser evitados e o Terreiro era o território do Diabo.

Foi o tempo, estudo e acesso a informação que quebrou todos esses preconceitos que sistematicamente foram construídos em mim. Acredito que uma pesquisa científica voltada para explicar esse espaço sagrado e suas ritualísticas é de extrema importância, uma vez que a informação é a principal arma contra a ignorância.

Mesmo o Brasil renegando religiões de matriz africana, elas moldaram os costumes, comportamentos, arte e espaços, seja no Réveillon em Copacabana no Rio de Janeiro; na principal festa cultural do País, o Carnaval; na sua clara influência no ritmo brasileiro mais conhecido, o samba; ou nas Espadas de São Jorge nas portas das casas. A importância do tema se encontra na contradição dos fatos. Mesmo com sua presença constante em tudo que é brasileiro, os terreiros de Umbanda e seus fiéis são perseguidos e marginalizados.

Acredito que o Terreiro é um objeto de estudo interessantíssimo no ponto de vista arquitetônico, paisagístico e urbanístico. Em minha primeira ida a um terreiro o que mais me chamou a atenção foi como aquele espaço se organizava. Apesar de muito semelhante a uma casa tipicamente brasileira em sua estrutura e materialidade, apresentava outras tantas particularidades.

Cada gira, que é o culto umbandista, varia conforme as entidades que serão celebradas no dia, que possuem ritos e performances bem distintas, então o mesmo espaço tem que ser capaz de atender essa diversidade. A Umbanda é uma religião de festas, músicas, fartura de comida e danças, então um terreiro tem que ser um espaço aberto para diversas possibilidades. Cada casa de axé, embora com fundamentos semelhantes, possui práticas próprias guiadas pelos seus mentores espirituais e líder religioso (Pai ou Mãe de Santo), sendo a flexibilidade um valor importante para os umbandistas, porque crêem que assim podem atender as vontades dos espíritos e energias que regem a casa.

### **Tudo no espaço do terreiro tem significado.**

Há uma série de desafios e possibilidades arquitetônicas e paisagísticas quando se pensa em projetar um terreiro, pois para alcançar o sagrado, elementos físicos são essenciais.

A música é de extrema importância para a religião, sendo o Atabaque, tambor utilizado para entoar os pontos cantados e encantados, o condutor do transe dos médiuns e o que conecta o mundo físico ao espiritual. Por se tratar de um culto longo e que na maioria das vezes acontece durante a noite, isso implica desafios relacionados a conforto acústico. O fogo é amplamente utilizado nos rituais, além da fumaça para a defumação, o que exige estratégias de conforto térmico e questões de segurança contra incêndios. Folhas e ervas são utilizadas para banhos e trabalhos espirituais, e espécies de flores e árvores possuem um forte valor simbólico, o que demanda um paisagismo que foge do tradicional.

O objetivo geral deste trabalho é entender os fundamentos de uma casa de axé e traduzi-los através de um projeto arquitetônico e paisagístico, considerando todas as simbologias, ritualísticas e necessidades físicas gerais de um Terreiro de Umbanda. Os objetivos específicos são:

- Mapear os Terreiros de Umbanda em Campo Grande-MS e elencar suas necessidades em comum para a elaboração de um espaço flexível que atenda os diversos fundamentos e rituais da religião;
- Trazer um estudo da religião pelo viés arquitetônico, paisagístico e urbanístico;
- Dar visibilidade a uma parcela da população que é marginalizada e perseguida.



Como resultado deste trabalho, espera-se compreender o funcionamento dos Terreiros de Umbanda em Campo Grande-MS e desmistificar preconceitos contra a religião, sendo uma retomada de uma parte da história que sempre foi invisibilizada. O projeto busca exaltar esse espaço sagrado que sofre com violências e ataques, assim como seus fiéis.

Também é esperado enriquecer o campo de pesquisa da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo, uma vez que as fontes referentes ao tema ainda são escassas, principalmente no recorte aqui apresentado. Para mais, almeja-se compreender a relação da cidade e seus espaços públicos com os Terreiros de Umbanda.

## METODOLOGIA

Quando tratamos de parcelas da sociedade sistematicamente marginalizadas é de extrema importância realizar a retomada histórica da formação dessa comunidade, uma vez que elas são intencionalmente invisibilizadas nos estudos formais. Neste trabalho foi feita a revisão bibliográfica para compreendermos a formação de todos os aspectos que cercam as religiões afro-indígenas, com o recorte da Umbanda, por meio de livros, teses, dissertações, artigos e reportagens relacionadas ao tema.

Uma das maiores problemáticas no desenvolvimento da pesquisa foi a falta de documentos acadêmicos e dados oficiais relacionados ao tema. A oralidade e a vivência foram essenciais para o desenvolvimento do trabalho. Como sou médium atuante em um terreiro e a Umbanda é algo presente no meu cotidiano há dois anos, utilizei informações sobre os ritos e simbologias extraídas através da minha própria experiência e observação. Quando tratamos sobre culturas com raízes africanas e indígenas, as fontes orais devem ser compreendidas como uma metodologia para o entendimento dessa realidade social, principalmente por conta da marginalização e criminalização que sofreram, fatos que dificultam o registro. Logo, reúnem credibilidade e possibilitam ressaltar o sujeito histórico a partir da memória, sendo assim, os ensinamentos e aprendizados retirados de conversas informais com Sacerdotes e outros filhos de santo também compõem a pesquisa.

Ao longo do trabalho, o local de culto umbandista será chamado de Terreiro, Templo, Tenda, Cabana e Casa de Axé, pois todos estão corretos e são utilizados por praticantes da religião. Outra variação é referente às origens da religião, que pode ser categorizada como religião de matriz africana, religião afro-ameríndia ou religião afro-indígena.

A Umbanda não possui códigos de regras ou livros sagrados, como a Bíblia ou Alcorão, por exemplo. Os conhecimentos são transmitidos através dos ensinamentos dos mais velhos e dos guias espirituais, ou seja, não existem dois terreiros iguais. Não há um consenso geral entre a comunidade umbandista sobre os aspectos ritualísticos da religião. A flexibilidade é um valor essencial nas práticas de religiões de matriz africana. Para compreender o espaço físico dos terreiros, primeiramente foi necessário compreender o espaço espiritual e simbólico da religião.

Devido a falta de uma base de dados oficial, para o mapeamento dos Terreiros e locais com influência da religião, foi utilizado os dados fornecidos pela plataforma Google Maps e a orientação de uma mãe de santo que possui 23 anos de prática da religião na capital morena, com o objetivo de traçar na cidade de Campo Grande-MS as territorialidades mais relevantes para essa pesquisa. Seguindo a mesma metodologia, foram mapeados os principais templos Católicos e Evangélicos na cidade, com foco nas grandes congregações cristãs, a fim de estabelecer um comparativo de ocupação, o que influenciou diretamente na escolha do terreno de intervenção.

E para a elaboração do programa de necessidades do projeto da Tenda de Umbanda Mãe Nanã, foram usados dois terreiros de referência, o Templo de Umbanda Pai Oxalá e da Tenda de Umbanda Aldeia do Cacique Cobra Coral, ambos localizados em Campo Grande-MS, além da minha própria vivência como filha de santo e conversas com outros umbandistas.



FIGURA 1: Cabeça é Divindade. ARTISTA: Breno Loeser

## CAPÍTULO 1 - AMACI: DO AMÉM AO AXÉ

*AMACI vem da palavra 'amaciar', 'tornar receptivo', é um ritual, uma espécie de iniciação que todos os médiuns umbandistas, iniciantes ou não, devem se submeter. É um ritual onde o objetivo é preparar o médium para receber as energias com equilíbrio. O amaci "fortalece" a ligação do médium com seu orixá e energias.*

## 1.1 O Templo e a fé

Segundo Oskar Verkaaik, em sua obra "Religious Architecture" (2013), há uma tendência em todas as religiões contemporâneas de afirmar que o cerne da religião está na fé individual, na comunidade, nos rituais ou na doutrina, e não no edifício religioso. Porém, de forma contraditória a essa ideia, é notável quanto tempo, energia e dinheiro são investidos na construção de novos edifícios religiosos ao redor do mundo. Então, surge uma pergunta: Por que investir em algo que é considerado obsoleto e dispensável? (Verkaaik, 2013).

FIGURA 2: Basílica de São Pedro - Vaticano, Itália.



FONTE: Wikipédia Imagens.

FIGURA 3: Templo de Salomão, a sede da instituição Igreja Universal do Reino de Deus, localizada em São Paulo- SP.



FONTE: Wikipédia Imagens.

Uma primeira hipótese é o argumento de que os edifícios religiosos podem não ser apenas um espaço de culto, mas também locais essenciais em um sentido social e político, representando a identidade religiosa, essencial no sentimento de pertencimento de uma comunidade. No caso de minorias religiosas, que é o caso do presente trabalho, o templo religioso está ligado à retomada de memória, herança cultural e resistência. Porém, essa análise separa a expressão material da religião e o verdadeiro coração imaterial da religião, como elementos separados. **Embora a religião por definição busque o imaterial, ela necessariamente precisa do material para evocar o imaterial** (Verkaaik, 2013).

Existem casos onde Igrejas e sinagogas perdem sua função religiosa e são convertidas em livrarias, bares, museus ou centros culturais. Como a Livraria Waanders in de Broeren, que funciona dentro de uma igreja gótica na Holanda, ou a discoteca Paradiso, em Amsterdã, também localizada em uma antiga igreja. Isso significa que deixaram de ser edifícios religiosos? Ou um antigo galpão ou escola transformado em mesquita passa a ser uma peça de arquitetura religiosa? Conforme afirma Verkaaik, o espaço é definido pelo ritual, e não o contrário, e que o status de um edifício como religioso ou mesmo sagrado é situacional, o que sugere que definições nunca podem ser estáticas (Verkaaik, 2013).

FIGURAS 4 e 5: A discoteca Paradiso, em Amsterdã, que funciona em uma antiga igreja.



FONTE: Divulgação/Harry Brieffies/Paradiso),2016.

Oskar Verkaaik define os espaços religiosos como "heterotopias" – termo cunhado por Foucault, heterotopia é um "outro lugar" que existe dentro de um espaço estabelecido, e a arquitetura religiosa não é definida por qualidades intrínsecas, mas sim por sua oposição ao espaço secular e seu potencial de criar espaços de busca pelo divino, nos quais o secular é confirmado justamente pela existência de seu oposto (Verkaaik, 2013).

**FIGURA 6: Stonehenge.**



Fonte: Reuben Wu, Nat Geo Image Collection, 2025.

Quando analisamos culturas religiosas não cristãs, um lugar sagrado e de culto não se limita ao espaço construído, sendo a natureza parte essencial do espaço sacralizado. Um exemplo é Stonehenge, que fica na planície de Salisbury, no sul da Inglaterra, e foi construída há cerca de 5 mil anos. As perguntas sobre por que e como os povos antigos construíram ainda é um mistério, incluindo a origem das pedras. A chamada pedra do altar continua sendo um enigma, incluindo o seu verdadeiro uso, mas sua colocação evoca um altar (Wilke, 2025). Muitas questões permanecem sobre o propósito exato de Stonehenge e da Pedra do Altar, porém, o monumento se alinha com o sol durante os solstícios de inverno e verão, tendo boas evidências que sugerem seu significado ancestral e religioso (Strickland, 2024).

A perspectiva religiosa dos povos originários, sendo aqueles cuja ancestralidade os vincula a um território ou a um contexto sociocultural, e, por consequência, têm a primazia histórica no uso do espaço e elaborações culturais da região de origem. No Brasil, os indígenas correspondem a esses grupos tradicionais, cujo modo de vida, expressões simbólicas e culturais são peculiarmente desenvolvidos em relação íntima e recíproca com a natureza, derivados de milênios de convivência. Aqui, as ideias e sentimentos associados ao sagrado não têm as mesmas bases de sustentação e percepção da realidade elaborada hegemonicamente no ocidente cristão (Ponzilacqua, 2020).

## 1.2 Religiões de Matriz Africana



*Agô-iê, Agô-iê, Agô-iê, Agô  
Mutumbá, Mutumbá  
Pai maior, oni-babá!  
Trazidos por navios negreiros  
Do solo africano para o torrão brasileiro  
Os negros escravos  
Que entre gemidos e lamentos de dor  
Traziam em seus corações sofridos  
Seus Orixás de fé  
Hoje tão venerados no Brasil  
Nos rituais de Umbanda e Candomblé  
Neste terreiro em festa  
Entre mil adobás  
Prestamos nosso tributo aos Orixás*

**Tributo aos Orixás- Canção de Clara Nunes**

No período escravocrata, que durou do século XVI até a assinatura da Lei Áurea em 1888, qualquer manifestação religiosa que não fosse católica era entendida como contravenção penal. Pessoas escravizadas trazidas para o Brasil eram batizadas já no porto onde partia da África ou assim que chegavam ao novo continente, sendo marcados à brasa ou sendo colocada uma argola de ferro em seu pescoço para identificar o seu novo status de cristão (Fernandes, 2017). Milhões de africanos escravizados foram traficados até o século XIX, onde os navios negreiros transportaram pelo Atlântico não um produto, mas seres humanos com sua carga cultural, personalidade e crenças.

**Assim, os Orixás também passaram a habitar as Américas.**

Cardoso (2015) afirma que os dois grupos étnicos africanos principais a serem trazidos para o Brasil foram os sudaneses e os bantos. Os sudaneses eram islâmicos, em sua maioria, sendo os iorubás/nagôs, jeje, mina, haussas e tapas/bornus os principais grupos étnicos desse grupo. Aos bantos pertenciam os angolas, os congos/cabindas e os benguelas. A presença de sudaneses era maior na Bahia, enquanto que no Rio de Janeiro e Pernambuco predominavam os bantos. Havia uma grande diversidade cultural e linguística entre os povos africanos que forçadamente passaram a viver no Brasil, então a uniformidade racial não correspondia a uma unidade linguístico-cultural, sendo uma estratégia dos escravistas para diminuir as possibilidades de uma rebelião (Honaiser, 2006).

### Sudaneses (islâmicos)

- Iorubás/nagôs
- Jeje
- Mina
- Haussas
- Tapas/bornus

**Bahia**

### Bantos

- Angolas
- Congos/cabindas
- Benguelas

**Rio de Janeiro**

**Pernambuco**

Na região no entorno dos engenhos, começaram a surgir os mocambos, agrupamentos de negros fugidos, sendo o conjunto deles chamado de quilombos. Os mocambos provavelmente foram os primeiros locais onde a cultura negra tenha se expressado com liberdade, apesar de ficarem escondidos dos engenhos e dos núcleos urbanos. O mais conhecido e maior agrupamento negro do Brasil foi o Quilombo dos Palmares, que ocupava uma extensa faixa de terra abrangendo parte da zona da mata e do agreste alagoano (Honaiser, 2006).

O desmonte do Quilombo dos Palmares passou a ser uma necessidade para manter em ordem a economia açucareira. Seu fim se deu na transição do século XVII para o XVIII, com Domingos Jorge Velho. A partir daí, a cultura negra passou a ser combatida no sul da Capitania de Pernambuco, atual Estado de Alagoas. Os ritos dos negros, suas danças, suas festas e sua língua passaram a ser proibidos. O impedimento da expressão da cultura de uma sociedade é uma tentativa de assassinar sua identidade (Honaiser, 2006).

Mesmo enfraquecidos socialmente, a identidade cultural deste povo se manteve pela religiosidade. Foi através do sincretismo religioso (a combinação de elementos de tradição africana aos católicos) por eles adotado que o culto dos Orixás poderia ser feito a um Santo Católico, ou seja, ao celebrar um santo como São Sebastião, estaria celebrando ao Orixá Oxossi. Mas eram nos batuques das senzalas, nas danças e nos cantos que se reviveu o culto dos Orixás e os ritos sagrados. Assim, driblando o olhar do capitão do mato, os negros mantinham sua fé e devoção (Honaiser, 2006).

As religiões de matrizes africanas são regidas pelos espíritos, tanto os ancestrais quanto os da natureza. Esses espíritos são responsáveis pelo equilíbrio e pela criação do mundo, então as religiões de origem africana têm uma relação de respeito e dependência com a natureza, pois é nela que reside a força da vida, o sustento da comunidade e todos os elementos para as realizações dos rituais religiosos. Cappelli (2010, p.328) afirma:



Não existe um mundo laico, da carne e outro espiritual, divino, como normalmente estamos acostumados a conceber na medida em que somos frutos desta oposição entre o bem e o mal que fundamenta as raízes do cristianismo e outras religiões baseadas na constituição do sagrado e do profano. As religiões africanas prezam pela coletividade de sua tribo, de sua nação, diferente da salvação ocidental, a qual o indivíduo deve buscar sua iluminação sozinho. Para o africano uma atitude errada de um membro da tribo traz consequência à todos, afetando por completo a coletividade.

**Cardoso (2015) diz que as celebrações e cultos religiosos acontecem de uma forma no continente africano, mas quando chegam ao Brasil seus elementos ganham novas funções e significados, influenciados pelo o que é nativo, como a natureza e os povos indígenas. O ambiente é essencial para a constituição da espiritualidade e ritualística. A pluralidade e a diversidade são os princípios das religiões de matriz africana (Cardoso, 2015).**

O Candomblé foi o modelo de culto adaptado às circunstâncias encontradas no Brasil, sendo fruto das condições adversas da escravidão que colocou em um mesmo território diversos grupos étnicos que cultuavam divindades distintas em diferentes regiões da África. Os terreiros de Candomblé foram imprescindíveis para a sobrevivência cultural negra e para a integração étnica, representando um ideal de sociedade para os negros em meio à todo sofrimento causado pela escravidão (Cardoso, 2015). Foi no século XIX que os primeiros terreiros de Candomblé surgiram no Brasil, precisamente na cidade de Salvador, onde as pioneiras foram mulheres originárias de Kêto, antigas escravas libertas, pertencentes à Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte da Igreja da Barroquinha, que criaram o terreiro de Candomblé chamado Ìyá Omí Àṣẹ̀ Àìrá Intilè, também conhecido como Candomblé da Barroquinha (Honaiser, 2006).

A partir do Terreiro da Barroquinha, iniciou-se o processo de multiplicação das “casas de santo”, porque geralmente um terreiro nasce a partir de outro, onde as mães e pais de santo formam, ao longo de anos, seus filhos-de-santo, que se tornam mães e pais pequenos e, posteriormente, mães e pais de santo de seus próprios terreiros. Porém, isso não quer dizer que todos os terreiros do Brasil possuem uma descendência direta do Barroquinha, sendo este o primeiro a se oficializar enquanto espaço de culto (Honaiser, 2006). Atualmente, o Terreiro da Barroquinha é chamado Casa Branca do Engenho Velho, sendo um patrimônio tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Os terreiros são testemunhos materiais de que nossas cidades coloniais não se construíram com modelos arquitetônicos e urbanísticos exclusivamente europeu, por mais que os colonizadores inviabilizassem essa contribuição (Cardoso, 2015).

Onze terreiros de Candomblé tradicionais já foram designados patrimônio cultural brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). O Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana 2013-2015 estabeleceu, entre suas metas, o acompanhamento de processos de tombamento dos terreiros existentes no Brasil, com a produção do Inventário Nacional de Referências Culturais. É interessante ressaltar que o tombamento não se limita à edificação em si, mas envolve todo o espaço do entorno, uma vez que a natureza é essencial na ritualística.

#### TERREIROS DE CANDOMBLÉ TOMBADOS PELO IPHAN

- Terreiro da Casa Branca, Salvador - BA;
- Terreiro do Axé Opô Afonjá, Salvador - BA;
- Terreiro do Alaketo, Ilê Maroiá Láji, Salvador - BA;
- Terreiro Casa das Minas Jeje, São Luís - MA;
- Terreiro de Candomblé Ilê Ìyá Omim Axé Iyamassé, Salvador - BA;
- Terreiro de Candomblé do Bate-Folha, Salvador - BA;
- Terreiro de Candomblé Ilê Axé Oxumaré, Salvador - BA;
- Terreiro Zogbodo Male Bogun Seja Unde (Roça do Ventura), Cachoeira - BA;
- Terreiro Culto aos Ancestrais / OMO Ilê Agbôulá, Itaparica - BA;
- Terreiro Tumba Junsara, Salvador - BA;
- Terreiro Obá Ogunté / Sítio Pai Adão, Recife - PE;

**FIGURA 7: Primeiro terreiro tombado pelo Iphan, o Terreiro Casa Branca do Engenho Velho, localizado em Salvador (BA), foi reconhecido como Patrimônio Cultural Brasileiro e inscrito nos livros do Tombo Histórico e Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, em 1984.**



Fonte: IPHAN, 2014.

**FIGURA 8: Terreiro do Axé Opô Afonjá. É o terreiro mais antigo de que se tem notícia e o que, segundo vários autores, serviu de modelo para todos os outros, de todas as nações.**



Fonte: IPHAN, 2014.

**FIGURA 9: O Terreiro Ilê Axé Oxumaré é considerado um dos mais relevantes templos da cultura afro-brasileira e foi tombado pelo Iphan, em 2013.**



Fonte: IPHAN, 2014.

#### **ITAPARICA (BA)**

- *Omo Ilê Agboulá*

**FIGURA 10: O Terreiro Omo Ilê Agboulá, de culto a Egungun foi tombado em novembro de 2015. Fundado em 1940, é o remanescente mais antigo do culto a egunguns (ancestrais masculinos).**



Fonte: IPHAN, 2014.

## Cachoeira (BA)

- *Zagbodo Male Bogun Seja Unde (Roça do Ventura)*



**FIGURA 11:** O tombamento do Terreiro Zogbodo Male Bogun Seja Unde, no município de Cachoeira (BA), abrange todo o sitio natural e os elementos edificados, além de árvores referenciais dos ritos Jeje (como as Casas de Hospedagem), Oiá (altar), Peji (cerimonial - com salão, ronco e cozinha sagrada), Casa dos Antepassados, Fonte de Oxum, além de poço, ponte e instalações sanitárias. Fonte: IPHAN, 2014.

### • 1.2.1 Candomblé, Umbanda e outras Macumbas



*Vem de umbanda  
De quimbanda a candomblé  
Vovô foi feito em Pemba  
Vovó feita na Guiné  
Vovô foi feito em Pemba  
Vovó feita na Guiné*

**Tatarue - Canção de Maria Teresa Gomes**

Embora a macumba seja uma árvore de origem africana e um instrumento musical de percussão, essa palavra acabou se tornando uma forma pejorativa de se referir a todas as manifestações religiosas de matrizes africanas e todos aqueles que as praticam são estigmatizados como “macumbeiros” (Cardoso, 2015). Após a abolição da escravatura, um contingente de ex-escravos foram libertos sem nenhuma política de amparo para que se integrassem à sociedade, sendo forçados a ocupar áreas marginalizadas e sem infraestrutura das cidades. Negros e indígenas trocavam entre si experiências culturais/religiosas e passaram a realizar cultos sincréticos, reunindo elementos de origem africana e indígena, também permeados pelo catolicismo. Comumente os cultos eram animados até altas horas por sons de tambores e atabaques denominados de “macumba” e sob forte repressão da polícia (Gonçalves, De Oliveira, 2019).

Há uma grande diversidade de práticas religiosas de matriz africana que permeiam a cultura do Brasil, porém, duas grandes correntes se destacam: o Candomblé com suas nações (Queto, Jêje, Banto, Nagô), originária da fusão dos vários ritos dos Orixás na África; e outra que é a Umbanda, considerada a primeira religião nascida no Brasil. **Apesar de terem uma mesma base ritualística (o culto aos Orixás), essas duas religiões possuem diferenças marcantes em suas práticas** (Honaiser, 2006).

O Candomblé possui um culto tradicionalista, uma vez que os Orixás são cultuados conforme os padrões que mais se aproximam aos ritos africanos, existindo um movimento em que alguns terreiros de Candomblé se distanciam cada vez mais do sincretismo religioso e influências do catolicismo, entretanto, ainda é uma religião brasileira, assim como a Umbanda, pois não existe Candomblé na África (Cardoso, 2015).

No Candomblé, os Orixás dançam e liberam seu axé no terreiro, não há conversa diretamente com eles, sendo as consultas feitas através de um oráculo que estabelece comunicação com os orixás e entidades espirituais, o Búzios, que auxilia na tomada de decisões e na resolução de problemas. O responsável pelos ritos e cuidados da Casa de Santo (Terreiro) é o babalorixá (sacerdote masculino) ou yalorixá (sacerdote feminina) (Cardoso, 2015).

Entre os principais Orixás podemos citar:

- Oxalá: divindade da criação dos seres humanos, sendo o soberano que tudo comanda;
- Xangô: divindade dos trovões, da pedra e da justiça;
- Ogum: governa o ferro, a metalurgia, a guerra;
- Oxossi: divindade das florestas e da caça;
- Omolu: divindade da transformação e das doenças contagiosas;
- Oxumarê: divindade serpente que controla as chuvas e o arco-íris e as boas colheitas;
- Exu: o grande mensageiro, responsável pelo contato entre os demais orixás e os humanos, guardião dos templos, das casas e das pessoas;
- Iemanjá: divindade da fertilidade e das águas salgadas;
- Oxum: divindade da beleza e das águas doces, dona do ouro e da vaidade;
- Iansã: divindade dos raios e das tempestades, dos ventos e dos relâmpagos;
- Nanã: divindade guardiã do saber ancestral, uma das mais velhas, da lama teria feito os seres humanos;
- Ossaim: divindade das ervas e das folhas;
- Ifá: divindade conhecedora do destino dos homens, que detém o saber do oráculo.

## 1.3 O Terreiro como território do Diabo

Cardoso (2015) afirma que a Umbanda herdou da macumba suas práticas mágicas e rituais africanizados; do kardecismo, a doutrina dos espíritos; do Candomblé, o panteão dos Orixás; do Xamanismo indígena, suas ervas e curas; além de ter sofrido influências orientais, ciganas, islâmicas e até mesmo das religiões holísticas da chamada "Nova Era". Na liturgia umbandista Olorum (origem lorubá), Zambi (origem Bantu) ou Deus é o princípio de tudo, inclusive dos Orixás, portanto é uma religião monoteísta.

O constante movimento das crenças africanas se manifesta na flexibilidade da Umbanda. Gonçalves e De Oliveira (2019) explicam que ao se tratar de Umbanda, o termo afro-brasileiro pode acabar por invisibilizar semanticamente a formação sincrética, que além das influências africanas, consta também com influências indígenas e europeias, sendo particularizadas em solo brasileiro. O "afro-ameríndio-euro-brasileira" seria mais apropriado por englobar a diversidade que compõem a religião umbandista. Na primeira década do século XX ocorreu o que muitos consideram o nascimento da Umbanda. Conforme Gonçalves e De Oliveira (2019) afirmam:



Aos 17 anos de idade Zélio Fernandino de Moraes preparando-se para entrar na Marinha Brasileira passou a apresentar problemas de saúde (paralisias, sintomas de epilepsia) entendidos por muitas religiões mediúnicas como sintomas de "afloramento mediúnico". Após insucesso com a medicina, padre e benzedeira, foi encaminhado a um templo espírita kardecista, a Federação Espírita de Niterói, sob liderança de José de Souza. No dia 15 de novembro de 1908, Zélio de Moraes incorporou um espírito com traços diferentes dos espíritos que se manifestavam nas reuniões Kardecistas, o que ficaria conhecido depois como espírito Caboclo. O espírito manifestado, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, foi interpolado pelos dirigentes a respeito do que lá fazia, já que esboçava um arquétipo diferente das entidades kardecistas, e avisou que no dia seguinte, na casa de Zélio, aos dias 16 de novembro, seria fundada uma nova religião a qual aceitaria as enunciações de espíritos de pretos e índios, àquela época considerados poucos evoluídos pelo kardecismo" (Gonçalves, De Oliveira, 2019, p. 114.).

Tal história já foi narrada ou mencionada inúmeras vezes, sendo difícil encontrar um texto, acadêmico ou não, sobre a umbanda que não a mencione, onde algumas fontes a tratam como mito propriamente dito ou como marco histórico. Apesar que para muitos esse seria o momento que se iniciou a Umbanda, a formação da religião é um processo histórico e social complexo construído pelo tempo, e a Umbanda Zéliana não é unânime nos terreiros, então pode se categorizar esse relato como um mito fundador (Cardoso, 2015).

As religiões de matriz africana, que englobam umbanda, candomblé e outras religiões como Quimbanda, Xangô, Tambor de Mina, Batuques e outras, apresentaram um aumento expressivo de praticantes conforme os dados do Censo 2022, onde o grupo saiu de 0,3% em 2010 para 1,0% em 2022, um crescimento de 0,7 ponto percentual. Essas religiões têm sua maior concentração nas regiões Sul (1,6%) e sudeste (1,4%). O censo não traz respostas definitivas sobre a mudança, pois muitas pessoas que praticam as religiões de matriz africana preferiram responder que eram espíritas ou Católicas em pesquisas anteriores, por medo de retaliação e violência (Brasil de Fato, 2025).



*A intolerância que chutou a santa e queimou terreiros  
Santa ignorância que remete aos tempos lá do cativo  
Em nome de qual o Senhor esculacha morador  
Que na sexta veste branco?  
Esse é o meu povo de santo sob a lei do opressor*

**Povo de Santo - Canção de João Martins e Luciano Bom Cabelo**

As repressões às religiões de matriz africana iniciam-se ainda em período escravocrata. Neste momento, os africanos escravizados eram objetos de posse e seres indignos de humanidade, tampouco poderiam ter crença. Na sociedade colonial do século XVIII, as práticas religiosas africanas eram consideradas manifestações de magia ou feitiçaria, e passíveis de punição pelo código canônico e perseguidas pela igreja e pelas autoridades. Assim, a religiosidade negra teve efeitos marcantes no imaginário dos agentes colonizadores sob um misto de admiração e de terror encarnado nas figuras das "feiticeiras" e "curandeiras". O Estado cria mecanismos reguladores do combate aos "feiticeiros", introduzindo as práticas das religiões afro-brasileiras no Código Penal de 1890 em três artigos: 156, 157, 1586, que condenam sobre a prática ilegal da medicina, prática de magia e proibição ao curandeirismo. No século XX, são organizadas formas de controle institucional a essas práticas, criando-se as Delegacias de Jogos e Costumes (Fernandes, 2017).

Em 1912, como consta em um jornal arquivado do NEAB (Núcleo de Estudos Afro Brasileiros da UFAL), foi realizada uma ação batizada de "Quebra-Quebra dos Terreiros", no qual a polícia civil promoveu a destruição e perseguição de cerca de 50 casas de culto afro existentes em Maceió, Alagoas, na noite de 1º de fevereiro de 1912. As invasões, espancamentos e prisões aos praticantes de candomblé, umbanda e outros cultos ocorreram até a madrugada de 2 de fevereiro, quando os praticantes homenageiam as entidades de Oxum e Iemanjá. O Quebra-Quebra provocou o fechamento de vários terreiros e a dispersão de Yalorixá e Babalorixás para outros Estados. Os que ficaram na localidade, continuaram praticando os cultos em silêncio, sob intensa repressão e medo. Passados 113 anos, este fato continua a ser lembrado e usado como símbolo de resistência através de manifestações no cortejo Xangô Rezado Alto (Notícias UFAL, 2024).

**FIGURA 12: Cortejo religioso percorre Rua Sá e Albuquerque em ato de resistência e devoção.**



Foto: Aaron Neves/ Ascom FMAC.

Em 1941, dando continuidade à criminalização das religiões espiritualistas, o chefe de polícia exigia, além do registro na delegacia distrital e na especializada, registros na Delegacia Especial de Segurança Pública e na Delegacia Geral de Informações, para obter os antecedentes políticos, sociais e criminais de seus componentes. Em 1942, foi aprovado um novo Código Penal, onde os artigos 282, 283, 284 imputam crimes contra a saúde pública, charlatanismo e curandeirismo. Neste ponto da história, começa haver uma diferenciação das práticas mediúnicas e o legislador começa a aceitar alguns tipos de espiritismo, mas os de matriz africana, contudo, continuavam criminalizados. Esses achados demonstram a associação clara dos cultos africanos ao mal, da figura da religião negra ao menos evoluído, ao engano e ao charlatanismo. A obrigatoriedade de registro nas Delegacias de Jogos e Costumes é revogada somente em 1976. As perseguições continuaram no período da ditadura militar (Fernandes, 2017).

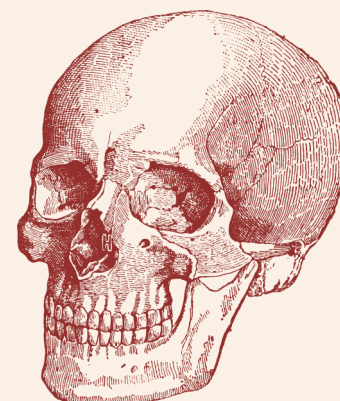
### • 1.3.1 Exu, O Diabo



*Exu  
É o começo  
Atravessa o avesso  
Exu é o travesso  
Que traça o final  
Exu é o pau  
No caule que sobe  
Sozinho que sabe  
O caminho de além  
De bem e mal  
Dito  
Pelo não dito  
Odara é bonito se a água não acaba  
Elegbara elegante no falo que baba  
Exu é quem cruza e descruza o amor  
Bará não tem cor  
Estará onde quer que qualquer corpo for  
Pra todo trabalho  
É o laço e o atalho  
É o braço e a mão  
Do falho e do justo  
Exu é o custo  
Do movimento  
O tormento do ser  
Que não é  
Exu*

**Exu - Canção de Serena Assumpção**

Conforme explica Morais(2010)



Na Mitologia africana, Exu (que na língua iorubá significa "esfera"), filho de Oxalá e Iemanjá e irmão de Oxossi e Ogum, é o princípio de tudo, a força vital que rege a vida, sendo pura energia, esta simbolizada, na África, pelo membro ereto do macho, o falo. Gerador do que existe, Exu é a capacidade dinâmica de tudo aquilo que tem vida, possibilitando-nos as ações de pensar e agir, pois tudo é movimento. Exu está presente na penetração, na ejaculação e na primeira célula gerada. Como Orixá da comunicação e de tudo aquilo que representa o comportamento humano, Exu simboliza a contradição de todo ser humano, o sim e o não, o ser e o não ser, possuindo uma porção negativa e positiva. Esta dualidade vai de encontro ao imaginário dominante em nossa sociedade, que apresenta o mal como a força de um ser que foi expulso, por Deus, do Paraíso (Morais, 2010, p.88).

Exu é um Orixá rebelde, sexual, viril, vingativo e exige sacrifícios de animais em seu nome. É o mensageiro primordial que conecta o mundo físico (Aiyê) e espiritual (Orun), abrindo caminhos, regendo a comunicação e o movimento. Também representa a alegria e vitalidade. Exu é, acima de tudo, o Orixá que mais se aproxima da natureza humana. Em 1789 foram feitos os primeiros relatos não africanos sobre Exu, que mostram o Orixá tendo seus membros sexuais feitos de terra e sendo tão grandes que tornam-se desproporcionais ao resto do corpo. Os sacrifícios de sangue também eram descritos com horror pelos forasteiros. Devido a essas características, logo no primeiro contato que os europeus tiveram com a cerimônia dedicada a Exu, este se tornou o "diabo" da bíblia (Cardoso, 2015).

Nas religiões de matriz africana existe o Orixá Exu, vindo do candomblé, sendo ele uma divindade única e com sua própria mitologia, e também existe a falange de Exus e Pombagiras (exu fêmea), oriunda da Umbanda, que são entidades relacionados a noite, boêmia, justiça, feitiçaria, prosperidade e amor, tendo, assim como o Orixá, sentimentos muito próximos dos humanos encarnados (Cardoso, 2015).



FIGURA 13 e 14: Exu e pombagira. Vivo quadro - Mavi.

Laroyê Exu, Exu é Mojubá!



No processo do sincretismo religioso os Orixás foram sendo equiparados aos santos católicos. Oxalá recebeu o título de Jesus Cristo. Iansã, Oxum e Yemanjá, por exemplo, foram sincretizadas com as grandes mães, Santa Bárbara, Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora dos Navegantes. Os Orixás femininos perderam suas características mais mundanas ao serem sincretizadas, como a vaidade, a sexualidade e a agressividade para se tornarem criaturas santas, doces, sensíveis e maternais. As características que divergiam do fundamento moral cristão para as mulheres foi dado às Pombagiras (Cardoso, 2015).

FIGURA 15: Pombagira. Breno Loeser.

Os Exus femininos são percebidos como entidades de caráter duvidoso, aproveitador, que utilizam de exacerbada sensualidade, alegria e sexualidade com o objetivo de desvirtuar homens, se opondo às virtudes cristãs como a da castidade, honestidade e humildade. Contrariando o imaginário cristão-ocidental hegemônico de mulher submissa, estigmatizada e indigna de assumir determinados cargos, a mulher na Umbanda é uma figura bastante valorizada (Morais, 2010).

### • 1.3.2 Racismo Religioso e a Perseguição aos Terreiros

Entende-se intolerância religiosa como crime de ódio que fere a liberdade e a dignidade humana, a violência e a perseguição motivadas por questões religiosas, sendo atos de extrema gravidade e costumam ser caracterizadas pela ofensa, discriminação e até mesmo por atos que atentam à vida. Os praticantes de religiões de matriz africana enfatizam que nas ações de intolerância as manifestações de racismo são constantes. Assim, o melhor termo para definir estas ações seria "racismo religioso", pois outras religiões não cristãs não sofrem o mesmo tipo de preconceito, que está diretamente ligado à formação colonial, à divisão e valorização racial negativa, influenciando na compreensão da religião (Fernandes, 2017).

A discriminação e intolerância religiosa são fenômenos frequentes e estatisticamente superiores a outras religiões no caso dos praticantes de religiões de matriz africana. A Umbanda e o Candomblé foram as mais discriminadas e tiveram mais que o dobro de casos de intolerância registrados entre 2023 e 2024, conforme mostra os dados do Disque 100 canal de denúncias do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC), que registrou 2,4 mil denúncias, tendo uma alta de 66,8% em relação às denúncias deste tipo feitas em 2023 (1.481). As pessoas violadas com mais frequência são pertencentes aos segmentos: umbanda (151), candomblé (117), evangélico (88), católico (53), espírita (36), outras declarações de religiosidades afro-brasileiras (21), islamismo (6), judaísmo (2). Em 1.842 denúncias, não houve indicação da religião. Em 2023, levantamento da startup JusRacial apontou que um terço dos processos por racismo em tramitação nos tribunais do país envolviam intolerância religiosa.

Brasil

## Denúncias de violações por intolerância religiosa cresceram 81% em 2024

A Umbanda e o Candomblé, religiões de matriz africana, foram as mais discriminadas e tiveram mais que o dobro de casos de intolerância registrados entre 2023 e 2024

Por Pâmela Dias — Rio de Janeiro

23/01/2025 09h14 · Atualizado há 11 meses



FIGURA 16: Manchete de "O GLOBO - Brasil", 2025.

ESTADO LAICO

## Disque 100 registrou 2,4 mil casos de intolerância religiosa em 2024

Número de violações cresceu 66,8% em um ano

22, JAN, 2025 - 18:30 DANIELLA ALMEIDA | AGENCIA BRASIL

FIGURA 17: Manchete de "BRASIL DE FATO", 2025.

Na Constituição Federal, de 1988, a liberdade de crença e o exercício de culto são garantidos em seu artigo 5º, inciso VI, também presente no Estatuto da Igualdade Racial, Lei 12.288/2010.

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: (...)

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

No entanto, o direito ao respeito religioso não é uma realidade, o cristianismo desde a colonização segue atuando como religião pública e está entrelaçado na estrutura do Estado. Particantes de religiões de matriz africana não possuem a liberdade de culto de maneira satisfatória, pois são muitos os casos cotidianos de intolerância religiosa, discriminação e racismo contra seguidores das religiões afro-brasileiras no Brasil (Fernandes, 2017).

Os praticantes da fé de matriz africana realizam seus trabalhos espirituais além do espaço físico do terreiro, utilizando em sua ritualística locais com elementos naturais e simbólicos sagrados, como cemitérios, encruzilhadas, praças, praias, parques e cachoeiras. Desta forma as ações discriminatórias se dão no espaço público, principalmente quando os religiosos estão vestidos com as roupas de santo e adornos. As casas de axé são alvos constantes das ações dos intolerantes, sendo elas invadidas e depredadas, além de acusações falsas de venda de tóxicos ou de manter menores em cárcere privado, dificuldades em alugar locais para o culto, ameaça de expulsão ou perseguição por vizinhos, entre outros problemas que os sacerdotes e sacerdotisas passam para manter sua casa de santo aberta (Cardoso,2015).

FIGURA 18: MANCHETE RJ: terreiro de Umbanda é alvo de ataque e roubo; bíblia é deixada no local.



Fonte: - Mariana Grasso, CNN,2025.

## Terreiro de umbanda é alvo de vandalismo na cidade de Tutóia, no baixo Parnaíba

O local, que fica na rua Santo Antônio, na comunidade Porto de Areia, foi invadido e imagens de orixás foram quebradas.

Por TV Mirante

29/04/2025 15h55 · Atualizado há 8 meses

FIGURA 19: Manchete TV Mirante. 2025.

### Leia também:

- **Dona de loja de artigos religiosos de matriz africana denuncia intolerância religiosa no MA**
- **Membros de terreiro de matriz africana apontam 'intolerância religiosa' praticada por integrantes de igreja evangélica em São Luís**
- **Justiça condena pastores de São Luís por fazerem culto em frente a terreiro de candomblé**

FIGURA 20: Compilado de manchetes no site G1 da Globo. 2025.

Em 2008, no Rio de Janeiro, foi criada a Comissão de Combate à Intolerância Religiosa (CCIR), por líderes de religiões afro-brasileiras, com o objetivo de combater a intolerância religiosa e promover a liberdade religiosa. Também construiu o Fórum de Diálogo Interreligioso e elaborou a base do Plano Nacional de Combate à Intolerância Religiosa. A Comissão criou também um programa para atendimento às vítimas de intolerância religiosa e atualizou o sistema de registro de ocorrências com a "Lei Caó", que se refere à Lei nº 7.716/89, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou cor no Brasil. O Artigo 208 do Código Penal prevê pena de reclusão de um a três anos e multa para quem escarnecer, impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso, ou vilipendiar ato ou objeto de culto religioso (Cardoso, 2015).

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) é um importante pilar referente à intolerância religiosa no Brasil, tendo como marco a distribuição do livro "Orixás, Caboclos e Guias: Santos ou Demônios?" que enaltece a demonização das entidades sagradas e ritos das religiões de matriz africana. O autor do livro e fundador da IURD, Bispo Edir Macedo (1997), apresenta as religiões afro-brasileiras como seitas, pois não tem embasamento bíblico, sendo elas as responsáveis pelas mazelas sociais e degradação moral, além de culpá-las por todo o impedimento de prosperidade financeira na vida das pessoas (Cardoso, 2015).

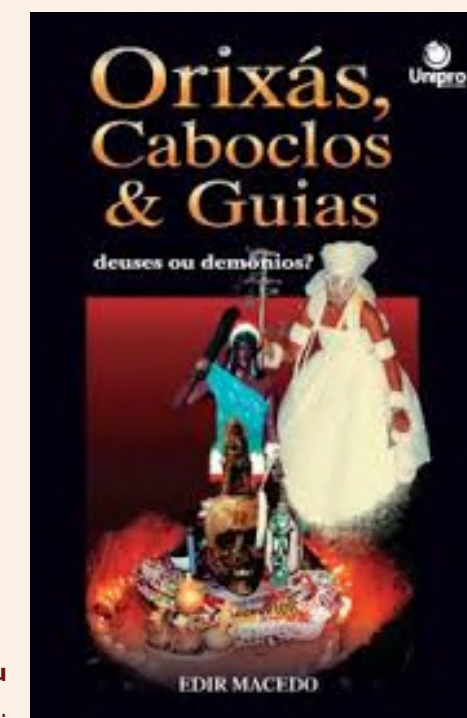


FIGURA 21: Capa do livro "Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?" de Edir Macedo, 1997. Fonte: Wikipédia.

## 1.4 Umbanda : A religião Brasileira

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), em seu jornal a “Folha Universal” escreveu uma matéria que trazia como manchete a seguinte frase, “ Macumbeiros charlatões lesam o bolso e a vida dos clientes” com a foto da Mãe Gilda do terreiro Axé Abassá de Ogum em Salvador, Bahia.



FIGURA 22: Folha Universal (2000).

Após ver a matéria e sua foto estampada no jornal evangélico, a ialorixá, que já possuía uma saúde frágil, sofreu um infarto e faleceu. Como homenagem à Mãe no Santo Gildásia dos Santos, o Dia Nacional de luta contra a Intolerância Religiosa passou a ser celebrado no dia 21 de janeiro através da lei 11.635 (Cardoso, 2015).

FIGURA 23: O busto de Mãe Gilda no bairro de Itapuã, em Salvador, é símbolo da luta contra a intolerância religiosa.



Fonte: Secom / Governo da Bahia, 2019.

*Eu caminhei com a luz do Sol  
Iluminei igual o dia  
Eu vi o amor virar o mal  
E mesmo assim, não me escondia  
Covardes, falo pros covardes  
Que suas vontades não ferem quem tem fé*

**Não te devo nada - Canção de BK**

*Banda Um que é África, que é Báltica, que é Céltica  
UmBanda América do Sul  
Banda Um que evoca um bailado de todo planeta  
UmBandaUm, Banda Um*

**Banda Um - Gilberto Gil.**

A história da Umbanda no Brasil apresenta diferentes perspectivas de análise, sendo uma temática polêmica dentro da própria comunidade umbandista. Tendo em vista a pluralidade etimológica e sobre a origem da Umbanda, muitos autores se referem à oficialização do nascimento dessa religião (ou pelo menos algo próximo) como “mito de sua origem”, para se referirem ao dado “marco zero” do culto de Umbanda em 1908 (Gonçalves, De Oliveira, 2019).

Na primeira década do século XX ocorreu o que muitos consideram como “nascimento” da Umbanda, com Zélio Fernandino de Moraes, que recebeu pela primeira vez o espírito do Caboclo das Sete Encruzilhadas em uma reunião Kardecista. O Caboclo anuncia que, no dia seguinte, na casa de Zélio seria fundada uma nova religião, que aceitaria espíritos não aceitos no espiritismo kardecista. No dia prometido uma multidão rodeou a casa de Zélio de Moraes, situada na época à Rua Floriano Peixoto nº 30, Neves, São Gonçalo, Rio de Janeiro, quando novamente manifestou o espírito Caboclo das Sete Encruzilhadas, que proclamou o nome da religião e instituiu fundamentos doutrinários e ritualísticos da Umbanda. Além disso, batizou o espaço onde ocorreria as “sessões”: Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade (Gonçalves, De Oliveira, 2019).

FIGURA 24: Zélio Fernandino de Moraes em reunião na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade.



Fonte: BBC Brasil, 2018.

FIGURA 25: Casa de Zélio de Moares na Rua Floriano Peixoto nº 30, Neves, São Gonçalo, Rio de Janeiro, RJ.



Fonte: Autor desconhecido.



Posteriormente, outras entidades, como Pai Antônio, o Preto Velho recebido por Zélio, estipulou outras regras: prática da caridade como sendo o fundamento norteador dos cultos; adesão ao Evangelho, assim como no Kardecismo; uso de roupas brancas; cultos sem tambores; gratuidade dos trabalhos; aceitação de espíritos de pretos e indígenas; uso de defumadores, guias, velas, flores, pontos riscados, bebidas próprias de cada entidade, entre outros (Gonçalves, De Oliveira, 2019).

Zélio de Moraes e as entidades recebidas por ele adquirem um papel de relevância na trajetória da religião, se estabelecendo como um "mito fundador". Foi a partir da ação deste que se intensificou a busca pela legitimação da Umbanda, minimizando-se assim a ação da Delegacia de Tóxicos e Mistificações sobre os terreiros e a intolerância religiosa dos segmentos conservadores da sociedade. A prática umbandista de Zélio de Moraes foi fundamental para a organização política e social da(s) Umbanda(s) realizadas no Brasil, principalmente a partir da criação da Federação Espiritista de Umbanda (1939), atualmente denominada por União Espiritista de Umbanda do Brasil (UEUB) (Gonçalves, De Oliveira, 2019). Porém, essas conquistas se deram a partir do embranquecimento da religião e apagamento de suas raízes africanas e indígenas, fomentando a demonização dos atabaques, o sacrifício de animais e de entidades como os Exus e Pombagiras.

Já haviam registros de cultos muito semelhantes aos da Umbanda já no Brasil Colonial, no Calundu de Luzia Pinta, nascida em Luanda, Angola, e traficada para Bahia, que depois mudou-se para o interior das Minas Gerais, entre os anos de 1720 e 1740. Os cultos organizados por Luzia eram frequentados por negros e brancos e os trabalhos aconteciam ao som de cantos e toques de atabaques. O objetivo das reuniões era a purificação da comunidade, a cura de doenças, adivinhações e a quebra de demandas. A música e a dança começavam até que Luzia entrava em transe, a partir daí ela se vestia com as roupas da entidade incorporada, também faziam parte dos seus rituais, rezar missas para Santo Antônio e São Gonçalo (Silva, 2024). Conforme explica Silva (2024):

**FIGURA 26: Retrato imaginário de Luzia Pinta**



Fonte: (Fundo: Sabará, por A. V. Guignard), Sou Sabará.

Havia no Calundu o sincretismo de elementos religiosos vindos do catolicismo, da pajelança indígena e elementos africanos, a influência católica era notada na presença das rezas e das imagens dos santos católicos, que eram invocados no início dos rituais. A pajelança indígena revela-se através da utilização de ervas medicinais, cascas de árvores e raízes nos rituais de cura, no uso de penachos na cabeça como o cocar dos pajés. Os elementos africanos encontravam-se na possessão, nos atabaques, nos tambores, nos cantos e no linguajar. No decorrer do culto aconteciam o transe espiritual, a cura e o desmanche de demandas, havia a manifestação de entidades, uma delas era conhecida como "Capitão", este a igreja católica o considerava um demônio, apresentava-se falante e dançando e em outros momentos se comportava de maneira introspectiva. Percebe-se que essas características se assemelham ao comportamento da entidade Exu, presente na Umbanda, assim como a entidade "Capitão" (Silva, 2024, p.10).



Durante os séculos XVI, XVII, XVIII e início do XIX foram descobertos vários praticantes do Calundu, incluindo Luzia, os quais foram perseguidos e torturados pela Inquisição da Igreja Católica, que considerava o Calundu uma prática demoníaca, herege e que os seus praticantes tinham vínculo com o demônio (Silva, 2024).

**FIGURA 27: Pintura de Calundu em Pernambuco por Zacharias Wagner.**

O nascimento da Umbanda, portanto, não pode ser entendido a partir de um "marco-mito", nem tampouco empreendido a partir de um contexto histórico social enclausurado. Apesar de assumir a manifestação mais ampla de espíritos do que o kardecismo, a Umbanda anunciada em 1908 não teria o ineditismo dessa prática, pois os espíritos componentes da Umbanda Zeliana já se manifestavam em outros cultos de matriz afro-indígena no século XVIII. A institucionalização da Umbanda não foi processo hegemônico, isso porque havia, de um lado, os proponentes de uma Umbanda desafricanizada, branca, sem tambores, chamada de "Umbanda Branca", centralizada na imagem de Zélio de Moraes, e, do outro lado, Tatá Tancredo, sacerdote negro, com a Umbanda Omolokô, advogando por uma religião de origens africanas (Do Nascimento, Oliveira, 2024).

**FIGURA 28: Tatá Tancredo da Silva Pinto**



Fonte: Templo Espiritual Pantera Negra, 2010.

Tancredo da Silva Pinto é considerado o organizador do culto Omolokô no Brasil e o responsável direto pela reunião dos adeptos dos cultos afro-brasileiros em Federações umbandistas para defender o seu direito de ter e cultivar uma religião afro-brasileira. O nome Omolokô define um culto originário do Rio de Janeiro com práticas rituais e de culto aos Orixás, Bacuros/Inkices ou Voduns e que possui, também, culto as Entidades Espirituais da Umbanda (Caboclos, Pretos-Velhos, Exus e outros) e entidades encontradas no Catimbó-Jurema, Toré, Babaçuê, Tambor de Mina etc. O culto Omolokô foi um dos principais influenciadores da formação da Umbanda africanizada ao lado do Candomblé de Caboclo, da Cabula e do próprio Candomblé. Tata Tancredo afirmava que: "a Umbanda é africana, é um patrimônio da raça negra" e que achava graça quando ouvia os "líderes da Umbanda Branca dizendo que a religião [apenas] sofre influência das tradições africanas" (Filho, 2019).



Como o próprio Tatá Tancredo contava, o que o motivou a criar federações umbandistas para defender os direitos dos cultos afro-brasileiros foi o recado dado pelo Orixá Xangô, na casa de santo de sua tia, o terreiro São Manuel da Luz, em Duque de Caxias, Rio de Janeiro. Xangô teria orientado Tatá a criar uma sociedade para proteger os umbandistas e prometeu ajudá-lo nessa missão.

FIGURA 29: Tatá Tancredo da Silva Pinto  
Fonte: Templo Espiritual Pantera Negra.2010.

Assim, Tancredo fundou a Confederação Umbandista do Brasil e ajudou a fundar, em outros Estados, novas federações umbandistas, a fim de defender os direitos dos cultos afro-brasileiros. Ele afirmava que a Confederação Umbandista do Brasil, fundada em 1952, foi criada "com a finalidade de restabelecer a tradição antiga, em toda sua força e pureza primitiva", ou seja, a origem africana da Umbanda (Filho, 2019).

É importante mencionar que Tatá Tancredo organizou o que seria um dos maiores encontros espirituais já realizados no Brasil, como relata o historiador Luiz Antônio Sima no livro "Maracanã: quando a cidade era terreiro". Em 13 de maio de 1965, durante a ditadura militar, o Rio de Janeiro foi palco de um evento religioso que marcou a história da Umbanda: a "Gira de Umbanda no Maracanã". Comemorando os 400 anos da cidade, a cerimônia atraiu cerca de 40 mil pessoas ao estádio. Tancredo foi responsável por coordenar a manifestação, que envolveu diversas entidades espirituais. Não à toa, Tatá passou a ser conhecido popularmente como o "Papa Negro da Umbanda" (Revista Fórum - História. Raony Salvador, 2025).

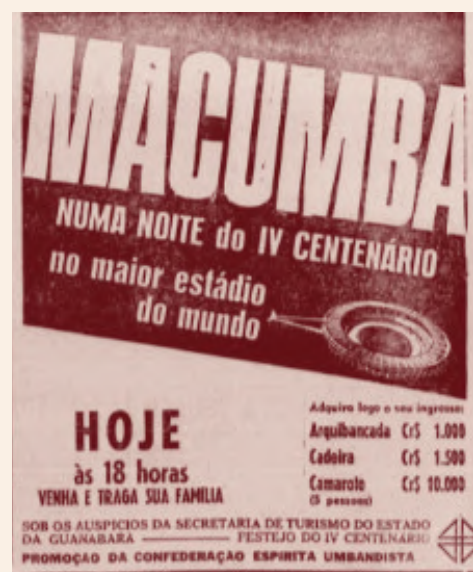


FIGURA 30: Manchete convoca para a Gira no Maracanã. Fonte: Revista Fórum, 2025.



FIGURA 31: Manchete convoca para a Gira no Maracanã. Fonte: Revista Fórum,2025.

A religião se organizou em torno de dois pólos opostos: um formado pela Umbanda "branca", influenciada pelo kardecismo e pelo desejo de criar uma imagem socialmente respeitável e, logo, não-africana; e o outro, pela Umbanda "africana" que reivindicava seus laços com os cultos afro-brasileiros (Filho,2019). **Diante a todo esse contexto, entendemos que a Umbanda nasceu como ela é, mas tentaram "nascê-la" como queriam que ela fosse. A religiosidade umbandista é uma construção coletiva, sem fundador, sem profeta, sem livro sagrado, cuja origem e desenvolvimento encontram-se no corpo, tanto coletivo quanto individual.**

O movimento umbandista, como expressão cultural de uma sociedade complexa e heterogênea, não pôde se desvencilhar do ambiente em que foi gerado e das interferências que lhe circundam. Então, de forma ambígua, embora seja um produto de elaboração popular, refletindo as preocupações e as aspirações de uma origem humilde, vê-se penetrado, orientado e comprometido por expressões ideológicas emanadas dos setores dominantes (Gonçalves, De Oliveira, 2019). A Umbanda fez-se mais ocidental que as demais religiões do espectro afro-brasileiro, mas nunca completou este processo de ocidentalização. **Assim, a Umbanda tem sido reiteradamente identificada como sendo a religião brasileira por excelência.**

A casa que recebeu o Caboclo das Sete Encruzilhadas e outras diversas entidades, foi demolida em 2015, sendo transformada em uma loja e depósito.



FIGURA 32: Obra Oke Oxossi, de Abdias Nascimento, 1970.

“A demolição nos deixa muito decepcionados, pois perdemos uma referência da chegada da mensagem do Caboclo das Sete Encruzilhadas”, diz Pedro Miranda, presidente da União Espiritista de Umbanda do Brasil em 2015. Há mais de cem anos com a família de Zélio, o imóvel foi vendido a Wanderley da Silva, que ao ser questionado afirmou: “Eu nunca soube que a casa tinha essa história. Mas agora já comprei, investi, não posso deixar de demolir”. Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), nunca houve um pedido de tombamento do imóvel. A antiga casa de Zélio também não era protegida pelo governo estadual ou pela Prefeitura de São Gonçalo (O Globo, 2015). Apesar das contradições do “Mito fundador” e da Umbanda proposta por Zélio de Moares não ser unânime, é inegável a importância histórica da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade para a história da religião e de seus praticantes.

**FIGURA 28 e 29: Ruínas Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade.**



Fonte: Roberto Moreyra / Extra, 2011.

#### • 1.4.1 Ritos e Simbologias na Umbanda

*“Apaga a luz e acende a vela, que a magia vai começar. “*

*Prepara o alguidar, acende a vela  
Firma ponto ao sentinela  
Pede a bênção pra vovô  
Faz a cruz e risca a pamba  
Que chegou Exu Pimenta e a falange de Xangô  
Tem erva pra defumar, carrego o meu patuá  
Adorei as almas que conduzem meu caminho  
É mojubá, marabô, invoque a Lua  
Que o povo da encruza não vai me deixar sozinho*

**Samba-Enredo 2025 - Salgueiro de Corpo Fechado**

**FIGURA 33: VÓ, arte de Ilustra Black.**



Ilustra  
Black

Como foi possível observar na análise histórica da formação da religião, não há uma normatização dentro da Umbanda, sendo esse um dos aspectos mais difíceis do estudo do simbolismo religioso, pois não existem dois terreiros iguais, tendo uma grande variação de fundamentos, símbolos e ritualísticas. A flexibilidade é um valor importante para os umbandistas, porque crêem que assim podem atender as vontades das entidades que guiam o caminho espiritual dos terreiros, sendo esses chamados de Guias (Cardoso, 2015).

É no dia-a-dia do terreiro, no contato com os guias, que pais e filhos-de-santo, repassam e renovam o conhecimento sobre a espiritualidade, então cada "casa" possui a sua forma de tratar suas entidades, porém, existe uma organização padrão seguida pelos praticantes da religião. A Umbanda acredita que os espíritos possuem muitas vias evolutivas, organizadas por arquétipos com sua própria natureza íntima. Além dos Orixás, a Umbanda adota, em seus ritos, o culto a entidades agrupadas nas falanges ou linhas, sendo aglomerados de entidades espirituais que se aliam por afinidades. Assim como os Orixás, as sete Linhas de Umbanda possuem seus simbolismos, seus ritos, suas festas e, principalmente, sua maneira de manifestação espiritual. Cada Linha da Umbanda é um universo próprio (Honaiser, 2006).

**QUADRO 1: LINHAS DA UMBANDA E SEUS ARQUÉTIPOS**

Linhas da Umbanda	Arquétipo
1ª – Linha de Oxalá	Representa a fé e a religiosidade
2ª – Linha de Iemanjá ou Linha do Povo D'água	Representa o Amor e a Geração. Também trabalham nesta Linha os Orixás Oxum e Nanã. Falange que governa a maternidade.
3ª – Linha de Oxóssi (caboclos)	Representa o Conhecimento, a Fatura e o Trabalho. Estimulam o raciocínio. Falange que trabalha com a cura através das ervas.
4ª – Linha de Xangô	Representa a Justiça. Falange que estimula a justiça e a razão.
5ª – Linha de Ogum	Representa a Lei. Trabalha com as demandas da fé as dificuldades da vida e mantém a ordem.
6ª – Crianças	Essas entidades, altamente evoluídas, externam pelos seus cavalos, maneiras e vozes infantis de modo sereno, às vezes um pouco vivas. Quando no plano de protetores, gostam de sentar no chão e comer coisas doces, mas sem desmandos. Seus pontos cantados são melodias alegres e algumas vezes tristes, falando muito em Papai e Mamãe de céu e em mantos sagrados.
7ª – Também chamada de Linha das Almas (pretos-velhos)	Essa linha é composta dos primeiros espíritos que foram ordenados a combater o mal em todas as suas manifestações. São os Orixás Velhos, verdadeiros magos que velando suas formas cármicas, revestem-se das roupagens de Pretos-Velhos ensinando e praticando as verdadeiras "mironogas". Eles são a doutrina, a filosofia, o mestrado da magia, em fundamentos e ensinamentos. Geralmente gostam de trabalhar e consultar sentados, fumando cachimbo, sempre numa ação de fixação e eliminação através de sua fumaça.

Os guias são os falangeiros (ou seja, que fazem parte das falanges das entidades), e estes incorporam nos médiuns durante as giras (sessões de trabalho espiritual) de Umbanda. Estes guias nos ajudam a entender os mistérios da vida e a se aprofundar na religião, como forma de vida e de destino, ajudando na evolução e desenvolvimento espirituais. Os guias são divididos em duas linhas gerais de trabalho, a linha da Direita e a linha da Esquerda. A Direita representa a força da ordem, do equilíbrio e da justiça, enquanto a Esquerda está associada à força da transformação, da renovação e do mistério. Ambas são necessárias e complementares, trabalhando juntas para manter o equilíbrio (Sgrott, 2020).

• **FLANGES DE DIREITA**



**Linha dos Caboclos:** Constituem o braço forte da Umbanda, muito utilizados nas sessões de desenvolvimento mediúnico, curas através de ervas e simpatias, desobsessões e uma série de outros serviços executados nas tendas. Conhecidos como senhores da mata, essas entidades costumam ter gestos que remetem rituais e a culturas indígenas (Honaiser, 2006).

**FIGURA 34: Caboclos. Arte de Vivo quadro.**

**Linha dos Pretos Velhos:** Esta linha também é conhecida como Linha das Almas. A linha dos Pretos velhos corresponde aos espíritos dos anciões negros que não necessariamente tenham sido escravizados quando vivos. Apresentam o corpo curvado e uma voz envelhecida. O dia em que a Umbanda homenageia os Pretos Velhos é 13 de maio, que é a data em que foi assinada a Lei Áurea (Honaiser, 2006).



**FIGURA 35: Bença. Preto Velho. Arte de Vivo quadro.**



**Linha das Crianças (Ibejis):** Também chamados de Ibejis e Cosmes, esta linha corresponde aos espíritos que se manifestam sob a forma de crianças. Como qualquer criança, essas entidades gostam de brincar, comer doces e ganhar presentes. A festa de São Cosme e Damião é uma das principais celebrações para os Umbandistas, sendo a ocasião de maior dedicação de tempo, dinheiro e energia dentro de um terreiro (Honaiser, 2006).

FIGURA 36: Umbanda Sagrada. Arte de Vivo quadro.

**Linha dos Baianos:** Na Umbanda, a "Falange dos Baianos" é um grupo de espíritos que trabalham com alegria e descontração, sendo oriundos da Religião Jurema Sagrada. São pouco presentes na literatura umbandista pois sua aparição é recente. Apesar do nome, não se limitam apenas a espíritos de baianos, mas de nordestinos como um todo (Honaiser, 2006).

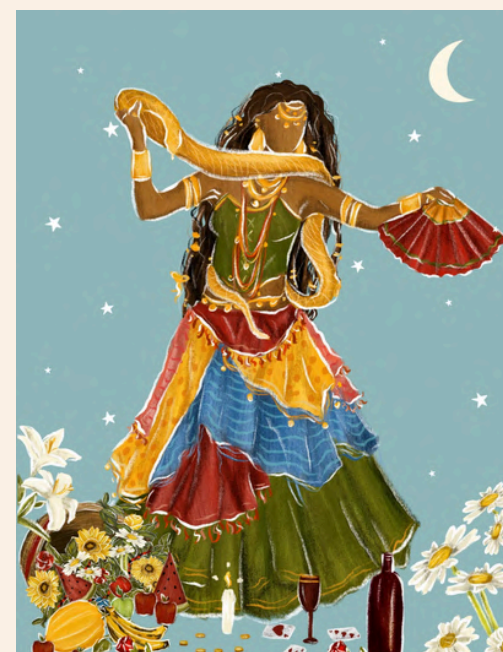


FIGURA 38.1: Bahia. Arte de Vivo quadro.

**Linha dos Boiadeiros:** Trata-se das entidades dos peões brasileiros. Quando se apresentam nos Terreiros, geralmente pedem um chapéu de couro e fazem a mudança do padrão de energia do local, elevando as vibrações e fazendo a limpeza necessária para o seguimento da reunião (Honaiser, 2006).



FIGURA 37: Boiadeiros. Arte de Vivo quadro.



**Linha dos Ciganos ou Linha do Oriente:** São as classes de espírito de ciganos, ou que se identificam com a vida cigana. Seus rituais são em sua maioria realizados com frutas, flores, essências e muitos lenços (Honaiser, 2006). Sua aparição em terreiros se deve a afinidade energética que alguns espíritos ciganos possuem com a umbanda, mas não são umbandistas por natureza, se apresentando em outras religiões.

FIGURA 39: Cigana formosa. Arte de Vivo quadro.

#### • FLANGES INTERMEDIÁRIAS

Ciganos, Baianos, Marinheiros e Malandros podem transitar entre a Esquerda e a Direita, dependendo da doutrina da casa de axé.

**Linha dos Marinheiros:** São espíritos de marujos, pescadores e pessoas que trabalhavam com o mar. Quando se manifestam, andam como quem estivesse sobre um navio em mar agitado, cambaleando de um lado para outro, muitas vezes, aparentando que irão cair no chão. Levam as energias e sentimentos negativos para as profundezas do oceano (Honaiser, 2006).



FIGURA 38: Marinheiros. Arte de Vivo quadro.

**Linha dos Malandros:** Os malandros têm como principal característica de identificação, a malandragem, o amor pela noite, pela música, pelo jogo e pela boemia. São aqueles que mesmo marginalizados e violados, não perderam a alegria (Templo de Umbanda Vovó Catarina, 2020).



FIGURA 39.1: Salve a Malandragem. Arte de Vivo quadro.

## • FLANGES DE ESQUERDA

### **Linha dos Exus, Pombagiras e Exu Mirim:**

Mesmo Exu sendo um Orixá, existem, na Umbanda, entidades que se denominam Exus por afinidade. O mesmo ocorre com as Pombagiras, conhecidas como Exu mulher. O Exu mirim é um arquétipo infantil dos Exus, porém não é uma criança como os Ibejis. Essas entidades se apresentam de forma diversa (Honaiser, 2006).



**FIGURA 40: Proteção Maior-Laroyê. Arte de Vivo quadro.**



Na Umbanda, os Orixás são divindades que representam forças da natureza e aspectos da vida humana, sendo cultuados como entidades espirituais que atuam na vida dos seus filhos e protegidos. Porém, diferentemente do Candomblé, se apresentam nos terreiros de Umbanda apenas na forma de "vibração", não incorporando-se aos médiuns (Cardoso, 2015). Por se tratar de uma religião sincrética e diversa, que mescla elementos do Kardecismo, Catolicismo e religiões afro-indígenas, a depender da casa de Umbanda, os Orixás podem ser cultuados sincretizados aos santos católicos, ou de maneira mais tradicional as origens africanas, cruzado com a prática do Candomblé.

## • 1.4.2 O terreiro

A inserção dos terreiros de umbanda na malha urbana é, geralmente, camuflada, escondendo-se por trás dos "muros". Assim, para a compreensão da constituição desses espaços, não basta apenas encontrá-los nas ruas e nos quintais das casas, mas entendê-los enquanto aspectos históricos e simbólicos (Honaiser, 2006). Os católicos, por exemplo, possuem, oficialmente, locais propícios para suas práticas, aceitas pelos valores dominantes, enquanto que os umbandistas, vivem muitas vezes excluídos do restante da sociedade e marginalizados.

Religiões cristãs, principalmente a evangélica, implementam no imaginário coletivo as imagens da Umbanda relacionadas a práticas de rituais demoníacos, entrelaçadas à bruxaria e aos espíritos maus, o que acaba refletindo em ataques violentos a terreiros e participantes da Umbanda. Assim as tradições umbandistas são colocadas na clandestinidade. Neste contexto, o terreiro passa a ser um local de resistência (Morais, 2010).

No que se refere aos espaços e lugares essenciais na construção identitária dos umbandistas, além dos terreiros e/ou templos, espaços naturais como as matas, cachoeiras, mar, atmosfera e rocha, por exemplo, são sacralizados. Espaços públicos como cemitérios, estradas e encruzilhadas também são locais sagrados, sendo espaços de comunhão com um conjunto de signos e valores (Morais, 2010). Esses locais não são escolhidos ao acaso: cada um possui significados espirituais e é associado a Orixás e entidades. Por exemplo:

- Praias e beira-mar → associados a Marinheiros, Iemanjá, Oxum e Iansã;
- Matas e clareiras → ligadas a Oxóssi, Caboclos e forças da natureza;
- Encruzilhadas e estradas → pontos de Exu e Pombagira;
- Cachoeiras e nascentes → relacionadas a Oxum e às energias de limpeza e prosperidade;
- Cemitério - Omulu/Obaluaiê, Exu e Pombagira.

Nesses locais podem ser feitos os mais diversos tipos de trabalhos espirituais, como oferendas, quebra de demandas, despachos, batismos e muitos outros. Esses trabalhos realizados em espaços públicos fortalecem a conexão dos praticantes com a natureza e o mundo espiritual, e são fundamentais para o equilíbrio energético e a proteção dos fiéis. Além disso, reafirmam a presença da Umbanda na paisagem urbana e natural.

**FIGURA 41: Devotos e admiradores deixando presentes para Iemanjá na praia do Rio Vermelho, em Salvador, em 2019.**



Fonte: Max Haack/Ag Haack, 2019.



O corpo de trabalho do terreiro é formado pela Mãe de Santo ou Pai de Santo, eles são responsáveis pela orientação dos Filhos de Santo, sustentação e organização do terreiro. Ekedys ou Cambônes são Médiuns consagrados para servir os Guias e Mentores durante os trabalhos espirituais, auxiliando as entidades, manipulando elementos e contribuindo para a realização de magias.

**FIGURA 42: Trabalho realizado em uma mata em Terenos, MS.**

Fonte: campograndenews, 2025.

Geralmente os cambônes passam despercebidos pelos visitantes, pois não incorporam, mas depois do Pai/Mãe de Santo, são o cargo mais importante dentro de um terreiro. Os Médiuns que recebem os Guias ou Entidades, podem ser chamados de aparelhos, rodantes ou cavalos, estabelecendo o contato entre o mundo espiritual e os encarnados. Assistência é o grupo de pessoas que são atendidas pelos Guias, equivalente aos “fiéis” de uma religião cristã, estão ali em busca de limpeza energética, cura do espírito e do corpo e de conselhos para diversas questões da vida (Silva, 2024).

Apesar da grande diversidade de simbologia e ritualística nas casas de axé, a estrutura organizacional e física do terreiro de umbanda apresenta características em comum. De modo geral suas sessões (Giras) são abertas para o público e o atendimento é gratuito. O altar no terreiro de Umbanda é chamado de Congá, sendo ele o centralizador de todo o trabalho do terreiro, nele se encontram as imagens dos Orixás, imagens dos Guias, imagens dos Santos Católicos, incensos, velas, guias (colares de santo), símbolos, quartinhas de água e muitos elementos utilizados no assentamento do terreiro, sendo sua disposição física algo individual de cada terreiro (Silva, 2024).



**FIGURA 43: Congá do Templo de Umbanda Aldeia do Cacique Cobra Coral, Campo Grande-MS.**

Fonte: Autoria própria, 2025.

A Tronqueira fica próxima à porta de entrada do terreiro, é o ponto de força onde está firmado o poder dos guardiões da Esquerda, nela estão imagens e símbolos relacionados à Exu e Pomba Gira (Silva, 2024). Pela diferenciação de frequência energética e campos vibracionais, as imagens e elementos relacionados as linhas de Direita ficam separadas da linha da Esquerda. Dificilmente se tem registros fotográficos das tronqueiras, pois o mistério faz parte da força de Exu.

**FIGURA 43.1: Tronqueira.**

Fonte: Fundamentos do Axé, 2025.



As Giras normalmente são abertas ao público e são embaladas pelos Ogãs, responsáveis por tocar os atabaques (tambor sagrado que guia a ritualística umbandista). Sem música não acontece a gira, pois é o som dos tambores e pontos cantados que manipulam a energia do terreiro, possibilitando às entidades a trabalhar. Nas giras de Direita, os trabalhos são iniciados com a defumação do ambiente (limpeza energética), sendo feitas preces e orações de Pai Nosso, Ave Maria e Anjo protetor, e após essa ritualística inicial, são realizadas consultas e passes espirituais com os guias da Linha de trabalho do dia (Pretos Velhos, Cosme, Caboclos, Boiadeiros, Baianos, Marinheiros). Nas giras de Esquerda não há defumação, mas os Exus e Pomba Giras costumam fumar cigarros e charutos para a limpeza energética do local (Silva, 2024).

**FIGURA 44: Gira de Direita.**

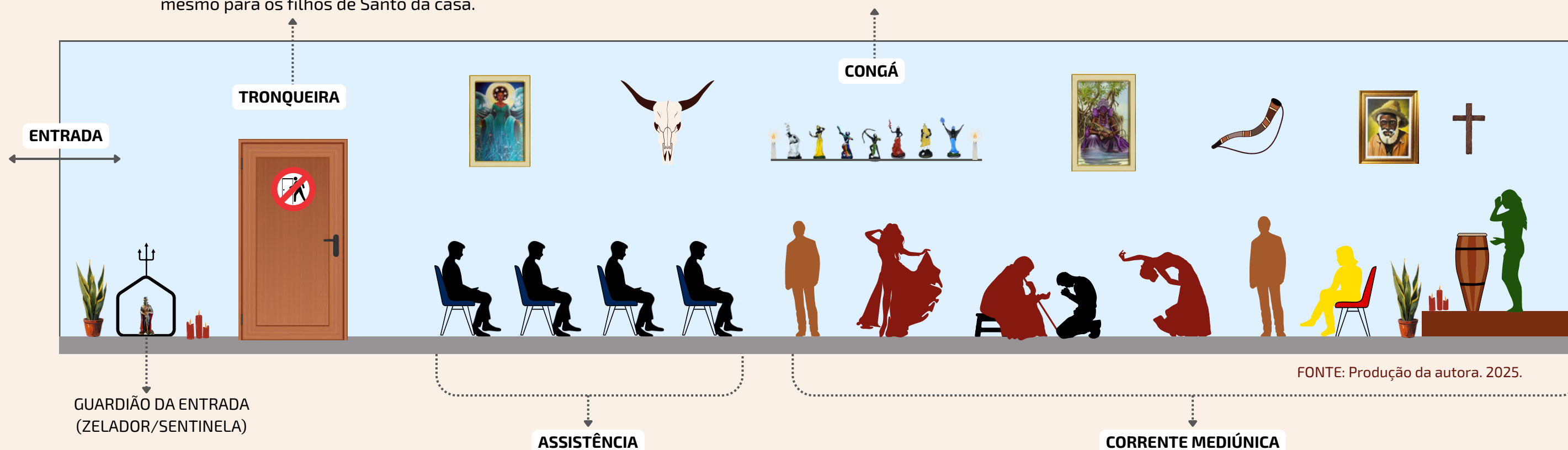
Fonte: Autoria própria, 2025.



**FIGURA 45: Organização de um terreiro.**

Altar/ponto de força para Exu e Pombagira na Umbanda, um local de assentamento de energias. Entrada restrita até mesmo para os filhos de Santo da casa.

É o altar de um terreiro de Umbanda. Ali estão imagens elementos, símbolos e tudo o que representam os Orixás e os Guias de Lei da Umbanda, com exceção dos da Esquerda.



## LEGENDA

- EKEDYS E COMBONES:** Auxiliam a assistência e servem às entidades em terra (não incorporam);
- CAVALOS/RODANTES:** Médiuns que recebem as entidades, também chamados de "Cavalos" ou "Rodantes", ou seja, incorporam;
- MÃE/PAI DE SANTO:** Líder do terreiro;
- TABAQUEIROS:** Conduzem a gira através do atabaque e pontos cantados;
- ASSISTÊNCIA:** Público que será atendido pelas entidades e médiuns.

As entidades da Umbanda realizam seus trabalhos espirituais utilizando de elementos físicos como fumo, bebidas alcoólicas, velas, ervas e até mesmo comidas, como os Doces de São Cosme e Damião. Na ritualística da religião o uso do fogo é intenso, pois velas são essenciais e utilizadas em todos os trabalhos feitos. A fumaça é um elemento presente em todas as giras, pois o processo de defumação é essencial na ritualística, sendo feita através de queima de ervas, polvora ou do fumo, com cigarros, paieros, cachimbo e charuto.

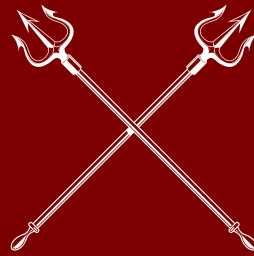
O movimento do corpo é essencial no trabalho dos falangeiros. As Pombas-giras e os Baianos dançam para demandar ou descarregar; Boiadeiros e Caboclos chegam nas giras bradando e realizando movimentos expansivos (representando o movimento do laço ou do arco e flecha); a falange dos Exus rodopia e gargalha estridentemente; os Pretos Velhos chegam curvados e necessitam ficar sentados; a linha de Cosmes, as crianças, muitas vezes chega dando cambalhotas e utiliza todo o espaço disponível para brincar. O Congá é um espaço que recebe corpos em constante movimento.

Na construção da identidade não é possível pensar de forma dissociada sua natureza simbólica e subjetiva (representações) de sua materialidade. Fica evidente que na Umbanda o material/físico se torna um suporte signico, onde os signos presentes nas vestes, imagens e objetos possuem significados que engendram a identidade do grupo. Percebemos que a materialidade da experiência social é essencial, mas nunca deve estar dissociada da natureza simbólica e subjetiva. O que somos só tem sentido a partir dos significados produzidos pelas representações (Morais, 2010). Constantino (2023) afirma que os terreiros são territórios de encantamento, unindo o passado, presente e futuro. Um terreiro não é apenas um espaço físico localizado geograficamente, é solo que existe no sagrado. É mito, segredos e histórias. Seu firmamento se dá a partir de tudo que o compõem: corpos, danças, gargalhadas, água, terra, vento, fogo, fumo, bebida, vestimentas, o tambor que toca e tudo aquilo que não se vê. Terreiro também é o mar, o rio, a cachoeira, o cemitério e as ruas que se cruzam.

◆ LAROYÊ EXU! EXU É MOJUBÁ! ◆ LAROYÊ POMBAGIRA! POMBAGIRA É MOJUBÁ! ◆

MACUMBEIRO NÓS É MACUMBEIRO NÓS É MACUMBEIRO NÓS É MACUMBEIRO  
NÓS É MACUMBEIRO NÓS É MACUMBEIRO NÓS É MACUMBEIRO NÓS É  
MACUMBEIRO NÓS É MACUMBEIRO NÓS É MACUMBEIRO NÓS É MACUMBEIRO  
NÓS É MACUMBEIRO NÓS É MACUMBEIRO NÓS É MACUMBEIRO NÓS É  
MACUMBEIRO NÓS É MACUMBEIRO NÓS É MACUMBEIRO NÓS É MACUMBEIRO  
NÓS É MACUMBEIRO NÓS É MACUMBEIRO NÓS É MACUMBEIRO NÓS É  
MACUMBEIRO NÓS É MACUMBEIRO NÓS É MACUMBEIRO NÓS É MACUMBEIRO  
NÓS É MACUMBEIRO NÓS É MACUMBEIRO NÓS É MACUMBEIRO NÓS É  
MACUMBEIRO NÓS É MACUMBEIRO NÓS É MACUMBEIRO NÓS É MACUMBEIRO

**A CIDADE TODA**



**É NOSSO TERREIRO**



◆ SALVE A RUA ENCANTADA! SALVE A MALANDRAGEM! ◆

## CAPÍTULO 2 - ASSENTAMENTO

*Assentamento na Umbanda é a materialização de uma força espiritual em um objeto ou local específico, criando um ponto de conexão entre o mundo espiritual e o mundo material. Esses assentamentos são essenciais para a realização de trabalhos espirituais, pois atuam como portais que facilitam a comunicação com as entidades espirituais.*

## 2.1 A mandinga no Mato Grosso do Sul

### **Mandinga: ato de fazer feitiço**

Há uma grande defasagem de registros oficiais quando se trata da história das religiões afro-indígenas e narrativas não brancas. Porém, é possível compreender em partes a construção da identidade mágica de Mato Grosso do Sul analisando elementos essenciais para a composição da mesma: formação étnica, cultura e natureza. A forte presença do Cerrado e do Pantanal, biomas possuidores de rios e afluentes que distribuem suas águas por todo o Estado, além de matas que abrigam uma fauna e flora riquíssima, provam como o Mato Grosso do Sul é um terreno fértil para seres encantados, magia e fé. Outro fator essencial é a forte presença de povos originários, que possuem suas próprias crenças e religiões, mas que assim como na Umbanda, prestam culto à natureza e aos ancestrais. Apesar de se enfatizar muito a raiz africana e kardecista da Umbanda, não se pode reduzir a influência dos povos indígenas na religião. Outro fator importante é a chegada dos povos africanos em terras sul-mato-grossenses, que certamente trouxeram elementos religiosos e culturais que floresceram e criaram suas raízes (Casali, 2016).

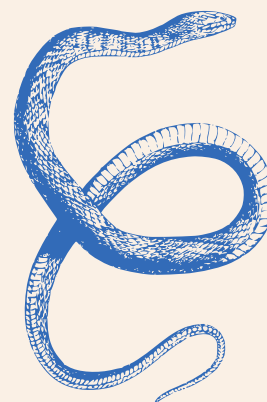
Segundo Casali (2016) a ocupação do Estado de Mato Grosso do Sul se iniciou por volta de 10.000 A.C através dos primeiros habitantes indígenas, ancestrais dos indígenas contemporâneos, hoje denominados Guaranis, Terenas, Kaiowás e Caiapós. O lugar permaneceu sob o domínio das diversas comunidades indígenas até o século XVI, quando em 1579 chegou o colonizador europeu. Neste ano, como primeira tentativa de povoamento da região, foi criada a Comunidade de Santiago de Xerez, que foi destruída pelos indígenas Guaicurús. Uma próxima tentativa de povoamento aconteceu somente em 1610, uma missão jesuítica de Assunção no Paraguai. As coroas espanhola e portuguesa disputavam pela região, mas a Bandeira de Antônio Raposo Tavares em 1648 assegurou a posse à coroa portuguesa.



O interesse pela ocupação do centro do Brasil se deu de fato após a descoberta do ouro em 1719 nas margens do rio Coxipó no extremo norte, no atual Estado de Mato Grosso, que levou no mesmo ano à fundação de Cuiabá.

**FIGURA 46: Partida de Porto Feliz, de Oscar Pereira da Silva a partir de Aimé-Adrien Taunay, 1920. Fonte: Acervo Museu Paulista USP**

O ouro contribuiu para o desenvolvimento de um comércio que permitiu a criação de muitas rotas de comunicação entre a Província e outras regiões da colônia, principalmente Goiás, Minas Gerais e, especialmente, São Paulo. Embora todo esse movimento se concentrasse no Norte dessas terras, onde se desenvolveram núcleos populacionais com o objetivo de dar suporte às expedições fluviais paulistas rumo às minas, as Monções, e é nesse contexto que aparece no Mato Grosso o escravo africano, utilizado como mão de obra escrava (Casali, 2016). As dificuldades da expedição e da escravização, fizeram da religião um refúgio e conforto.



A própria viagem do trabalhador escravizado até os núcleos mineradores constituía-se numa grande dificuldade, fato esse que contribuiu para o desenvolvimento de uma religiosidade que no curso dessa história, permitiu o florescimento e a difusão das manifestações religiosas em estudo neste trabalho. Foi a partir do século XVIII que a presença do africano e do afrodescendente em Mato Grosso tornou-se cada vez mais significativa. Esse afluxo de escravos deveu-se ao uso dessa mão de obra pela mineração, montagem da máquina administrativa, engenhos de açúcar e criação de gado, caracterizando a primeira metade do século XVIII, enquanto que na segunda metade do mesmo século, essa mão de obra foi usada para a construção de Vila Bela, a proliferação de engenhos e, por fim, a construção de fortes visando garantir a defesa de suas fronteiras (Casali, 2016, p.50 - 51).

Os povos indígenas já eram catequizados nessas terras desde o século XVI, de modo que os elementos originários já viviam um 'sincretismo' católico. Soldados portavam bolsas de mandinga feitas pelos indígenas, que geralmente continham uma hóstia dobrada embrulhada em um papel. Os produtores e vendedores de bolsas de mandinga e embrulhos de feitiço acabaram por construir uma modalidade específica de trabalho: a feitiçaria de ganho. É interessante observar como os colonos Brancos "se rendiam" à magia diante das dificuldades do ambiente (Casali, 2016).

A ocupação da região sul da província, que hoje corresponde ao Estado de Mato Grosso do Sul, só se efetivou após a Guerra do Paraguai (1864-1870), com a construção de fortes para a defesa das fronteiras do Império, como os Fortes Coimbra, Albuquerque, Colônia Militar dos Dourados e Colônia Militar de Nioac. Mesmo após o término da guerra, o desenvolvimento deste Sul continuou comprometido, por causa da presença da Companhia Matte Laranjeira que explorava os ervais nativos da região utilizando a mão de obra compulsória dos indígenas Guaranis. Esse fato, somado ao isolamento da região, despertou o sentimento divisionista na elite do Sul, pois a renda gerada pela arrecadação de impostos e taxas era remetida à Cuiabá e não retornava na forma de investimentos no desenvolvimento socioeconômico do sul (Casali, 2016).

Nesse período na região do atual Mato Grosso do Sul, foram criadas várias Colônias Agrícolas Nacionais com a intenção de desafogar os grandes centros populacionais do país e priorizar o desenvolvimento do mercado interno. Outro fator importante era a presença da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil que contribuiu para o crescimento de muitos núcleos urbanos e também econômicos, como as cidades de Campo Grande e Corumbá. Assim, a capital, Cuiabá, rejeitava a divisão, pois temia o esvaziamento econômico do Estado porque a região Sul havia se tornado mais rica e povoada. Assim, apesar do sentimento divisionista ter surgido nos anos de 1930, a divisão do Estado se deu apenas em 11 de outubro de 1977, com a sanção da Lei Complementar nº 31 pelo Presidente Ernesto Geisel (Casali, 2016).

Como afirma Casali (2016), apesar de seu nascimento ter sido decretado em fins do século XX, o Estado do Mato Grosso do Sul tem uma história conjunta com seu Estado irmão de formação, Mato Grosso. Não se pode negar, portanto, que seu passado compartilhe das mesmas raízes históricas, o que significa dizer que em termos culturais houve a construção de um imaginário religioso que dialogava com a colônia, permitindo a ressignificação de seus elementos nestes sertões, sobretudo a partir dessas correntes imigratórias.

É inegável a presença do indígena e do africano como grandes contribuidores deste arcabouço cultural e religioso que tornaram as terras desses grandes sertões férteis para o desenvolvimento dos Candomblés, Umbandas e outras macumbas.

Segundo Fernandes (2014), a história da Umbanda em Mato Grosso do Sul passou a ser registrada na cidade de Campo Grande, nos anos finais da década de 1940, tendo como pioneira a Mãe Elzira nos trabalhos espirituais. Dona Elzira Conceição Rudias Jatobá era filha de um militar com uma enfermeira, nasceu em Forte Coimbra, região do pantanal, no sul do antigo Mato Grosso, no ano de 1913, vindo ainda muito jovem para Campo Grande. Desde a adolescência teve “contato com o sobrenatural” e ainda jovem conheceu o “espiritismo”. Não foi possível encontrar fontes que explicassem o tipo de espiritismo que a jovem Elzira praticou ou se já existiam terreiros de Umbanda em outras localidades, o que é muito provável, porém não existem registros o suficiente para compreender em plenitude como a Umbanda surgiu no Mato Grosso do Sul.

FIGURA 47: Manchete. Em 1972, o registro da fila de pessoas em busca da cura.



Fonte: Correio do Estado, 2024..

Outra pioneira da religião no Estado foi a cuiabana Cacilda Astrogilda Gonçalves Barbosa de Paula, que ficou famosa nacionalmente pelas suas curas espirituais nos anos de 1970. Nascida em 15 de novembro de 1936, em Cuiabá, chegou ainda pequena no Mato Grosso do Sul, trazida nos braços de Maria Theodora Gonçalves de Paula, uma ex-escravizada que fincou suas raízes em Corumbá. A mediunidade de Cacilda se manifestou aos nove anos, porém só conheceu a umbanda aos 15 anos e se tornou praticante assídua. Foi em 1964, que os rumores de seus poderes se espalharam, quando, supostamente, fez um menino de 12 anos, paralítico, começar a andar. Assim, na década de 1970, a humilde tenda religiosa no Bairro Nossa Senhora de Fátima recebia centenas de pessoas que chegavam diariamente de todos os cantos do país, sendo necessária a intervenção da prefeitura de Corumbá-MS para controlar o fluxo de pessoas (Frias, 2024).



FIGURA 48: Cacilda em 1972. Foto: Campo Grande News, 2024.

Uma das famílias atendidas por Mãe Cacilda doou um terreno onde foi construído o Terreiro Nossa Senhora da Conceição. Sendo uma construção simples, a tenda é de alvenaria e de chão batido. Ao fundo, se localiza o altar com as imagens de santos e velas. Cacilda morreu no dia 8 de agosto de 2000, de problemas no coração, porém, o Terreiro segue em atividade até hoje. Natalícia Gonçalves Barbosa, filha de Cacilda e atual liderança religiosa da Tenda Nossa Senhora da Conceição, diz que a comunidade não tem qualquer apoio do Município e o terreiro é mantido por doações e recursos de familiares ( Campo Grande News, 2024).





FIGURA 49 e 50: Tenda de Mãe Cacilda. Foto: Marcos Maluf e Silvio Andrade, 2024.



Além da Umbanda e fé, as pioneiras Mãe Elzira e Mãe Cacilda possuem outra coisa em comum: a cidade de Corumbá. A tradição afro-indígena na capital do Pantanal é intrínseco à cultura da cidade, o que é refletido na religiosidade. A participação dos terreiros de Umbanda no calendário festivo corumbaense é forte e significativa, como mostra o tradicional festejo do Banho de São João, que é reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil pelo IPHAN.

FIGURA 51: Banho na imagem de São João, em Corumbá, em 2019 — Foto: Caio Neto/ Prefeitura de Corumbá, 2019.

Feito durante a “festa junina do Pantanal”, a festividade reúne inúmeros símbolos religiosos e icônicos. Os rituais começam com procissões pelas ladeiras de Corumbá e Ladário (MS), se ampliam em cortejos, novenas e giras em terreiros de candomblé e umbanda (Silva, 2024). O final de ano pantaneiro é marcado pela louvação dedicada à Orixá Iemanjá. A prainha do Porto Geral de Corumbá fica tomada por centenas de irmãos de santo que vão agradecer às graças alcançadas ou fazer pedidos para o próximo ano que virá, o som dos atabaques embalam a entrada do novo ano (Nunes, 2018).

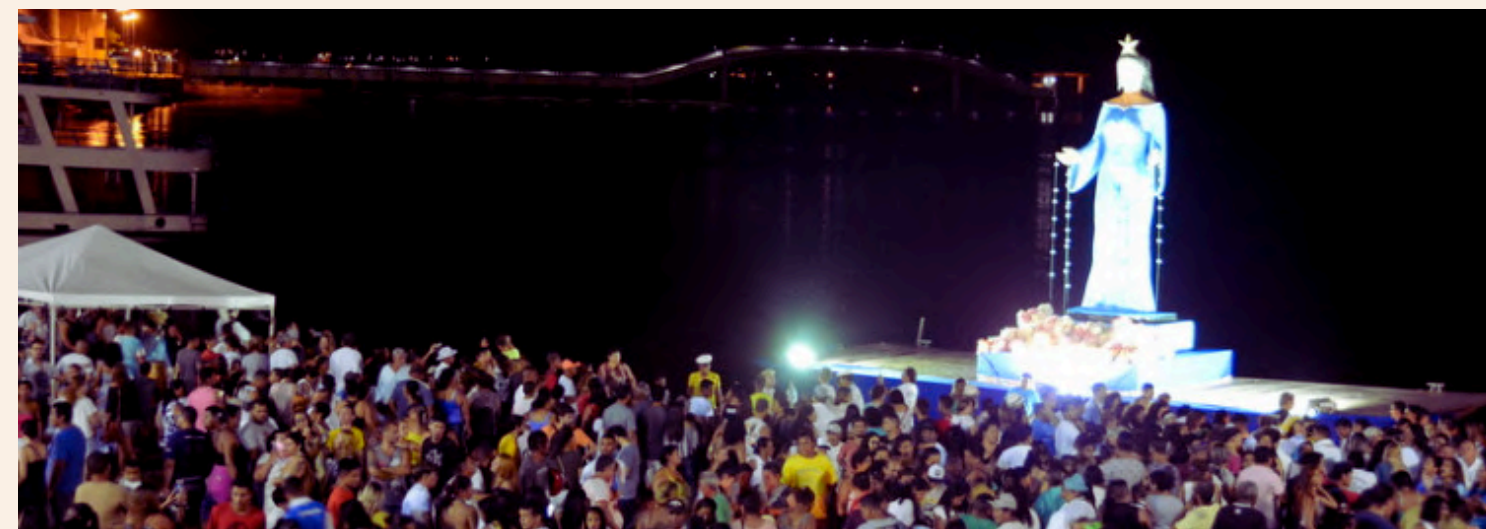


FIGURA 51.1: Ano Novo: Celebração a Iemanjá, 2018 . Foto: Diário Corumbaense, 2018.

Tramita na Câmara Municipal da cidade um projeto de lei que almeja tornar a festa de Cosme e Damião Patrimônio Cultural e Imaterial de Corumbá. Todo dia 27 de setembro, centenas de fiéis católicos, umbandistas e candomblecistas distribuem doces para as crianças em homenagem aos santos gêmeos. O projeto visa homenagear os festeiros e manter viva essa tradição tão importante para os Corumbaenses. Também foram desenvolvidas políticas públicas com a finalidade de valorizar a população afro e a sua cultura. O poder municipal fez a doação de um terreno de 1,5 hectares, onde foi construído o Vale dos Orixás, onde são realizados rituais religiosos de matriz africana (Silva, 2024).



FIGURA 52: IBEJIS. Breno Loeser.

## 2.2 Campo Grande - MS: Histórias não contadas

### • 2.2.1 A Benção de Tia Eva

A memória oficial e dominante sobre a formação da Cidade de Campo Grande é que o mineiro José Antônio Pereira liderou uma comitiva que se instalou, de forma pioneira, na região onde está situada a cidade em agosto de 1875. Porém, há um processo de invisibilização sobre outra importante figura na história da cidade morena, a matriarca Tia Eva, ex-escravizada e benzedeira (Diacópulos, 2021). No ano de 1848, nascia na Fazenda Ariranha, Jataí-GO Eva, futura Eva Maria de Jesus – “Tia Eva”. Escravizada, cresceu em meio ao trabalho e suas atividades eram voltadas para os afazeres domésticos. Sofreu um acidente onde caiu banha de porco quente em sua perna, deixando um ferimento que não cicatrizava, mesmo assim seguia trabalhando. Assim como muitos escravizados, ambicionava por liberdade, por obter uma terra só de negros e lutou muito para isso. Com o passar dos anos, passou a ser reconhecida como benzedeira e esse “dom” lhe deu o apelido “Tia Eva”.

Ela utilizava os recursos naturais para a prática da sabedoria popular tradicional sobre as plantas de uso medicinal e místico, o que a faz respeitada e garante seu espaço social na fazenda e arredores (Machado, 2019).

A tia Eva foi muito devota a São Benedito, o Santo Preto. Pediu para que saísse de onde vivia, prometendo que construiria um lugar onde pessoas negras poderiam ser livres. No final do século XIX, informações sobre abundância de terras devolutas no sul de Mato Grosso fizeram com que, no ano de 1904, Tia Eva e seus familiares se juntassem a um grupo de ex-escravos de Uberaba- MG em uma comitiva que se mudou para onde hoje se localiza a cidade de Campo Grande - MS (Machado, 2019).

A comitiva de Tia Eva chegou em Campo Grande no ano de 1905 e se instalaram em uma área de mata próximo ao córrego Segredo. O milagre havia se cumprido, ao tomar posse das terras, a ferida na perna de Tia Eva é curada. Assim, ela cumpre a promessa e constrói "a igrejinha" de São Benedito, em pau-a-pique, bem próxima a sua casa. Em 1919 a estrutura de pau-a-pique foi substituída pelo material de alvenaria e nesse mesmo ano se dá o início da celebração da festa de São Benedito, marcando a renovação dos votos de fé e se configurou como patrimônio cultural imaterial da comunidade. A festa de São Benedito ocorre desde então todos os anos, sempre no mês de maio, na lua cheia mais próxima do dia 13 de maio, data que remonta à abolição da escravidão no Brasil (Machado, 2019).

Tia Eva se tornou uma referência em Campo Grande. Era benzedeira, curandeira e parteira. No seu espaço exercia, também, o papel de sacerdote sem a mediação da igreja. Faleceu aos 78 anos, no dia 11 de novembro de 1926. A igrejinha de São Benedito teve seu tombamento efetivado pela Lei Municipal n. 3523, de 15/06/1996, e pela Resolução/SECE, de 07/05/1998, reconhecendo sua importância simbólica e histórica (Machado, 2019).

No sincretismo São Benedito é associado a Ossain, Orixá pai das plantas sagradas e milagrosas. Possui o poder sobre qualquer tipo de vegetação e delas consegue extrair as curas de todos os males, fato que se assemelha à história de Tia Eva. Porém, apesar de serem parte de um segmento cultural afro, a comunidade não media o catolicismo com o culto aos orixás, onde os negros da comunidade apresentam-se em sua maioria praticantes da religião católica (Machado, 2019).

Apesar da aparente falta de relação de Tia Eva com os cultos de matriz africana, é pertinente mencioná-la neste trabalho, pois ela é um pilar na construção, não apenas física e política de Campo Grande - MS, mas também na concepção de fé e devoção na cidade. A invisibilização de Tia Eva como uma das fundadoras prova como as narrativas não brancas são apagadas. Seu legado sobrevive graças à memória e à oralidade de sua comunidade. Se estabelece assim, uma relação com a história da Umbanda em Campo Grande - MS, que muitas vezes baseia-se apenas em relatos contados pela própria comunidade umbandista e com pouquíssimos registros formais. A sensação que permanece é que sempre tem uma parte faltando, e uma pergunta que surge é: **quantas pessoas negras e indígenas foram excluídas de sua própria narrativa?**



FIGURA 53: Arte idealizada e executada pelo artista Diego Mouro em 2022. Fonte: Campo Grande News, 2022.

## • 2.2.2 A Umbanda em Campo Grande - MS : Mãe Elzira e o Templo Pai Oxalá

Como já citado anteriormente, é muito difícil determinar o início dos cultos de matriz africana em determinadas regiões por conta da falta de registros oficiais. Conforme Silva (2014) a história da Umbanda em Mato Grosso do Sul se inicia na cidade de Campo Grande, através de Dona Elzira Conceição Rudias Jatobá, Mãe Elzira. Cacique Tartaruga, seu guia espiritual, conquistou fama de curandeiro perante os adeptos da umbanda da capital. Mãe Elzira iniciou sua missão num quartinho simples nos fundos de sua casa, de forma bem discreta, pois estava localizado na rua 7 de setembro, na área central da cidade. Com medo de sofrer retaliações e perseguição policial, fato que permeia aqueles que praticam religiões afro-ameríndias, mudou seu terreiro para uma área afastada da cidade (Silva, 2024). Relatos contam que mãe de santo comentava que houve momentos em que os próprios guias mandavam fazer silêncio, pois os “perna-preta” (policiais) estavam sondando o lugar (Fernandes, 2014).

Orlando Mongelli foi iniciado por Mãe Elzira na década de 1960, após ter sido curado por Cacique Tartaruga. Ajudou a construir, em 1970/71, um “barracão” (terreiro) para sua mãe-de-santo. Após alguns anos de trabalho, a mãe de santo entrega a chefia do terreiro para Pai Mongelli, que é nomeado de Templo de Umbanda Pai Oxalá - anterior a isto carregava o nome de Cacique Tartaruga (Fernandes, 2014). Mãe Elzira foi responsável pela iniciação de muitas pessoas na umbanda e pela abertura de vários terreiros, assim como foi cofundadora da FECAMS (Federação dos Cultos Afro-Ameríndios de Mato Grosso do Sul), que foi criada em 1985. Elzira faleceu já centenária, em 2014. (Silva, 2024).

O Templo de Umbanda Pai Oxalá é um dos maiores e mais respeitados terreiros de umbanda da cidade de Campo Grande, e também o mais antigo ainda em atividade. As práticas ritualísticas do terreiro estariam mais inclinadas a umbanda ditada por Zélio de Moraes (Fernandes, 2014).

## 2.3 Territórios mágicos : Mapeando os territórios da Umbanda em Campo Grande - MS

As identificações dos territórios em que a Umbanda se organiza são comumente chamados de Terreiros, mas também podem ser designados como templo, tenda, centro e casa de axé. Vale ressaltar que existe uma dificuldade em estabelecer exatamente o número e localização exata dos terreiros de Umbanda em Campo Grande - MS, uma vez que muitos se encontram na informalidade, outros buscam a anonimidade e há aqueles que preferem não se identifica.

Em Mato Grosso do Sul a FECAMS – Federação de Cultos Afro-Brasileiros e Ameríndios de Mato Grosso do Sul é responsável pela coordenação, fiscalização e supervisão dos terreiros de Umbanda e Candomblé, representando mais de 700 templos. Segundo Fernandes (2014) seu início se deu em 1985 e mãe Elzira foi co-fundadora da federação (Constantino, 2023). Além dos terreiros, o espaço público é de extrema importância para a realização dos trabalhos espirituais, como cemitérios públicos, corpos hídricos e as ruas que formam encruzilhadas. Lojas de artigos religiosos também são aqui classificadas como territórios da religião, pois são nelas que se compram as ferramentas específicas para a ritualística, como velas, roupas de função, objetos de trabalho das entidades e muitos outros. As manifestações culturais diretamente relacionadas às religiões de matriz africana têm ganhado cada vez mais espaço na cidade de Campo Grande, como o carnaval, rodas de samba regidas por ogãs e tabaqueiros e comemorações homenageando diretamente as entidades da Umbanda.

Constantino (2023) afirma que não é possível dizer com exatidão a quantidade de territórios de matriz afro-brasileira localizadas em Campo Grande/MS ou até mesmo na região Centro-Oeste nem, portanto, a linha de trabalho de cada um, pois não há registros passíveis de consulta por meio eletrônico, livros e nem estudos relacionados, o que mais uma vez prova que a oralidade rege a transmissão de histórias e conhecimentos sobre a religião na cidade. Para conseguir mapear as territorialidades da Umbanda em Campo Grande - MS foram utilizadas reportagens, registros do Google Maps e dados fornecidos por pais, mães e filhos de santo.

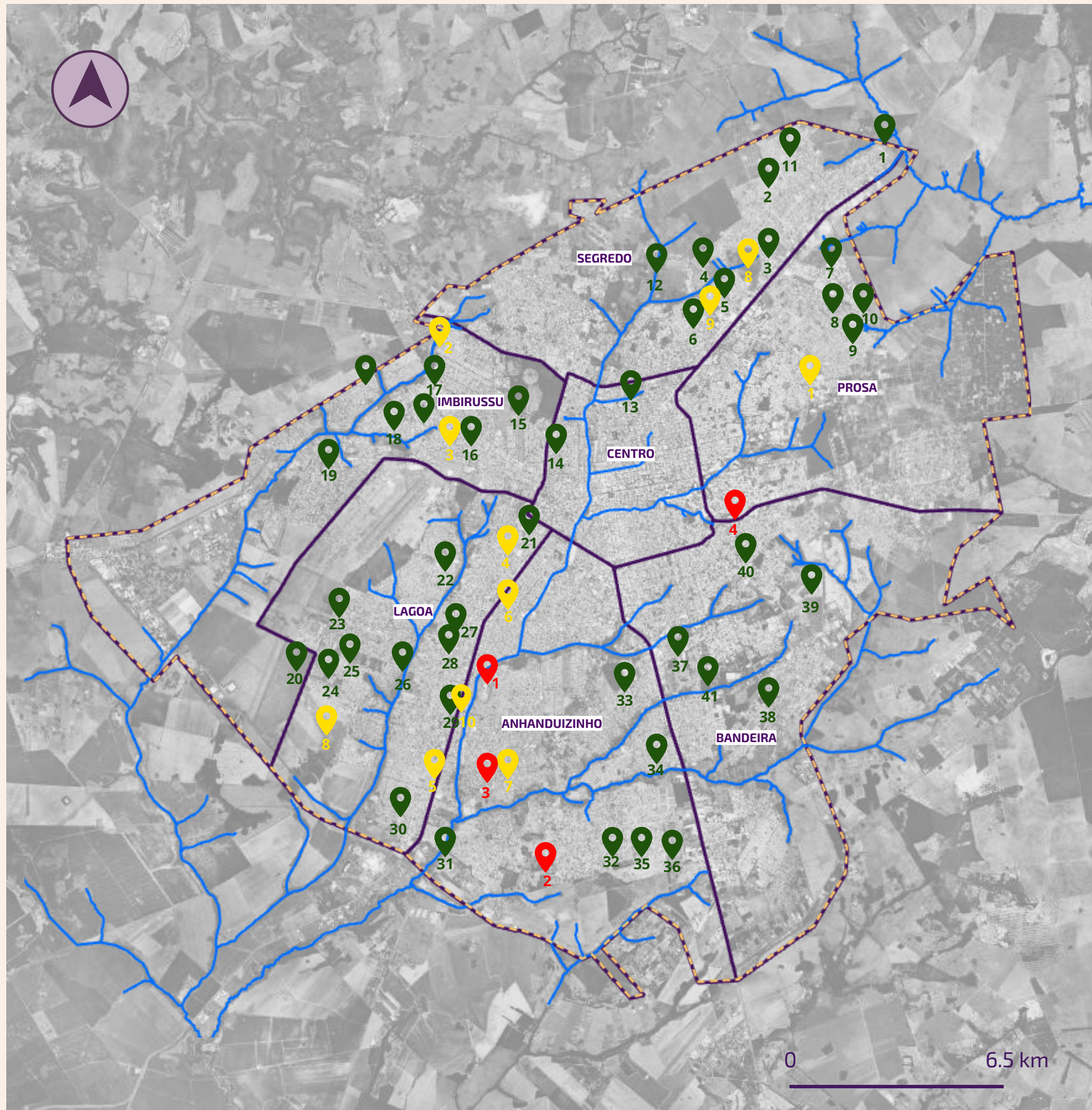
### • 2.3.1 Terreiros de Umbanda

Um terreiro não é apenas um espaço físico localizado geograficamente, mas ainda um território de expansão espiritual. Assim, qualquer pessoa que tente padronizar seus significados estará cada vez mais longe de entender o que esses territórios carregam em seus simbolismos, conceitos e encantamentos. A sua instalação é repleta de simbolismos que funcionam como extensão do axé, que é a força que rege cada ser. O principal local para aprender sobre a Umbanda é no chão do próprio terreiro. Não há estudo teórico e acadêmico que substitua a experiência direta, pois há saberes que só são possíveis de serem transmitidos sentindo o axé (Constantino, 2023).

Para compreender como o território manifesta a realidade dos terreiros de religiões de matriz afro-ameríndias, foi necessário mapear esses locais. O maior desafio foi a falta de bases de dados oficiais, sendo necessário o uso do Google Maps<sup>1</sup> para a realização do mapa aqui apresentado. Muito provavelmente não foi possível localizar todos os Terreiros, centros e tendas de Umbanda da cidade, pois nem todos estão com suas localizações cadastradas no site. Para complementar a análise, também foram mapeados os terreiros de Candomblé e Kimbanda, devido às suas origens e problemáticas semelhantes.

<sup>1</sup> O Google Maps é um serviço de mapeamento e navegação online gratuito, disponível para dispositivos móveis (Android e iOS) e computador, que utiliza tecnologia GPS e imagens de satélite.

**FIGURA 54: LEVANTAMENTO PRÉVIO DOS TERREIROS E TEMPLOS DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRO-INDÍGENA**



Segundo Haesbaert (2004) o território tem a ver com poder, mas não apenas com o tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação e pertencimento. Assim, devemos primeiramente distinguir os territórios de acordo com a organização social e os sujeitos que os constroem, sejam eles indivíduos, grupos sociais, o Estado, empresas, instituições como a Igreja etc. A flexibilidade territorial do mundo “pós-moderno” permite que alguns grupos, em geral os mais privilegiados, usufruam de uma multiplicidade de territórios, seja no sentido da sua sobreposição num mesmo local, seja da sua conexão em rede por vários pontos do mundo. Poder social é um poder sobre o espaço.

Mapeando os Terreiros em Campo Grande -MS (MAPA 1), foi possível identificar que eles se afastam da Região urbana do Centro, se concentrando às margens da cidade, e que eles se “espalham” pelo território, tendo distâncias consideráveis entre si e não criando núcleos.

Além do mapeamento dos terreiros da cidade de Campo Grande - MS, ou pelo menos daqueles que foram possíveis de localizar, vamos analisar duas casas de axé. O foco será na organização espacial dos terreiros, uma vez que para se entender todas as nuances de suas ritualísticas e simbologia demandaria uma pesquisa mais aprofundada. O primeiro a ser analisado é o templo Pai Oxalá, justamente por ser o pioneiro na capital e se manter como um dos mais relevantes terreiros de Campo Grande ainda hoje, e o segundo será a Tenda de Umbanda Aldeia do Cacique Cobra Coral, terreiro que frequento desde abril de 2024 e filha de santo desde outubro de 2024.

**LEGENDA**

- Regiões Urbanas
- Perímetro urbano
- Hidrografia
- 📍 Terreiros de Umbanda
- 📍 Terreiros de Candomblé
- 📍 Terreiros de Kimbanda



## QUADRO 2: TERREIROS E TEMPLOS DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRO-INDÍGENA MAPEADOS

TERREIROS DE UMBANDA	
1- Terreiro de Umbanda Pai Benedito das Almas e Caboclo Caçador	22- CENTRO DE DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL OXÓSSI DA GUIA - UMBANDA
2- TENDA DE UMBANDA CABOCLO BOIADEIRO	23- Terreiro de Umbanda Vó Maria Conga
3- Terreiro de Umbanda Oxóssi Caçador	24- Tenda Espírita de Umbanda Oxóssi Caçador e Caboclo Pena Azul
4- CEUMI -Centro Evangelista de Umbanda Maria Imaculada	25- Terreiro de Umbanda Cacique Pirauê
5- Terreiro de Umbanda Conchinha de Prata	26- Centro de umbanda ilé osun e ilé oxossi (Umbanda cruzada com Candomblé)
6- CUCJ - Centro de Umbanda Vó Cecília e Cabocla Jupiará	27- Associação Casa de Oração Caboclo Pena Branca
7- Tenda de Umbanda Cacique Mata Virgem - TUCMV	28- Tenda de Umbanda Aldeia do Cacique Cobra Coral
8- Casa de Umbanda Caboclos Pena Azul e Indaiá	29- Templo Umbanda Pai Oxóssi - TUPOX
9- Terreiro de umbanda Ogum Rompe-Mato	30- Tenda de Umbanda Cacique 7 Montanhas
10- Terreiro de Umbanda Pai Joaquim de Angola	31- Tenda de Umbanda Salvador da Guia
11- Tenda de umbanda seara do cacique pena branca	32- TURLP - Tenda de Umbanda Raio de Luz Preciosa
12- Tenda de Umbanda Xango e Iemanjá T.U.X.I	33- Templo De Umbanda Pai Oxalá
13- Tenda Espiritualista Filhos de Maria - TEFIMA	34- Tenda de umbanda são Jorge guerreiro
14- TENDA UMBANDA CABOCLO SERRA DOURADA	35- Tenda de Umbanda Vovó Catarina das Águas e Caboclo Peito de Aço
15- Centro de Umbanda Tia Anastácia	36- Templo de Umbanda Zé do Coco e Zé Pilintra
16- Tenda de Umbanda Pai Joaquim de Angola - TUPJA	37- Tenda de Umbanda da Boa Fé
17- Tenda de Umbanda Mãe Yemanjá T.U.M.Y	38- Casa Maria Padilha Campo Grande/MS
18- Tenda de Umbanda Fé Amor e Caridade	39- Terreiro de Umbanda Pai João de Aruanda
19- Terreiro de umbanda Maria Padilha	40- TUCJI - Tenda de Umbanda Cabocla Jurema de Iansa
20- Tenda de Umbanda Casa de Caridade Vovô Pedro	41- Templo de Umbanda Pai Francisco das Cachoeiras e Cabocla Jacira
21- Tenda de umbanda Pai Ogum e Caboclo Pena Branca	

TERREIROS DE CANDOMBLÉ
1- Axé Nascente - Ile Alaketu Egbe Funfun Omó Obatalá
2- Aşé Itapuã
3- Ilé Àláketú Àşé Ìyá Oguntè
4- Ilê odé ti Wura
5- Reino da mamãe Oxum
6- Ilê Asé AlaKetu Odè T'wura
7- Ilê Asé Alaketu Egbé Ogun
8- ILÊ ÀSE OJÚ ODÉ (Axé Imperial)
9- Ilê Asé Omô Obá
10- Ilé Àşé Lógunèdè Ifàyá Ti Omi Òşun - Axé Chão de Ouro

TERREIROS DE KIMBANDA
1- Templo de Kimbanda Tranca Ruas das Almas
2- Templo de Kimbanda Nago e Culto a Orisas- Ifa- Aje
3- Templo de Quimbada Tranca Rua de Embaré
4- Templo de kimbanda Chama Negra

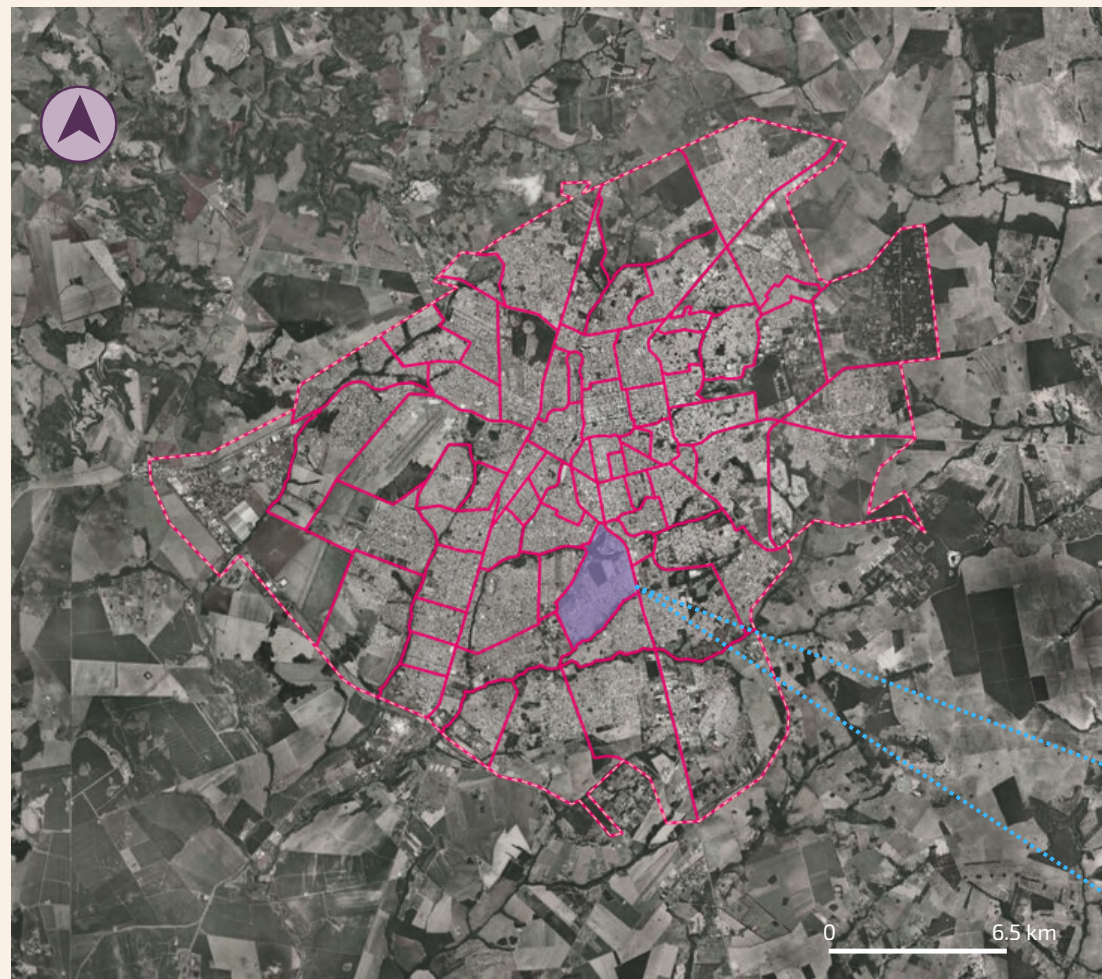


• 2.3.2 Templo de Umbanda Pai Oxalá: O primeiro

SARAVÁ OXALÁ!  
OXALÁ, MEU PAI!



FIGURA 55: LOCALIZAÇÃO DO TEMPLO DE UMBANDA PAI OXALÁ



LEGENDA

- Bairros
- Perímetro urbano
- Bairro Pioneiros
- Logradouros
- 📍 Templo de Umbanda Pai Oxalá

FONTE: SIMGEO - PMCG. Adaptado pela autora. 2025

Bairro Pioneiros

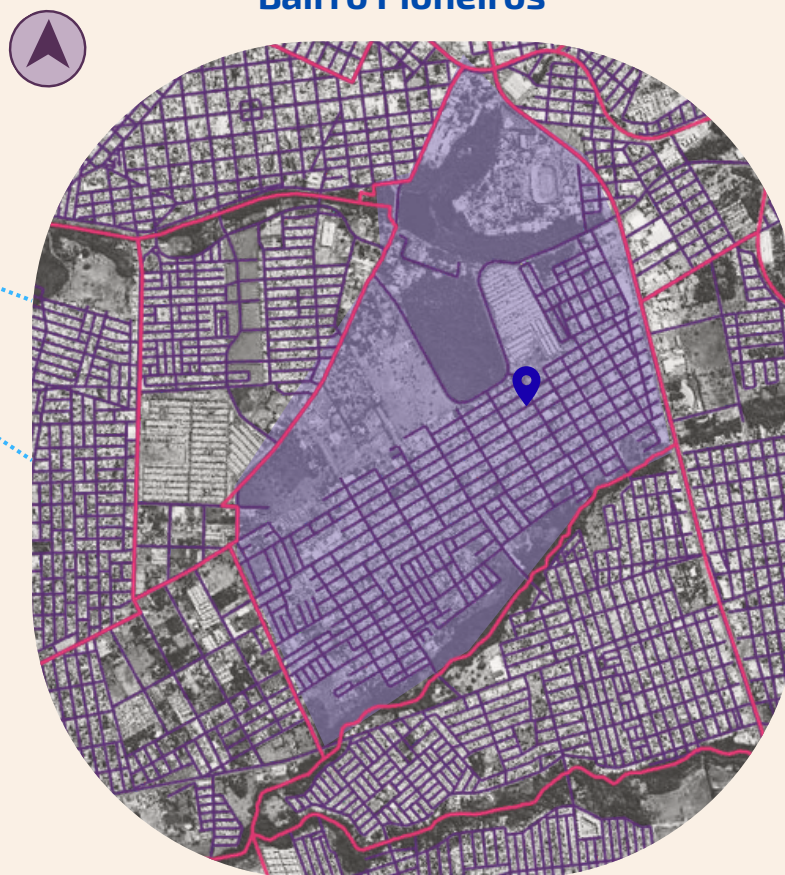


FIGURA 56: Templo de Umbanda Pai Oxalá. Fonte:Google Maps, 2025.

As giras acontecem em dois dias da semana, sendo uma aberta e outra fechada. As giras fechadas são destinadas ao desenvolvimento e firmamento dos médiuns do terreiro e, também, atender eventualmente consulentes que necessitam de trabalhos específicos. Já as giras abertas são destinadas ao atendimento ao público (Constantino, 2023).

A estrutura física do Templo de Umbanda Pai Oxalá (PLANTA 1) conta com um complexo de salas e repartições, que são utilizadas como pontos de força de Orixás e entidades, apoio ao Pai e filhos de Santo e para o atendimento ao público. O maior espaço e mais importante deles é a terreira, onde geralmente acontecem as giras de direita e onde está firmado o axé, onde se encontra o congá. O congá é o lugar condensador de todas as energias que compõem o terreiro e lugar onde se iniciam e finalizam os trabalhos. Nas instalações do terreiro existem diferentes simbolismos religiosos que sustentam e irradiam o axé, que como qualquer força, pode ser transmitido a objetos ou a seres humanos. **O axé não se aprende, se recebe, se enriquece através da prática ritual e da experiência mútua, ele se divide, se distribui (Constantino,2023).**



FIGURA 57: OXALÁ. Mariadevieir.

O Templo de Umbanda Pai Oxalá, localizado na Avenida Joana D'arc, 819, no Bairro Universitário, é considerado o mais antigo terreiro de Umbanda da cidade de Campo Grande-MS (MAPA 2). Atualmente é dirigido e administrado pelo pai de santo Luiz Otávio Mongelli, que recebeu de seu pai biológico e de santo, pai Mongelli, a missão de coordenar os trabalhos.

Conforme Constantino (2023):

No Templo de Umbanda Pai Oxalá, além do próprio espaço amplo ainda integram a terreira a gruta das águas que é uma espécie de salinha destinada ao firmamento de lemanjá, Oxum e Iansã e a sala das pretas velhas e pretos velhos onde destina-se ao firmamento desta linha e de Nanã Buruquê. Compõe também esse espaço uma espécie de recuo onde ficam os atabaques: elemento importante para vibração de axé, influência do transe, limpeza, auxílio na concentração e elemento facilitador para abertura vibracional de forma a auxiliar na (in)corporação. À frente da terreira a consulência conta com um amplo espaço e diversas fileiras de bancos, acesso a banheiros, estacionamento e ao primeiro firmamento do terreiro destinado às forças da cachoeira. As demais dependências ficam restritas para o uso do pai-de-santo e mãe pequena e à suas filhas e filhos de santo. A estrutura conta ainda com escritório, jardim onde são colhidas as ervas de trabalho, cozinha, vestiário, despensas e outras salas que são utilizadas para armazenamento e preparos de elementos da gira (Constantino, 2023, p.64).

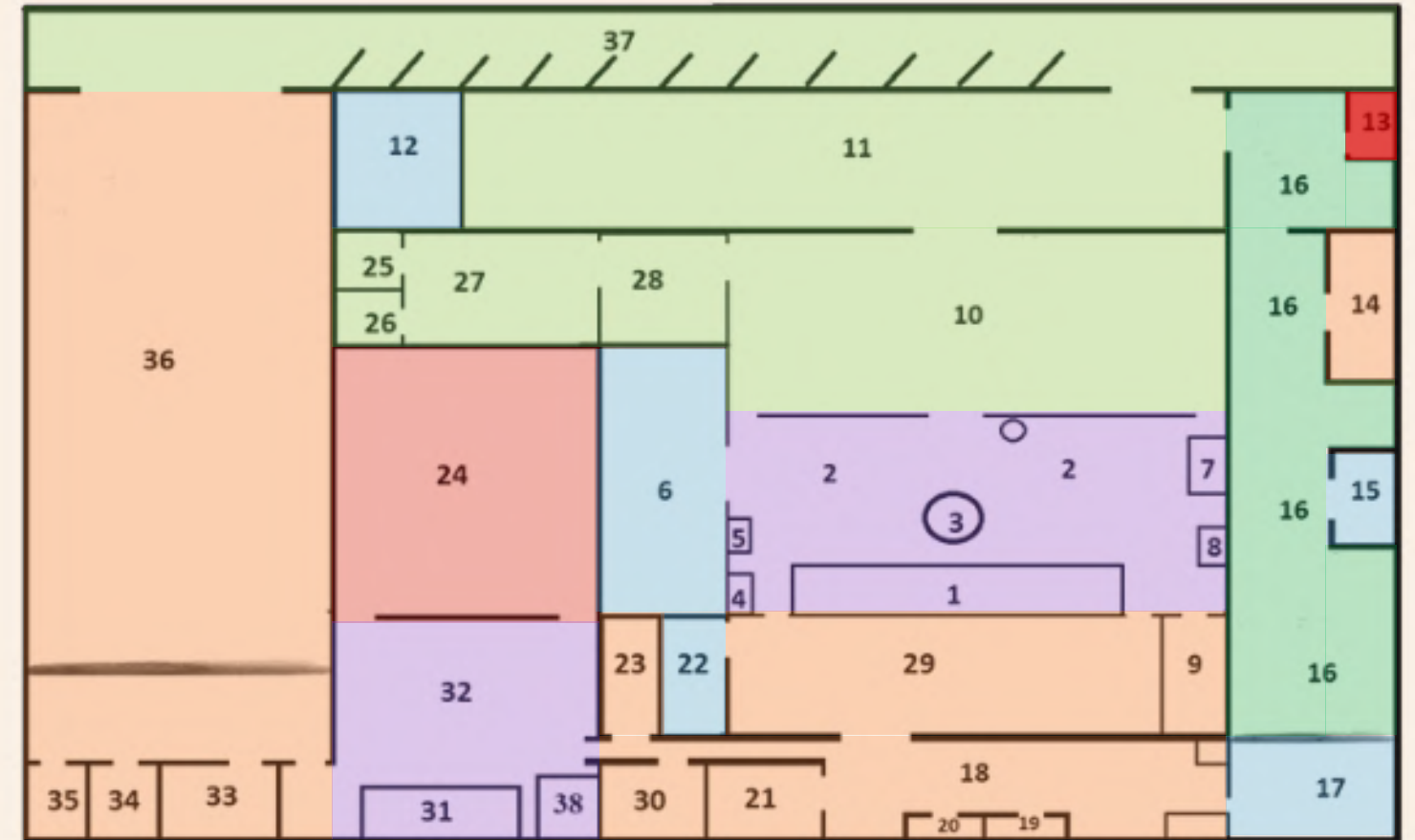
Quanto aos locais de firmamento das energias da linha de Esquerda, há diferentes salas: a tronqueira para a linha de Exus, Pombagiras, Ciganas e Exu mirim, e há uma sala ampla em que ocorrem as giras de esquerda, chamada de vermelhão justamente por ser pintado nesta tonalidade. Cada orixá possui características, atribuições e energias específicas e os locais onde são realizados os firmamentos ajudam a manter a conexão e a reverenciar os diferentes tipos de força à qual cada um está ligado, então o terreiro também possui salas com firmezas para Obaluaê, Oxóssi, Ogum e Xangô. Estes locais desempenham um papel vital para a manutenção e sustentação das energias da casa de axé (Constantino, 2023).

**QUADRO 3: Ambientes do Templo de Umbanda Pai Oxalá**

LEGENDA	
1- CONGÁ	21-COZINHA
2- TERREIRA	22-SALA DE FIRMEZA DOS CABOCLOS
3- AXÉ	23-DISPENSA –MATERIAIS DIVERSOS
4- FIRMEZA DE OXÓSSI	24-TAPETE VERMELHO: LUGAR ONDE OCORREM AS GIRAS DE ESQUERDA
5- FIRMEZA DE XANGÔ	25-BANHEIRO FEMININO CONSULÊNCIA
6- SALA DOS PRETOS VELHOS	26-BANHEIRO MASCULINO CONSULÊNCIA
7- ATABAQUES	27-BEBEDOURO
8- FIRMEZA DE OGUM	28-SALA DE APOIO PARA CRIANÇAS
9- FIRMEZA DE IEMANJÁ, OXUM E YANSÃ	29-SALA DE APOIO DE MATERIAIS DE TRABALHO
10- CONSULÊNCIA	30-BURACO: SALA ONDE SÃO REALIZADOS TRABALHOS DIRECIONADOS
11- ENTRADA DA TERREIRA	31-GRUTA DAS ÁGUAS
12- FIRMEZA DE OXUM	32-ESPAÇO EM FRENTE A GRUTA DAS ÁGUAS –VOLTADO A GIRA.
13- TRONQUEIRA DE EXU, POMBA-GIRAS, CIGANAS E EXU-MIRIN	33-COZINHA DESATIVADA
14- SALA ADMINISTRATIVA E QUARTO PESSOAL DO PAI DE SANTO	34-VESTIÁRIO MASCULINO
15- CHOUPANA DE OBALUAÊ	35-VESTIÁRIO FEMININO
16- JARDIM	36-ESTACIONAMENTO DOS MÉDIUNS
17- MEIA ÁGUA (DESTINADO À ALGUNS TRABALHOS DE CABOCLO)	37-ESTACIONAMENTO CONSULÊNCIA
18- SALA DE PREPARAÇÃO DE MATERIAIS	38-ATABAQUES PARA GIRAS DAS ÁGUAS
19- MATERIAIS DE LIMPEZA	
20 – DISPENSA – MATERIAIS DE TRABALHO	

Fonte: Constantino (2023), adaptado pela autora.

**FIGURA 58: PLANTA ESQUEMÁTICA DO TEMPLO DE UMBANDA PAI OXALÁ**



Fonte: Constantino (2023), adaptado pela autora.

**LEGENDA - SETORIZAÇÃO**

- TRONQUEIRA - ACESSO RESTRITO
- JARDIM EXTERNO - ACESSO RESTRITO
- ASSISTÊNCIA - ACESSO PÚBLICO
- APOIO - USO EXCLUSIVO DOS FILHOS DA CASA
- ESPAÇOS SAGRADOS DA LINHA DE DIREITA E ORIXÁS - ACESSO RESTRITO
- ESPAÇO SAGRADO DA LINHA DE ESQUERDA - ATENDIMENTO AO PÚBLICO
- ESPAÇO SAGRADOS DA LINHA DE DIREITA E ORIXÁS - ATENDIMENTO AO PÚBLICO

O pai de santo Luís Otávio explica que por ser um dos terreiros de umbanda mais antigos da cidade, a casa passa por constantes manutenções. “É um prédio antigo; Então, sempre precisa de uma reforma aqui, outra ali. Alguma coisa na parte elétrica, ou na parte hidráulica”. O templo se mantém através de doações dos filhos de santo e frequentadores, além da realização de eventos para arrecadação, como festas “agostinas”(festa junina fora de época) e saraus, realizados na área de estacionamento, que corresponde a área 36 na planta (Campo Grande News , 2018).

• 2.3.3 Tenda de Umbanda Aldeia do Cacique Cobra Coral



Sucuri, jiboia  
Quando vem beirando o rio  
Olha como incorporou  
O Caboclo Cobra Coral

Canção de Aldeia dos Caboclos



FIGURA 60: Cacique Cobra Coral. Fotografia de Eduardo Marques, 2025.

FIGURA 59: LOCALIZAÇÃO DO TENDA DE UMBANDA ALDEIA DO CACIQUE COBRA CORAL



FONTE: SIMGEO - PMCG. Adaptado pela autora. 2025

LEGENDA

- Bairros
- Perímetro urbano
- Bairro Guanandi
- Logradouros
- Tenda de Umbanda Aldeia do Cacique Cobra Coral



Bairro Guanandi



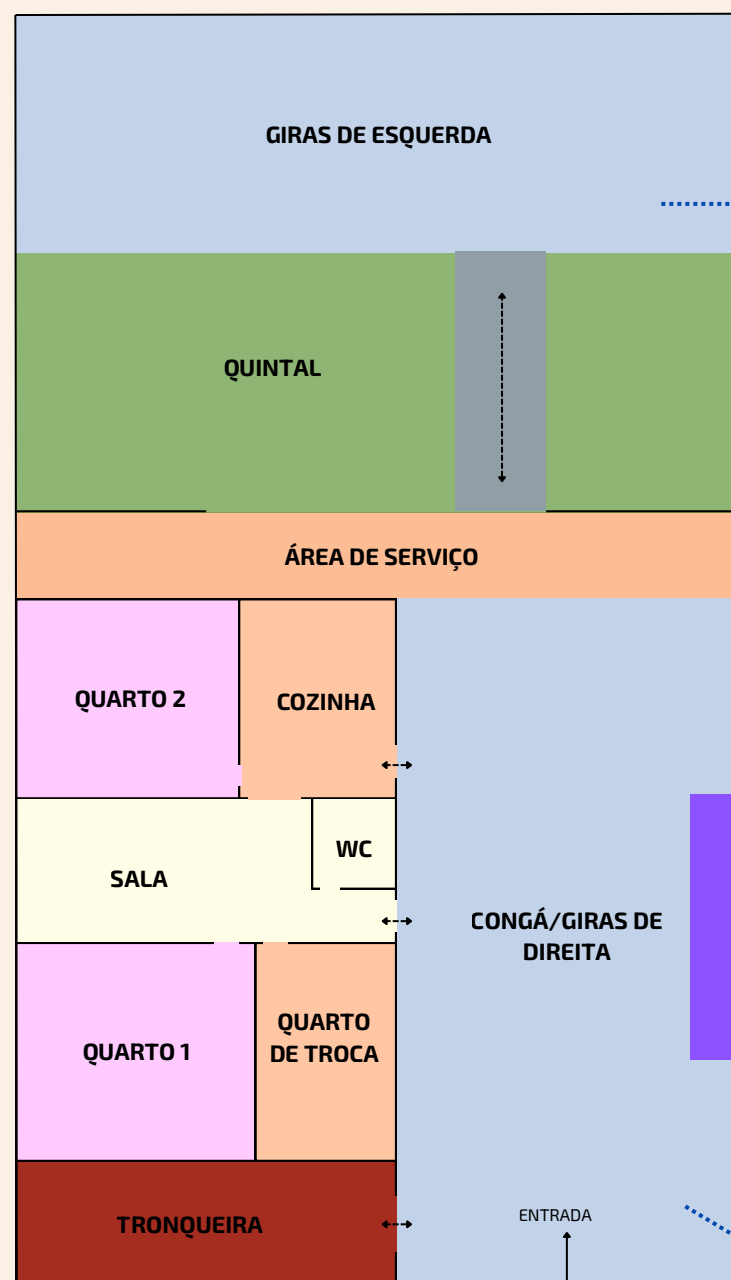
0 1.5 km

Nesta parte do trabalho vou utilizar da minha experiência pessoal, uma vez que para compreender de fato como funciona um terreiro de Umbanda, é preciso viver o cotidiano de uma casa de axé. Conheci a Tenda de Umbanda Aldeia do Cacique Cobra Coral em abril de 2024 e me tornei filha de santo em outubro do mesmo ano. A tenda foi fundada em 22 de setembro de 2022 e é liderada pela mãe de santo Bruna Riquelme, que possui mais de 20 anos na religião. Os trabalhos se iniciaram debaixo de um pé de manga, no quintal da mãe de santo.

Quando comecei a frequentar a tenda, o terreiro já possuía um espaço próprio (PLANTA 2). As giras aconteciam em uma casa comum, com três quartos, cozinha, um banheiro, sala, área de serviço, garagem, depósito e varanda junto ao quintal na parte de trás. Dois quartos eram de uso pessoal dos filhos de santo que viviam no terreiro, já o terceiro era utilizado como vestiário e onde guardavam as roupas e objetos das entidades; o depósito foi convertido em Tronqueira, local onde se concentram as energias dos Exus e Pombagiras da casa, sendo de uso restrito; a sala, cozinha e banheiro eram de uso geral. Na garagem, que ficava na entrada da casa, estava o Congá e era onde ocorriam as giras de direita (FIGURA 44), já a varanda traseira abrigava as giras de esquerda (FIGURA 43). No quintal havia plantas que eram utilizadas nos trabalhos espirituais, como Boldo, Limoeiro, Peregum, Espada de São Jorge e Espada de Santa Bárbara.

A divisão entre as áreas dos trabalhos de esquerda e direita auxiliava principalmente na organização da quaresma, pois conforme a doutrina do terreiro, durante esse período do ano não são realizadas giras de direita e o Congá é fechado até o início da semana santa.

**FIGURA 61: PLANTA ESQUEMÁTICA DA TENDA DE UMBANDA ALDEIA DO CACIQUE COBRA CORAL - SEDE ANTIGA**



FONTE: CROQUI SEM ESCALA FEITO PELA AUTORA. 2025

1 Congá e área de trabalho das linhas de direita;

2 Espaço de trabalho das linhas de esquerda;

**FIGURA 62**



Fonte: acervo próprio.,2025.

**LEGENDA**

- TRONQUEIRA - ACESSO RESTRITO
- QUINTAL - ACESSO PÚBLICO
- QUARTOS PRIVADOS
- APOIO - USO DOS FILHOS DA CASA
- APOIO - USO COMPARTILHADO
- ESPAÇO DOS TRABALHOS ESPIRITUAIS - ATENDIMENTO AO PÚBLICO
- CONGÁ
- CAMINHO

**FIGURA 63**



Fotografia de Eduardo Marques,2025.

Em junho de 2025 foi necessário que a tenda se mudasse para um local maior. Atualmente a Tenda de Umbanda Aldeia do Cacique Cobra Coral está localizada no Bairro Guanandi, na região urbana do Anhanduizinho (MAPA 3). É interessante observar que após a retirada de todos os pontos de força que compõem o Congá e a Tronqueira, o que antes era terreiro voltou a ser uma casa, e a partir do momento que se instalam os mesmos elementos no novo local, o que era salão se torna um terreiro.



**FIGURA 64: Antigo Congá do terreiro, onde é possível observar as estantes que sustentavam as imagens.** Fonte: Acervo próprio.

**FIGURA 65: Nova sede da Tenda de Umbanda Aldeia do Cacique Cobra Coral. Na imagem é possível ver as firmeszas de Caboclos e Pretos velhos, além da entrada para tronqueira.** Fonte: Acervo próprio.

A nova sede (PLANTA 3 e 4) é um salão que possui uma casa de apoio da parte de trás. O espaço do salão é setorizado e organizado em: Logo na entrada está a "casinha" do zelador (aquele que guarda a porteira do terreiro), Exu Tiriri, Exu chefe da casa; logo ao lado fica a assistência, equipada com cadeiras para aqueles que vão receber atendimento e mesas de apoio. O centro do salão é organizado da seguinte forma: a leste se encontram duas salas, onde estão os assentamentos dos Exus e Pombagiras, as Tronqueiras. Essas salas ficam fechadas e são de acesso restrito. No corredor entre essas salas têm um armário onde são guardadas as taças/copos de uso exclusivo das entidades de esquerda e suporte para as guias de trabalho.

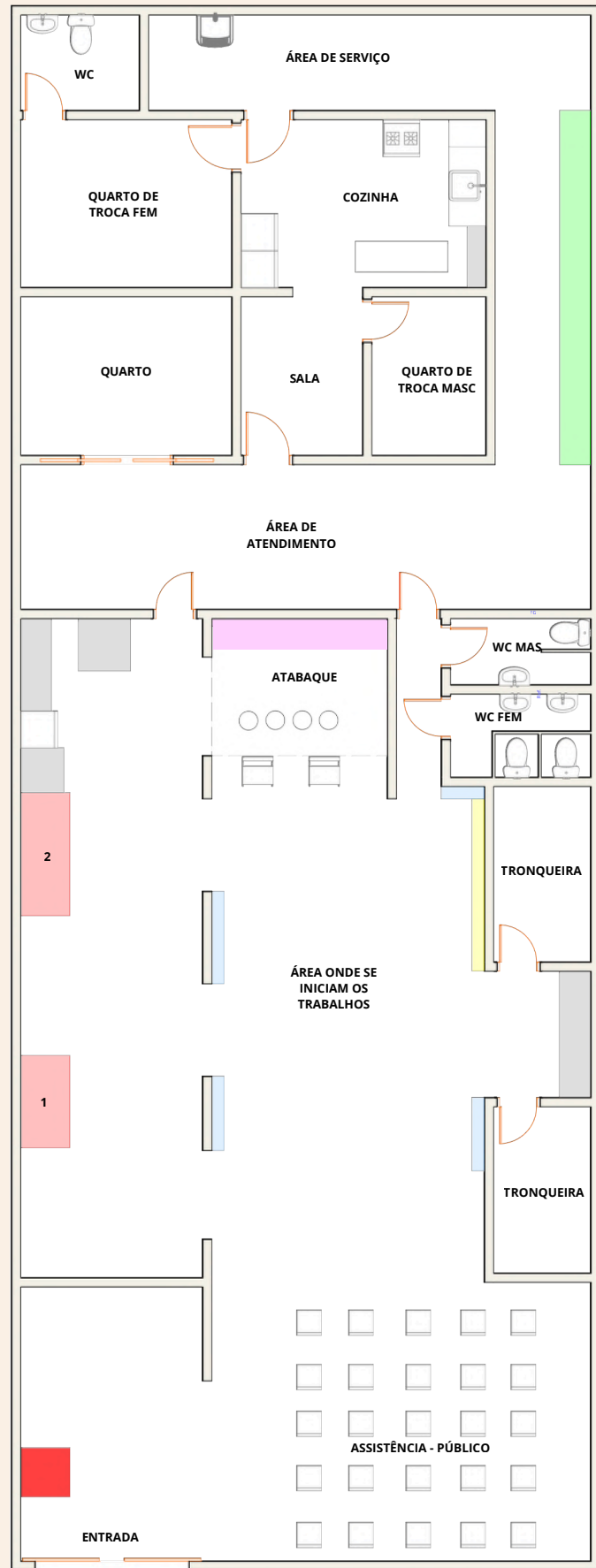
O congá está bem no centro do salão, logo atrás do palco onde ficam os atabaques, e a corrente mediúnica se posiciona logo à frente destes pontos de força. Existem estantes espalhadas nas paredes com as imagens das linhas da direita (Marinheiros, Boiadeiros, Pretos velhos, Cosme, Baianos e Caboclos), além de um suporte para as guias de trabalho da linha de direita. Ao lado do palco se encontram os banheiros, um feminino e outro masculino. A oeste do salão ficam a mesa da linha de malandragem e a mesa dos ciganos, além de armários com ferramentas utilizadas para os trabalhos espirituais e mesa de apoio para os filhos de santo que estão servindo as entidades. Também tem um freezer para as bebidas e comidas das entidades. Apesar da divisão nos altares e objetos em esquerda e direita, ambas trabalham no mesmo espaço.

**FIGURA 66: Salão da Tenda de Umbanda Aldeia do Cacique Cobra Coral - Festa em homenagem à Rainha do inferno (Pombagira da mãe de santo) em 2025.**



Fotografia de Eduardo Marques,2025.

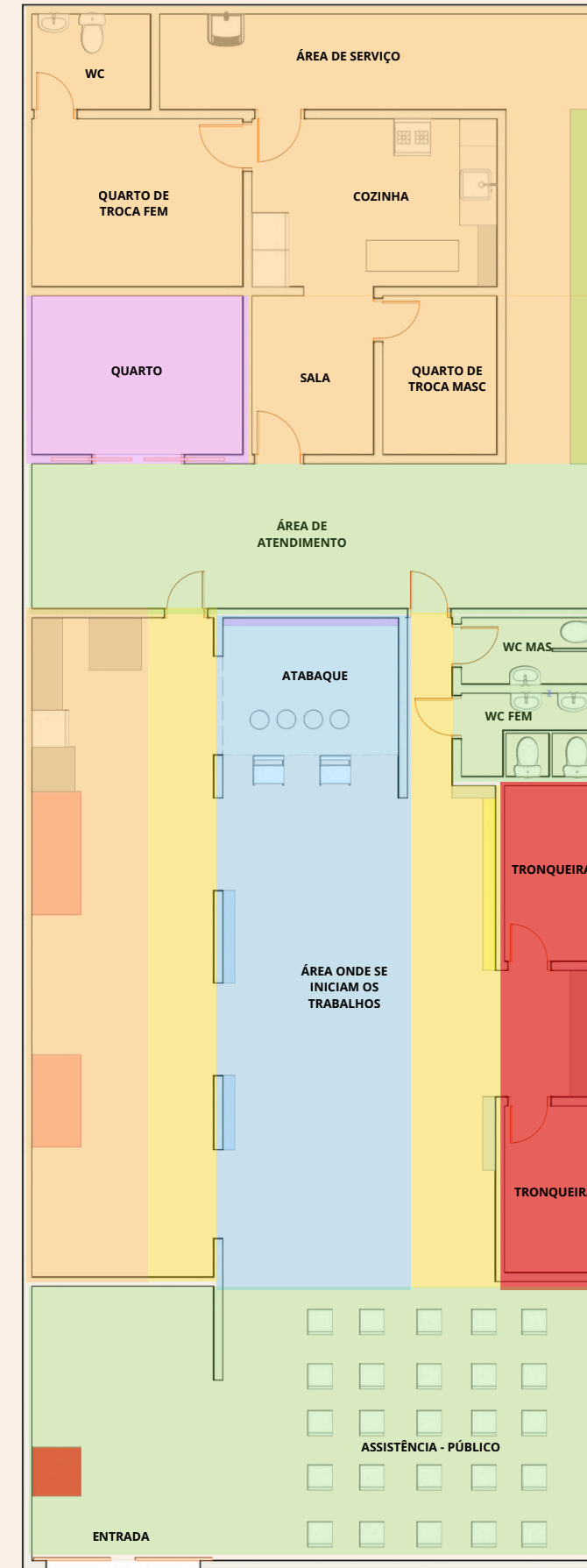
FIGURA 67: PLANTA DA TENDA DE UMBANDA ALDEIA DO CACIQUE COBRA CORAL



**LEGENDA**

- CASINHA DO ZELADOR
- ALTARES DAS LINHAS DA DIREITA - ESTANTES NAS PAREDES
- SUPORTE DAS GUIAS DE TRABALHO DAS LINHAS DE DIREITA
- CONGÁ
- ALTARES DAS LINHAS HIBRIDAS - MALANDROS (1) E CIGANOS (2)
- MOBILIÁRIOS DE APOIO
- ÁREA PERMEÁVEL

FIGURA 68: SETORIZAÇÃO DA TENDA DE UMBANDA ALDEIA DO CACIQUE COBRA CORAL



**LEGENDA**

- TRONQUEIRA - ACESSO RESTRITO
- CIRCULAÇÃO GERAL
- ASSISTÊNCIA - ACESSO PÚBLICO
- APOIO - USO DOS FILHOS DA CASA
- CORRENTE MEDIÚNICA
- QUARTO PRIVADO
- ÁREA PERMEÁVEL - ERVAS E PLANTAS

Os atendimentos ao público se dão em sua maioria no corredor que fica entre o salão e a casa de apoio, nele são colocadas cadeiras para as entidades e consulentes. A casa de apoio é equipada com sala, dois quartos, cozinha e área de serviço. Um dos quartos é de uso pessoal do filho de santo que vive no terreiro, outro é o quarto de troca masculino e a suíte é o quarto de troca feminino. Nos quartos de troca ficam guardadas todas as roupas das entidades, das linhas de direita e esquerda, sendo organizadas em armários, estantes e "araras". A cozinha é um espaço essencial no terreiro, pois a comida está presente em muitos trabalhos espirituais e também nas ações sociais do terreiro. A Tenda de Umbanda Aldeia do Cacique Cobra Coral tem em seu fundamento o sacrifício animal, chamado de Corte ou Orô, então a cozinha e área de serviço são utilizadas para a limpeza dos animais.

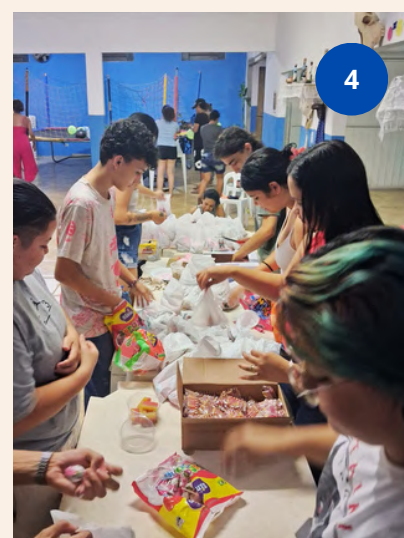
É interessante observar a importância dos mobiliários na organização espacial da casa de axé. A flexibilidade na configuração espacial no terreiro é essencial, pois suas necessidades variam conforme o evento ou trabalho. Alguns exemplos práticos são a semana santa, onde todos os filhos de santo passam três dias reclusos no terreiro; dia de Orô (sacrifício animal), onde é necessário espaço para guardar os frangos e galinhas, e para a limpeza dos mesmos após corte; e as festas, como a celebração de Cosme e Damião e festa junina, que recebem uma grande quantidade de público.



FIGURA 69. Fotografia de Eduardo Marques, 2025.



FIGURA 70. Fotografia de Eduardo Marques, 2025.



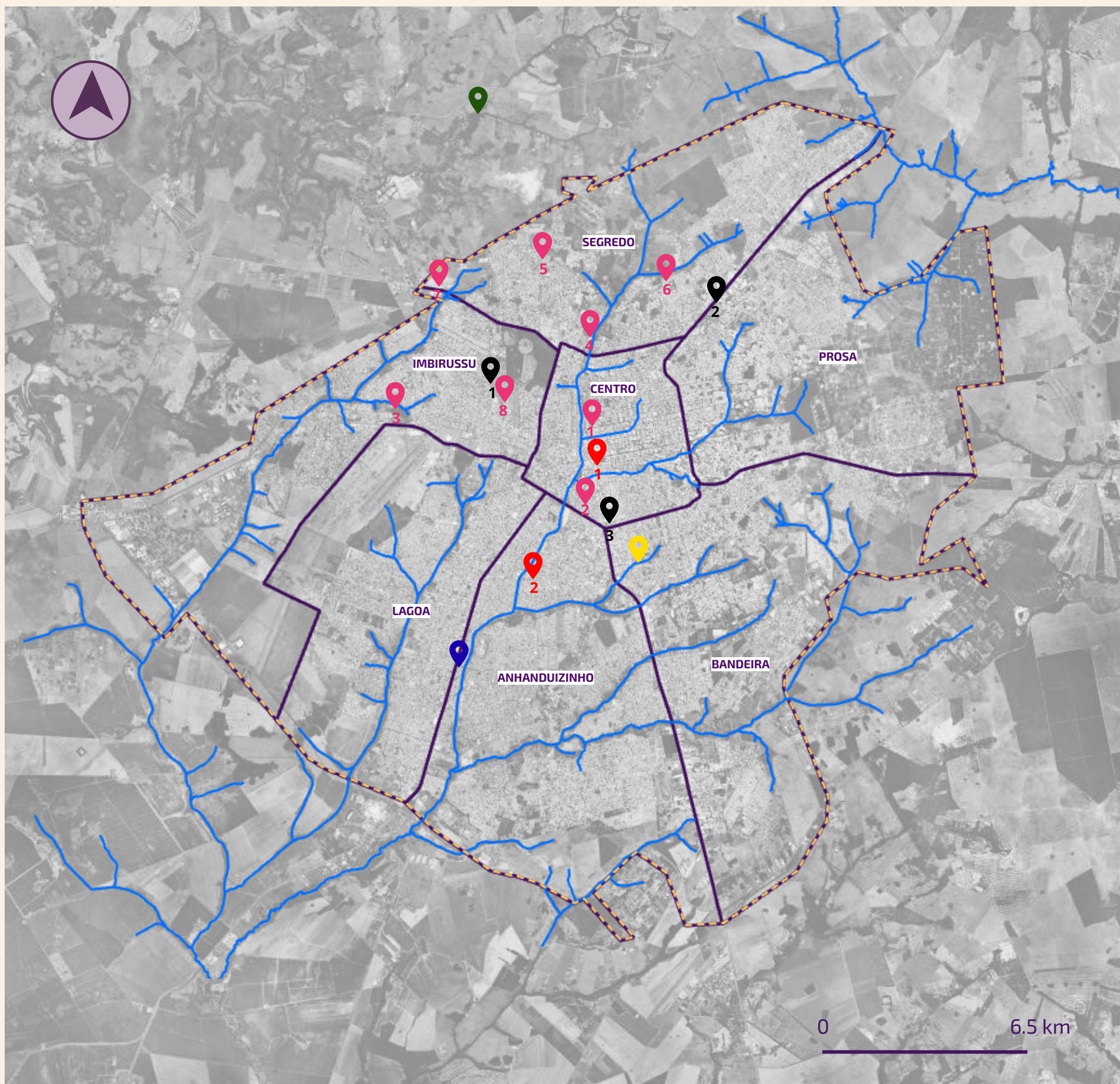
FIGURAS 71 e 72. Fonte: Acervo próprio, 2025.

- 1 Festa junina - aberta ao público;
- 2 Oferendas ao Orixás - Toda a comida é preparada no terreiro;
- 3 Feijoada de Ogun - é preparada no terreiro;
- 4 Organização dos doces para a festa de Cosme e Damião;



FIGURA 73 : Congá. Acervo próprio, 2025.

**FIGURA 74: LEVANTAMENTO PRÉVIO DOS TERRITÓRIOS SIMBÓLICOS DA UMBANDA EM CAMPO GRANDE - MS**



### • 2.3.4 Além dos muros dos Terreiros

Para o desenvolvimento desta parte do trabalho foi feita uma entrevista com uma Mãe de Santo que possui 23 anos de religião e possui um amplo conhecimento de como funcionam as práticas da Umbanda em Campo Grande - MS, além de conversas com praticantes da religião e experiência pessoal, uma vez que sou filha de santo e médium atuante em um terreiro. Foi realizado o mapeamento (MAPA 4) de locais que não são templos para a prática da Umbanda, porém possuem uma conexão simbólica e/ou ritualística, como é o caso dos cemitérios públicos, Cachoeira da Macumba e córregos, sendo essenciais para a prática da religião. Também foram mapeados locais que abrigam manifestações culturais e sociais relacionados às religiões de matriz africana, como é o caso das Escolas de Samba que desfilam no Carnaval, o Galpão Cultural, Instituto Yalodê e a Praça do Preto Velho

#### LEGENDA

- Regiões Urbanas
- Perímetro urbano
- Hidrografia
- 📍 Cemitérios públicos
  - 1- Cemitério Santo Amaro;
  - 2- Cemitério Do Cruzeiro (São Sebastião);
  - 3- Cemitério Santo Antônio;
- 📍 Lojas de artigos religiosos
  - 1- Artigos Religiosos Luz Divina;
  - 2- Casa Divino Axé;
- 📍 Manifestações Culturais
  - 1- Galpão Cultural;
  - 2- Unidos da Vila Carvalho;
  - 3- Catedráticos do Samba;
  - 4- Igreja;
  - 5- Deixa falar;
  - 6- Unidos do Cruzeiro;
  - 7- Cinderela Tradição;
  - 8- Praça do Papa;
- 📍 Praça do Preto Velho
- 📍 Cachoeira da Macumba
- 📍 Instituto Yalode



- **Cemitérios Públicos**



Os cemitérios públicos são territórios importantíssimos para a realização dos trabalhos espirituais. Os cemitérios públicos na cidade de Campo Grande - MS são: o Cemitério Sebastião/Cruzeiro, Cemitério Santo Amaro e Cemitério Santo Antônio. Nesses territórios possuem elementos de grande força espiritual, como os Cruzeiros das almas, encruzilhadas e catacumbas.

**FIGURA 75: Cemitério Santo Antônio.** Fonte: Campo Grande News, 2025.

Além de seu grande poder simbólico, representando os ciclos de vida e morte, emanando a energia da ancestralidade e do renascimento. Para os umbandistas, a morte não é o fim definitivo, mas o início de uma nova jornada.

- **Lojas de artigos religiosos**

Lojas de artigos espirituais são locais de extrema importância, fornecendo as “ferramentas” necessárias para a prática da religião e trabalhos espirituais, como velas, roupas, guias, entre muitos outros elementos e objetos. As mais conhecidas na cidade são a Divino Axé, localizada Av. das Bandeiras, 3064 - Vila Piratininga, e a Luz Divina, Tv. José Bacha, 68 - Centro.

**FIGURAS 76 e 77: Loja de artigos religiosos Luz Divina.**



Fonte: Campo Grande News, 2025.

- **Galpão Cultural e Esplanada ferroviária**

O Galpão Cultural, localizado na Esplanada Ferroviária, na Avenida Calógeras, na região do Centro, se tornou um território importante na luta dos terreiros de existir a luz do dia em locais públicos.

No ano de 2025 foram realizadas duas festividades ligadas às religiões de matriz africana, o Samba de Cosme, uma homenagem à Ibejada e a São Cosme e Damião, e o Samba de roda dos Ogãs, que reuniu tabaqueiros de diversos terreiros da cidade.



**FIGURA 78 e 79: Samba dos Ogãs.** Fonte: Acervo próprio, 2025

- **Cachoeira da Macumba**

A Cachoeira da Macumba, localizada na saída para Rochedo, não ganhou seu nome em vão, sendo utilizada por grande parte dos terreiros da cidade. Nela são realizadas entregas de oferendas, orações, batismos e uma diversidade de trabalhos espirituais que se utilizam da força da cachoeira e da mata.

**FIGURA 80: Balaio à Oxum na Cachoeira da Macumba.**



Fonte: Campo Grande News, 2024.

- **Escolas de Samba**

A relação entre as escolas de samba e as religiões de matriz africana é histórica e cultural. Muitos elementos do samba carioca e paulista nasceram nos terreiros. Campo Grande possui seis escolas de samba principais: Unidos da Vila Carvalho, Catedráticos do Samba, Igrejinha, Deixa falar, Unidos do Cruzeiro e Cinderela Tradição (Campo Grande News, 2025)

A escola de samba Deixa Falar levou para a avenida em 2025 o samba-enredo "Ancestralidade", que fala sobre a cultura afrodescendente no Brasil e os povos originários. No mesmo ano, a escola de samba Igrejinha escolheu homenagear a Comunidade Quilombola de Furnas do Dionísio, com o samba-enredo "Liberdade e Conquista de Um Quilombo".



**FIGURA 81: Figura de uma entidade da Umbanda em um dos carros alegóricos da escola de samba Unidos da Vila Carvalho em 2023.** Fonte: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2023.

- **Instituto Yalodê**

Para combater o racismo e a intolerância religiosa, o Instituto Yalodê, desde novembro de 2024, desenvolve um projeto com advogados voluntários para orientar juridicamente e gratuitamente as vítimas desses crimes em Campo Grande. O projeto foi idealizado pelo babalorixá Augusto de Lógunḁḁ, presidente do Instituto Yalodê, que atua há dez anos com iniciativas sociais na cidade. A sede do Instituto Yalodê está localizada no templo Ilé Àṣṣ Lógunḁḁ Ifàyá Ti Omi Ọṣun - Axé Chão de Ouro, na Rua Iporã, 470 - Jardim Jacy, Campo Grande (Campo Grande News, 2025).



**FIGURA 82: Mulher usa brinco com a palavra "Axé".** Foto: Redes Sociais/Instituto Yalodê.

- **Praça do Preto Velho**

Além dos terreiros, a Praça do Preto Velho é um território importantíssimo para a religião umbandista na cidade de Campo Grande. A praça foi inaugurada no dia 13 de maio de 1995, que além de ser o dia da abolição da escravatura, é também o dia de Preto Velho na liturgia umbandista. O local já foi alvo de intolerância religiosa no ano de 2021 e passou por uma restauração realizada por frequentadores e integrantes de terreiros (SILVA, 2024). Atualmente, o município de Campo Grande comemora no dia 13 de maio o dia Municipal do Preto Velho, o projeto de lei foi aprovado durante sessão na Câmara de Vereadores que também discute tornar como patrimônio histórico a Praça do Preto Velho, com a finalidade de valorizar e preservar o local.



**FIGURA 85: Casas de axé na Praça do Preto velho.** Fonte:Acervo próprio,2025.

**FIGURA 83: Monumento do Preto velho.**



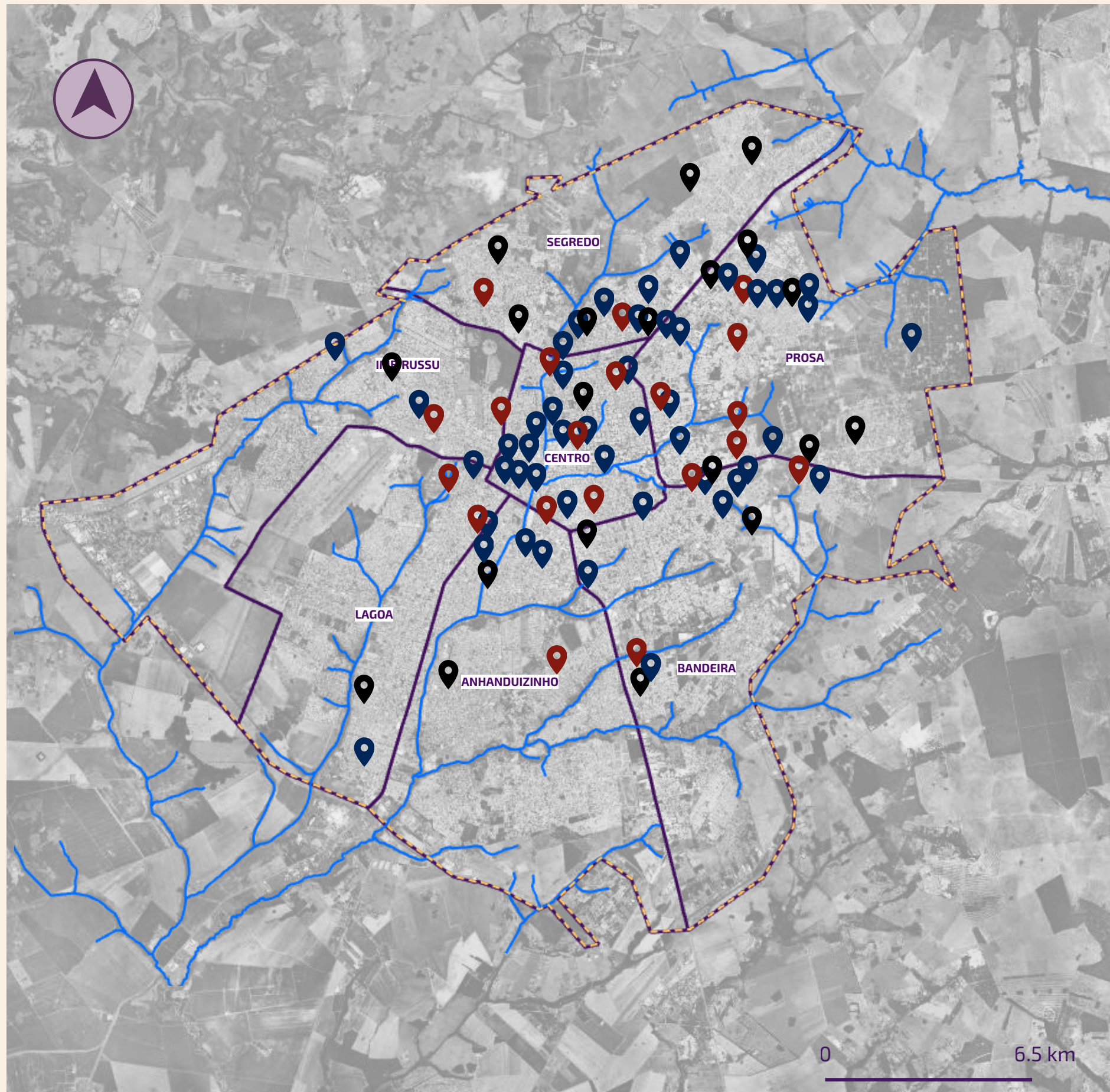
Fonte: Acervo próprio, 2025.

Nos últimos anos a praça foi reavivada através de feiras culturais, como é o caso da Feira Ziriguidum e a Feira Afrodescendente Meus Axés, e celebrações relacionadas a religião, como a comemoração ao dia dos Pretos Velhos e A noite das Marias (Celebração a Exus e Pombagiras) (Silva, 2024).

**FIGURA 84: Festividade na Praça do Preto velho.** Fonte: Acervo próprio, 2025.

## 2.4 Intolerância religiosa em Campo Grande - MS

FIGURA 86: LEVANTAMENTO PRÉVIO DA LOCALIZAÇÃO DE TEMPLOS CRISTÃOS EM CAMPO GRANDE - MS



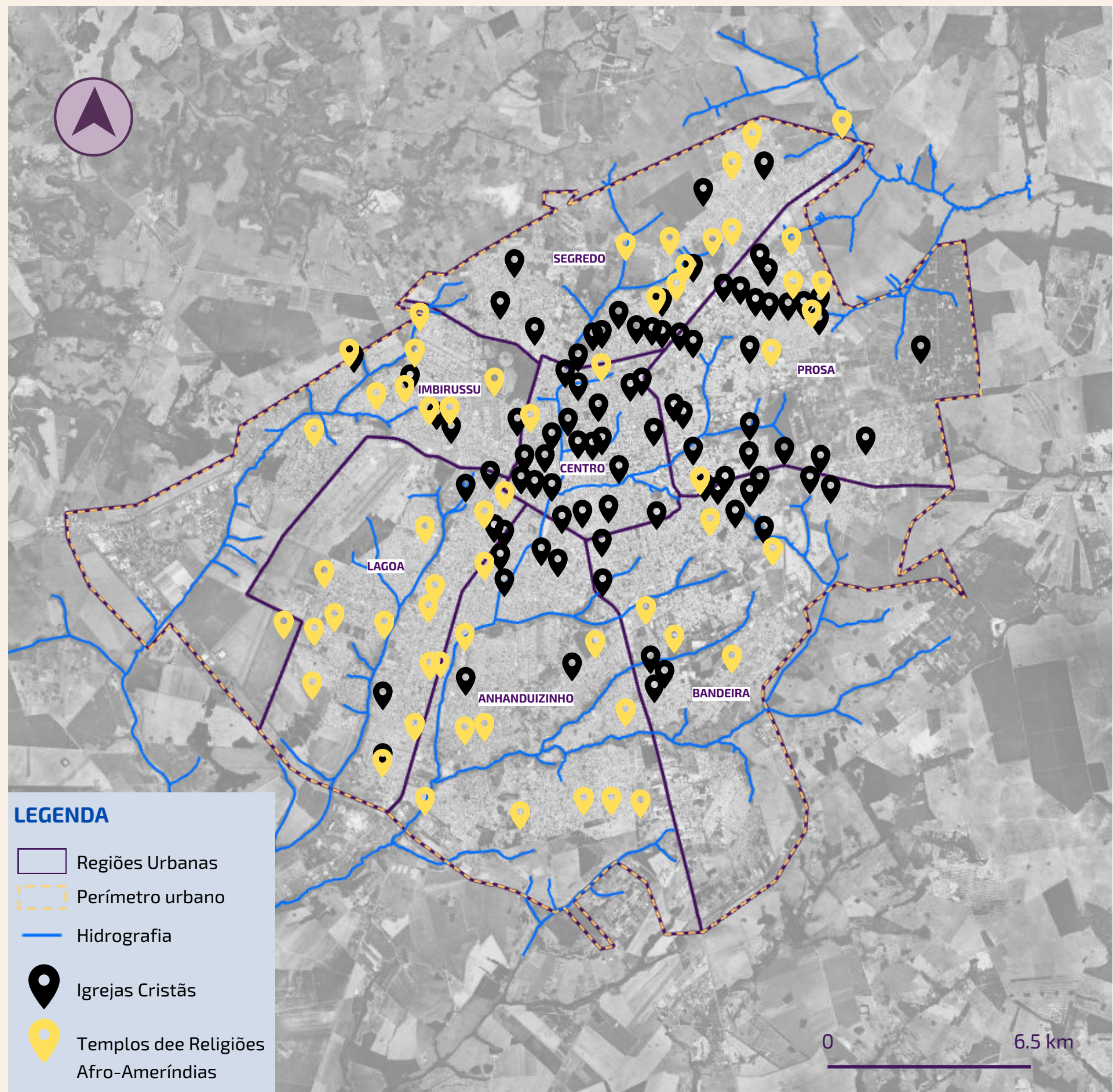
Conforme os dados do censo demográfico divulgado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Mato Grosso do Sul tem 2.350.132 pessoas de 10 anos ou mais, com declaração sobre religião. No Estado, a maioria segue a religião católica, sendo 1.219.677 pessoas. Os evangélicos ficam em segundo lugar, com 763.096 pessoas; na religião espírita, 39.526 pessoas; umbanda e candomblé, 14.410; tradições indígenas, 2.100. Outras religiosidades abrangem 96.896 pessoas; e sem religião, 210.472. Durante a pesquisa, 1.140 não soube responder; e 2.815 não declararam religião.

Para realizar o mapeamento dos templos cristãos foram localizadas as principais igrejas católicas (Paróquias e Santuários) e as congregações evangélicas mais conhecidas, como a Assembleia de Deus, Igreja Batista e as "Churches" - desdobramento contemporâneo do movimento pentecostal, e se caracteriza por uma teologia que super exalta as bênçãos divinas e seus adeptos frequentemente enfatizam a necessidade de "viver uma vida abundante", principalmente em questões materiais e financeiras (Barbosa, 2023). No mapa 5 estão em destaque as filiais da Igreja Universal do Reino de Deus, devido ao seu pioneirismo no movimento neopentecostal brasileiro e seu papel na difusão de ataques às religiões de matriz africana, como já foi citado no capítulo 1. Não foi possível localizar todas as igrejas cristãs da cidade devido a grande quantidade e falta de uma base de dados oficial. Um levantamento feito pelo Brasil em Mapas apontou que Mato Grosso do Sul tem 64,6 templos evangélicos para cada 100 mil habitantes. Para se ter uma dimensão, na capital Campo Grande existem 132 filiais apenas da congregação Assembléia de Deus (Couto, 2024).

### LEGENDA

- Regiões Urbanas
- Perímetro urbano
- Hidrografia
- Igrejas Católicas - Paróquias e santuários
- Igrejas Evangélicas - Igreja Batista, Assembléia de Deus e "Churches"
- Igrejas Evangélicas - Igreja Universal do Reino de Deus

**FIGURA 87: LEVANTAMENTO PRÉVIO DOS TEMPLOS CRISTÃOS E TERREIROS SOBREPOSTOS**



FONTE: BASE DE DADOS GOOGLE MAPS. BASE CARTOGRÁFICA SIMGEO - PMCG. Adaptado pela autora. 2025

Quando se sobrepõem os mapas com as localizações dos terreiros de religiões afro-ameríndias e o das igrejas cristãs, esses territórios não colidem (MAPA 6). É notório que os principais templos católicos e evangélicos se concentram no centro da cidade, enquanto os terreiros se afastam do mesmo. É interessante refletirmos que o primeiro terreiro de Umbanda da cidade, o Templo Pai Oxalá, surgiu justamente na região central, na rua Sete de Setembro, e após problemas relacionados à perseguição e racismo religioso, se mudou para uma área mais isolada na região urbana do Anhanduizinho.

Segundo dados da Fecams (Federação de Cultos Afro-Brasileiros e Ameríndios), Mato Grosso do Sul tem em torno de 12 mil casas (centros) ligados aos "povos de terreiro". Mato Grosso do Sul registrou 188 casos de racismo em 2024, e quando falamos em intolerância religiosa foram 51 registros segundo a SEJUSP (Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública). Já no balanço de 2024 do Disque 100, as religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda, são as principais vítimas de intolerância religiosa. Em vídeo que circulou nas redes sociais, prefeita da capital, Adriana Lopes fez comentários ofensivos, ao se referir às religiões de matriz africana como práticas de "ímpios"

CAMPO GRANDE

### Adriane Lopes é alvo de repúdio por discurso de intolerância religiosa e cultural

Em vídeo que circula nas redes sociais, prefeita fez comentários considerados ofensivos, ao se referir às religiões de matriz africana como práticas de "ímpios"

Publicado em 11/10/2024 12:01 - Semana On

FIGURA 64: Manchete: Semana On - Publicado em 11/10/2024

TABELA 1: OCORRÊNCIAS POR MOTIVOS RELIGIOSOS EM CAMPO GRANDE - MS		
FATO	2022	2023
INJÚRIA POR DISCRIMINAÇÃO RELIGIOSA (ART.140)	3	12
RACISMO POR MOTIVOS RELIGIOSOS (LEI FEDERAL 7.716/89)	0	0
ULTRAJE A CULTO E IMPEDIMENTO OU PERTURBAÇÃO DE ATO A ELE RELATIVO (ART.208 DO CPB)	2	3

FONTE: SEJUP/MS. 19 DE JANEIRO DE 2024. Elaborado por Jornal Midiamax

## CAPÍTULO 3 - O TERREIRO

Tenda de Umbanda Mãe Nanã em Campo Grande -MS: Análise física e simbólica do território de intervenção

## 3.1 Nanã Buruquê

*O princípio da criação, a sabedoria das mais velhas e o elo entre a vida e a morte.*



FIGURA 88: NANÃ. Arte de VivoQuadro.

Nanã é a mãe ancestral, sendo um dos orixás mais antigos, associada a terra e água. Mãe da criação, fornece a lama que modela os seres humanos e possui uma ligação primordial com os pântanos e os manguezais — lugares onde a vida começa. Na visão de mundo iorubá, a lama é um território sagrado onde se localiza o início da vida e, ao mesmo tempo, o retorno a ela. Nanã acolhe os mortos, ancestraliza os que partiram, e assim mantém o ciclo vital em movimento. Nanã é lembrada como avó do panteão, símbolo de maturidade, introspecção e contemplação da vida (Ramos, 2025).

Tem como instrumento o lbiri, feito de elementos naturais como palha da costa e búzios, simbolizando autoridade, ancestralidade, a conexão com a terra, a purificação e o ciclo da vida e morte, usado para afastar energias negativas e encaminhar espíritos (eguns). Os búzios que o decoram representando a morte e a fecundidade.

**Outro símbolo é o grão, pois todo grão tem que morrer para germinar.** As homenagens a Nanã Buruquê acontecem no dia 26 de julho e suas cores são roxo, lilás e branco, e se oferecem flores e alimentos a ela nestes tons, como batata doce, jabuticaba, uvas, ameixa, repolho roxo e vinho (Templo Espiritual de Umbanda Caboclo Pena Verde, 2018).

*Oxumarê me deu dois barajás  
Na festa de Nanã  
A velha deusa das águas  
Quer mugunzá  
Seu lbiri enfeitado com fitas e búzios  
O ponto pra assentar  
Mandou cantar  
Ê, Salubá!  
Ela vem no som da chuva  
Dançando devagar seu ijexá  
Senhora da Candelária, abá  
Pra toda a sua nação iorubá*

**PONTO DE NANÃ - CANÇÃO DE MARIENE DE CASTRO**



FIGURA 89: IBIRI DE NANÃ. Arte de Augustinho.

**SALUBÁ, NANÃ!**



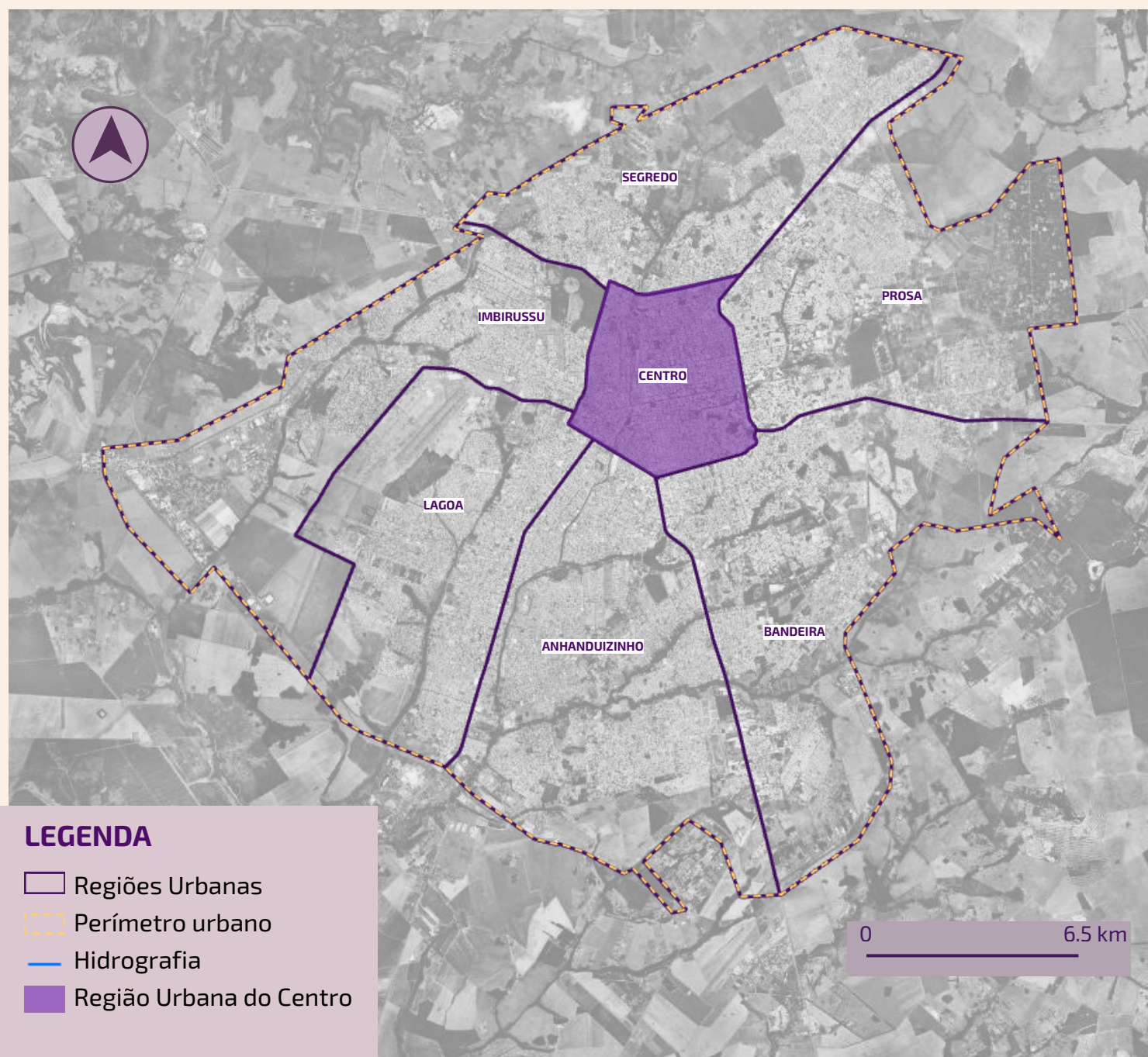
## 3.2 Área de intervenção

## 3.2.1 Localização

**FIGURA 90: LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE INTERVENÇÃO - CAMPO GRANDE / MS**



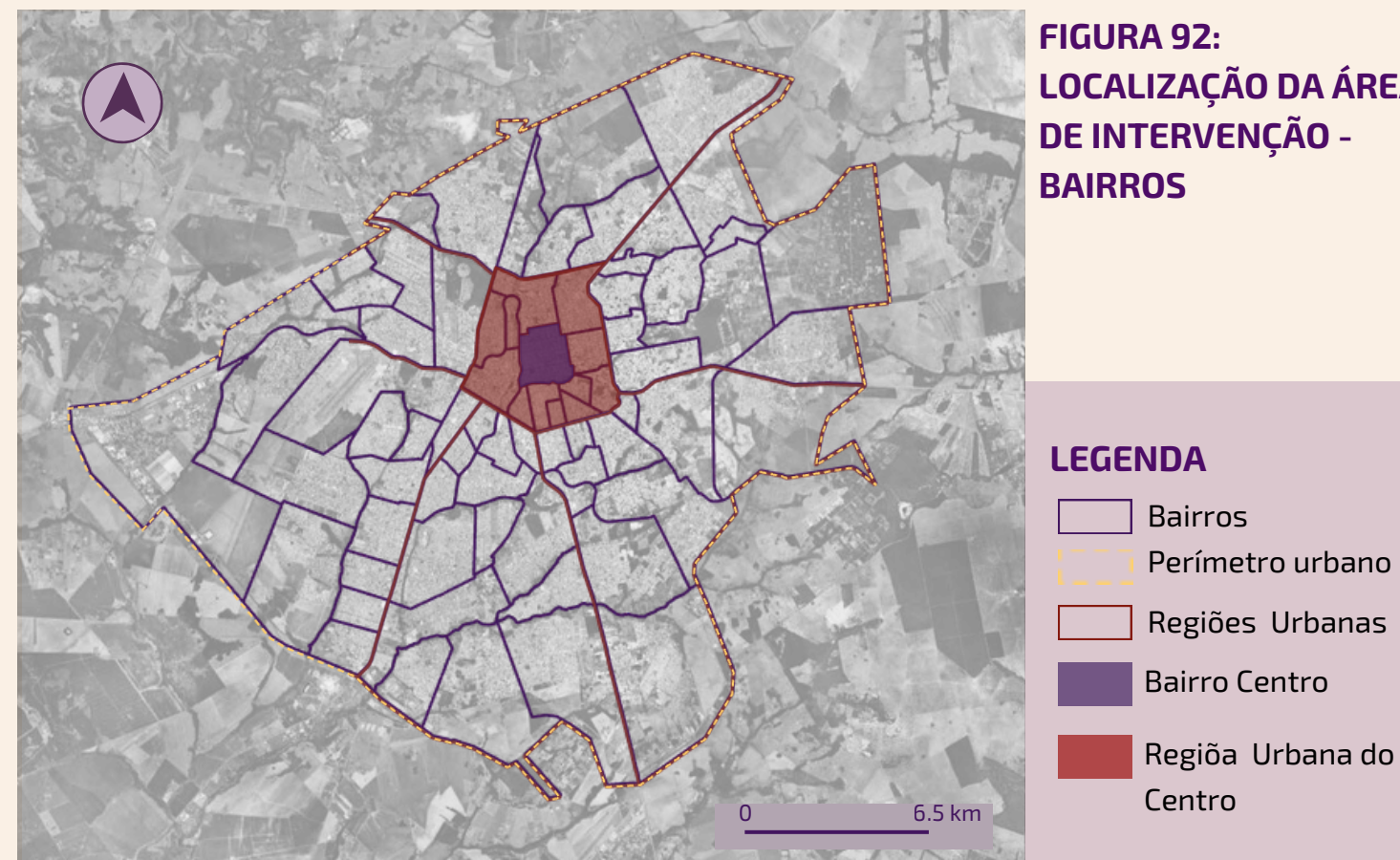
**FIGURA 91: LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE INTERVENÇÃO - REGIÃO URBANA**



FONTE: BASE DE DADOS GOOGLE MAPS. BASE CARTOGRÁFICASIMGEO - PMCG. Adaptado pela autora. 2025

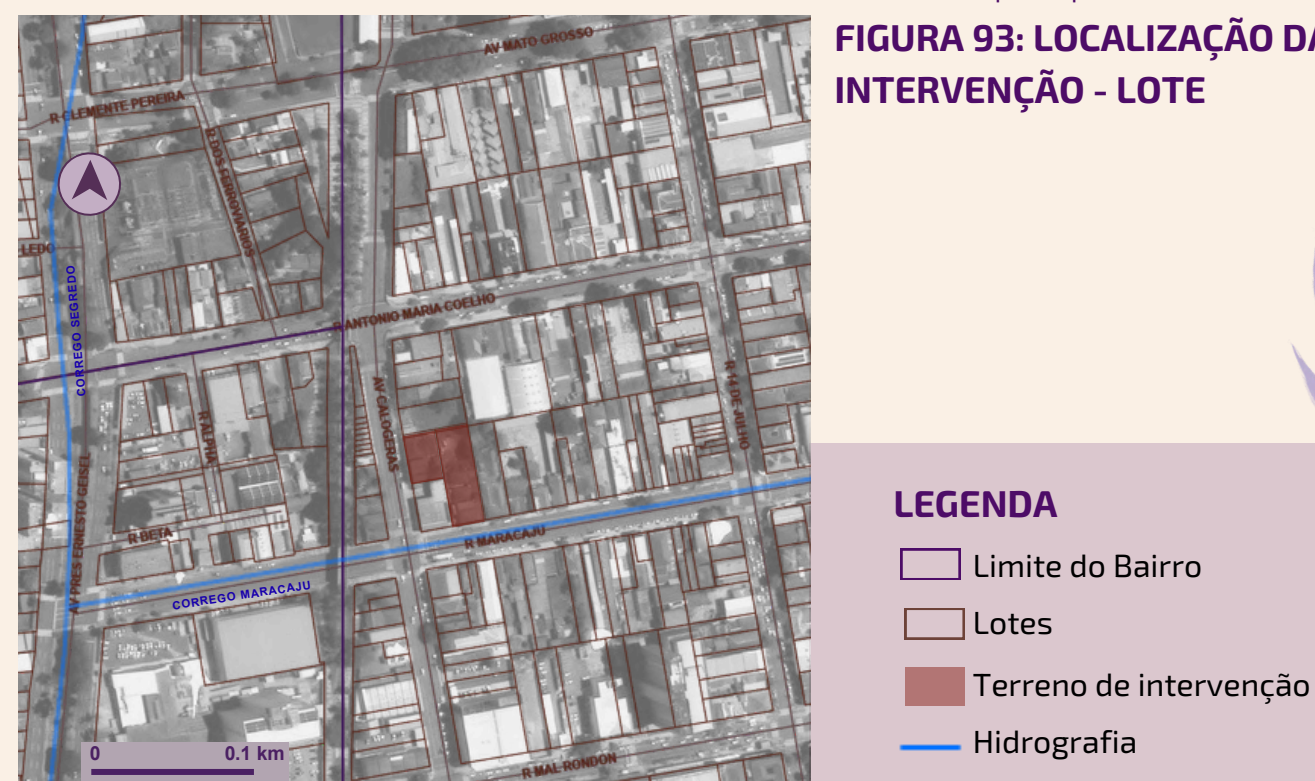
Com base nos mapas e análises feitas no capítulo dois, foi possível observar que os terreiros de umbanda se afastam da região central, se alocando às margens da cidade. E considerando que o primeiro terreiro de Campo Grande nasceu no centro, é importante (re)ocupar este espaço e para isso, o terreno escolhido se localiza na região urbana do Centro, no bairro Centro.

**FIGURA 92: LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE INTERVENÇÃO - BAIROS**

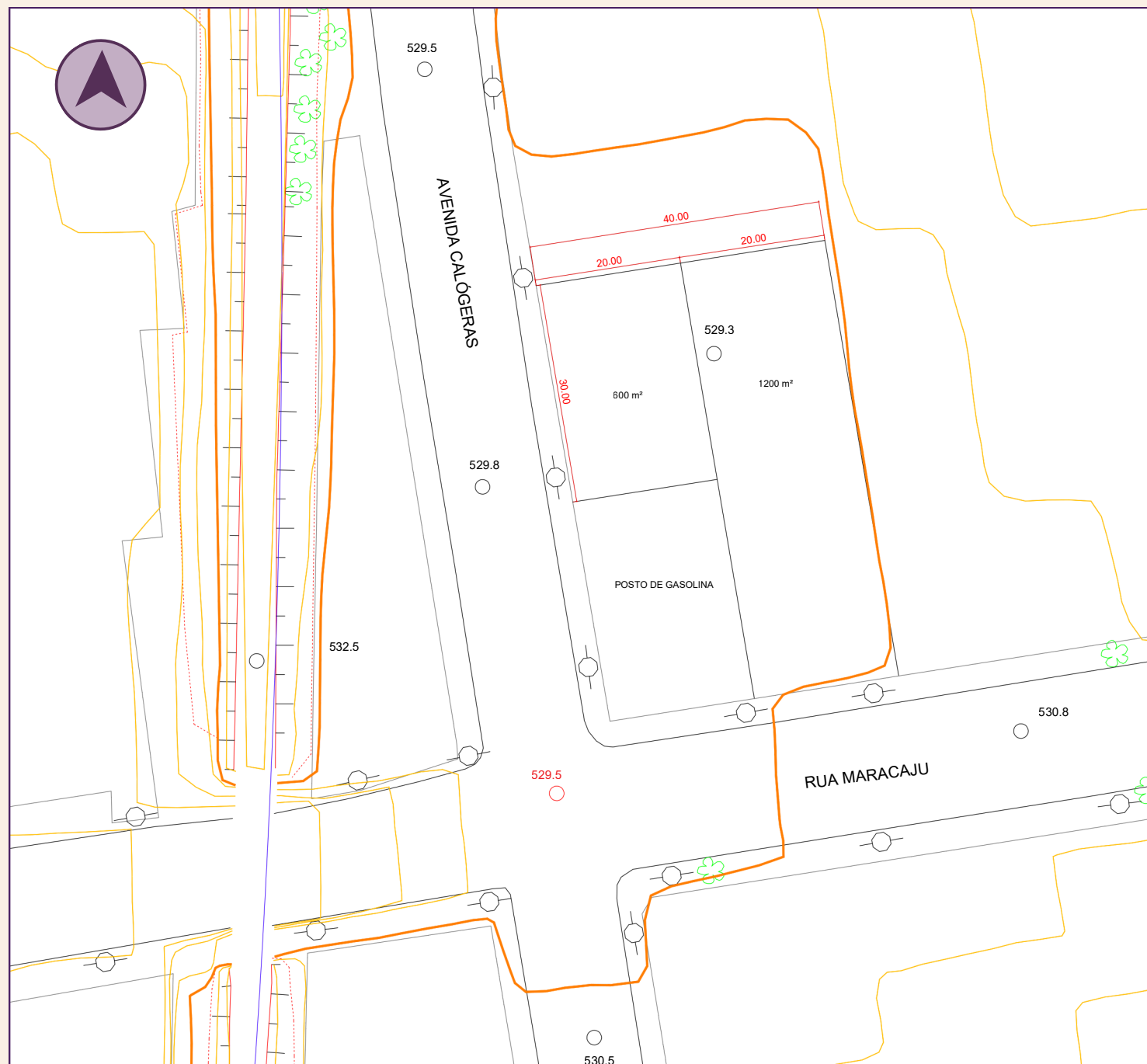


FONTE: BASE DE DADOS GOOGLE MAPS. BASE CARTOGRÁFICASIMGEO - PMCG. Adaptado pela autora. 2025

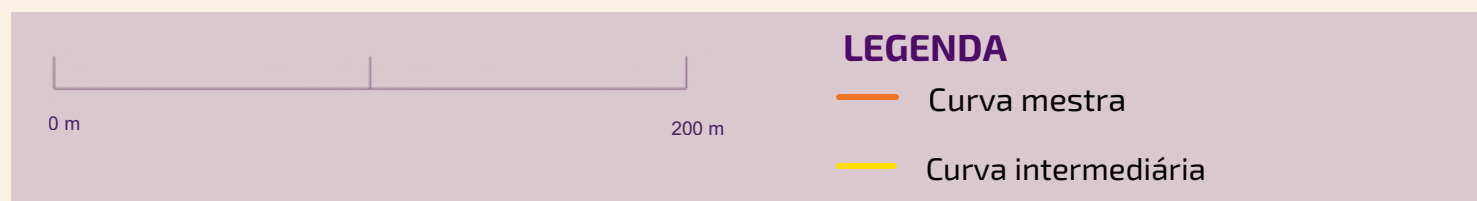
**FIGURA 93: LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE INTERVENÇÃO - LOTE**



**FIGURA 94: TERRENO DE INTERVENÇÃO - LOTEAMENTO**



Fonte: Base cartográfica PMCG, elaborado pela autora.2025.



O terreno escolhido é composto por dois lotes com frente para a Avenida Calógeras e a Rua Maracajú, com **área total de 1.800 m² (MAPA 11)**. No lote com fachada para a Avenida Calógeras possui uma construção abandonada e em estado precário, com características arquitetônicas semelhantes a área tombada da Esplanada Ferroviária (FIGURA 64). O lote com fachada para a Rua Maracaju está vazio, sem edificação (FIGURA 65).

**FIGURA 95: FACHADA DA AV.CALÓGERAS**



Fonte: Google Maps 2024.

**FIGURA 96: FACHADA DA RUA MARACAJU**



Fonte: Acervo próprio. 2026.

## 3.2.2 Legislação e Diretrizes Urbanas

### • 3.2.2.1 PLANO DIRETOR DE CAMPO GRANDE -MS *Lei Complementar n.341/2018*

#### • Macrozonas Urbana

O terreno de intervenção está localizado no bairro Centro, na Macrozona urbana 1 (MAPA 12).

FIGURA 97: Anexo 5.2 - Macrozonas Urbanas - Lei Complementar 341/2018



Fonte: Anexo 5.2. - Lei Complementar n.341/2018 e SIMGEO(PMCG), elaborado pela autora.2025

#### LEGENDA

- MACROZONA 1 - MZ1
- MACROZONA 2 - MZ2
- MACROZONA 3 - MZ3
- Hidrografia
- Perimetro Urbano
- Bairro Centro
- Terreno de intervenção
- Limite dos Bairros

#### • Zona Urbana

O terreno de intervenção está localizado na Zona urbana 1 (MAPA 13). Conforme o anexo 8.1 da Lei Complementar n.341/2018 e o anexo IV da Lei Complementar n. 186/2011 é permitido a categoria de uso de templos religiosos na Zona urbana 1.

FIGURA 98: Anexo 6 - Zonas Urbanas - Lei Complementar 341/2018



Fonte: Anexo 6. - Lei Complementar n.341/2018 e SIMGEO(PMCG), elaborado pela autora.2025

#### LEGENDA

- ZONA 1
- ZONA 2
- ZONA 3
- ZONA 4
- ZONA 5
- Hidrografia
- Bairro Centro
- Terreno de intervenção
- Limite dos Bairros

TABELA 2: LEI COMPLEMENTAR 341/2018 - ANEXO 8.2 - RECUOS MÍNIMOS (m)

Frente	Lateral e fundos
Térreo e 1º pavimento - Livre Demais pavimentos - 5,00	Térreo e 1º pavimento - Livre IE entre 2 e 6 - h/6 (mínimo 3,00) IE maior ou igual a 6 e menor que 12 - h/8 (mínimo 3,00) IE maior ou igual a 12 - h/10 (mínimo 5,00)

TABELA 3: LEI COMPLEMENTAR 341/2018 - ANEXO 8.2 - ÍNDICES E INSTRUMENTOS URBANÍSTICOS

	Taxa de Ocupação	Térreo e 1º Pavimento - 0,7 Demais Pavimentos - 0,5	Coefficiente de Aproveitamento Mínimo (CAMin)	0,10
Z1	Índice de Elevação	Livre	Coefficiente de Aproveitamento Básico (CABas)	4
	Outorga Onerosa /Transferência do Direito de Construir	1	Coefficiente de Aproveitamento Máximo (CAMax)	5

• Zona Urbana

FIGURA 99: Anexo 7 - Zonas Ambientais - Lei Complementar 341/2018



Fonte: Anexo 7 - Lei Complementar n.341/2018 e SIMGEO(PMCG), elaborado pela autora. 2025

O terreno de intervenção está localizado na zona ambiental 1 (MAPA 15). Conforme o Anexo 7.1 - Tabela Taxa de Relevância Ambiental - Lei Complementar 341/2018 a taxa de permeabilidade é de 20%, que corresponde a 360 m<sup>2</sup> da área de intervenção.

TABELA 4: LEI COMPLEMENTAR 341/2018 ANEXO 7.1 - RELEVÂNCIA AMBIENTAL

ZONA AMBIENTAL	TAXA DE PERMEABILIDADE
ZA1	20%

LEGENDA

- Zona Ambiental 1 - ZA1
- Zona Ambiental 2 - ZA2
- Zona Ambiental 3 - ZA3
- Zona Ambiental 4- ZA4
- Zona Ambiental 5- ZA5
- Hidrografia
- Bairro Centro
- Terreno de intervenção
- Limite dos Bairros

• Zona Urbana

FIGURA 100: Anexo 12 - Zonas Especiais de Interesse Cultural - ZEIC - Lei Complementar 341/2018



Fonte: Anexo 12 - Zonas Especiais de Interesse Cultural - ZEIC - Lei Complementar 341/2018 e SIMGEO(PMCG), elaborado pela autora. 2025

LEGENDA

- ZONA ESPECIAL DE INTERESSE CULTURAL 1 - SITIO HISTÓRICO DA FERROVIA NOB
- ZONA ESPECIAL DE INTERESSE CULTURAL 1 - ENTORNO TOMBAMENTO NOB
- ZEIC 2
- ZEIC 2
- Bairro Centro
- Terreno de intervenção
- Hidrografia
- Limite dos Bairros
- Perímetro urbano

O terreno escolhido está localizado no entorno de uma área tombada pelo IPHAN (MAPA 16), o Sítio Histórico da Ferrovia NOB, classificado como uma Zona Especial de interesse cultural 1 (ZEIC1). Conforme o Art. 33. da lei complementar n.341/2018 a Zona Especial de Interesse Cultural - ZEIC é constituída por áreas, edifícios ou espaços, urbanos e rurais, que apresentam ocorrência de Patrimônio Cultural e devem ser preservados visando evitar a perda ou o desaparecimento de suas características.

A ZEIC 1 constituída por imóveis, ou conjunto de imóveis, urbanos ou rurais, monumentos ou áreas tombados por legislação municipal, estadual ou federal, ou ainda, conjuntos de imóveis em sítios históricos e seu entorno, destinados à preservação, restauração, recuperação e manutenção do patrimônio cultural, conforme Anexo 12.1. Religiões de matriz africana são reconhecidas como Patrimônio Cultural, especialmente de natureza imaterial, em diversas esferas no Brasil, com iniciativas em níveis municipal, estadual e federal, inclusive existem terreiros tombados como patrimônio histórico, como já citados no capítulo 1. Um terreiro de Umbanda estaria em sintonia com o propósito de preservação da história e cultural através do patrimônio material.



FIGURA 101: Estação ferroviária na década de 60. Foto: Roberto Higa.

### • 3.2.2.2 LEI DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO DE CAMPO GRANDE -MS

*Lei Complementar nº 74 de 06 de setembro de 2005*

FIGURA 102: USO E OCUPAÇÃO DO SOLO - Lei Complementar nº 74 de 06 de setembro de 2005

#### • ATUALMENTE



#### • MODIFICADO



#### LEGENDA

- ..... Orla ferroviária
- Limite do Bairro
- Lotes
- ..... Terreno de intervenção
- Hidrografia
- Residencial
- Misto
- Serviços
- Comercial
- Industrial
- Religioso
- Finalidades essenciais
- Territorial

Conforme a lei de uso e ocupação do solo, os lotes escolhidos estão classificados de uso comercial, então a proposta é mudar para uso religioso (MAPA 17). Outro ponto importante de se observar é que a área escolhida predomina o uso comercial e serviço, além de ser contornado por vias movimentadas e de alto fluxo. As giras de Terreiros de Umbanda se utilizam da música para os trabalhos espirituais, através de cantos e tambores, que muitas vezes podem durar horas, adentrando a noite. Não ter residências como vizinhas é um ponto positivo, pensando nas pessoas que frequentam o terreiro e em quem já vive na região. Muitas vezes as casas de axé enfrentam problemas relacionados ao barulho intenso que produzem, para além da intolerância religiosa. Do lado oposto a Avenida Calógeras há uma concentração maior de lotes residenciais, porém a Orla ferroviária “corta” a quadra, ampliando a distância e criando uma barreira vegetativa.

## 3.2.3 Hierarquia Viária

A área de intervenção é contornada direta e indiretamente por vias arteriais (MAPA 18).

FIGURA 103: HIERARQUIA VIÁRIA



Fonte: SIMGEO, modificado.2025.

### LEGENDA

- Hidrografia
- Via Arterial
- Terreno de intervenção
- Limite dos Bairros



## 3.2.4 Meio físico

### • 3.2.4.1 Topografia

FIGURA 104: Topografia



Fonte: SIMGEO (PMCG) e Base cartográfica PMCG, elaborado pela autora. 2025.

### LEGENDA

- Hidrografia
- Topografia
- Linha de corte
- Terreno de intervenção
- Limite dos Bairros

Como é possível analisar no Mapa 11 e Mapa 19, o terreno escolhido está entre curvas de nível, sendo predominantemente plano. Na visita em loco foi possível observar que o terreno não apresenta desnível.

FIGURA 105: CORTE AA - LONGITUDINAL

Altura máxima: 532 m /Altura mínima: 531 m

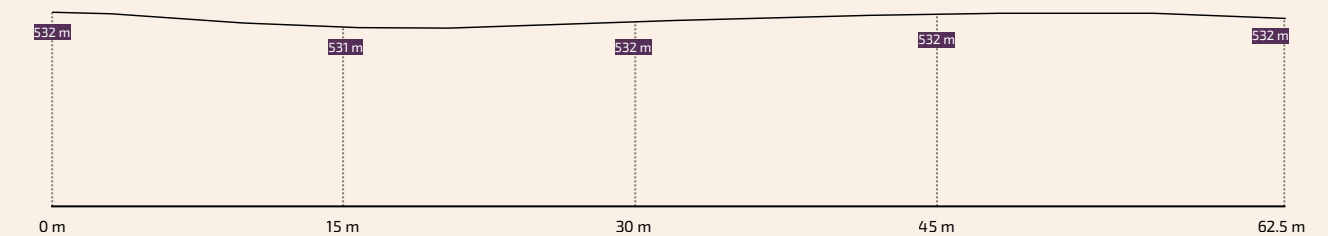
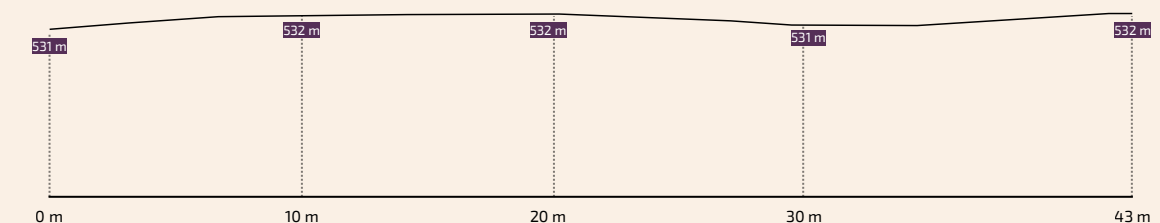


FIGURA 106: CORTE BB - TRANSVERSAL

Altura máxima: 532 m /Altura mínima: 531 m



FORNTE: Google Earth Pro, elaborado pela autora. 2025.

### 3.2.4.2 Trajetória solar e ventilação

FIGURA 106: Trajetória solar e orientação dos ventos



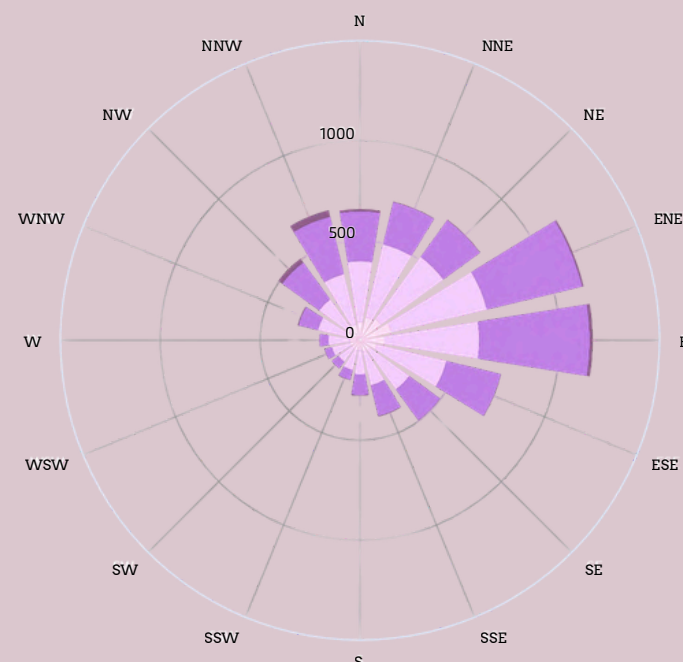
FONTE: Base SIMGEO, elaborado pela autora. 2025.

### LEGENDA

- < 2 km/h
- 2 a 5 km/h
- 5 a 10 km/h
- 10 a 20 km/h
- 20 a 30 km/h

De acordo com a ventilação, Campo Grande tem os ventos predominantes para a orientação Leste e Nordeste (FIGURA 70). Sobre a trajetória solar em relação ao terreno, a fachada sudoeste, na Avenida Calógeras recebe a luz do sol da tarde, enquanto a fachada sul, na Rua Maracaju, tem menor incidência de raios solares (FIGURA 69).

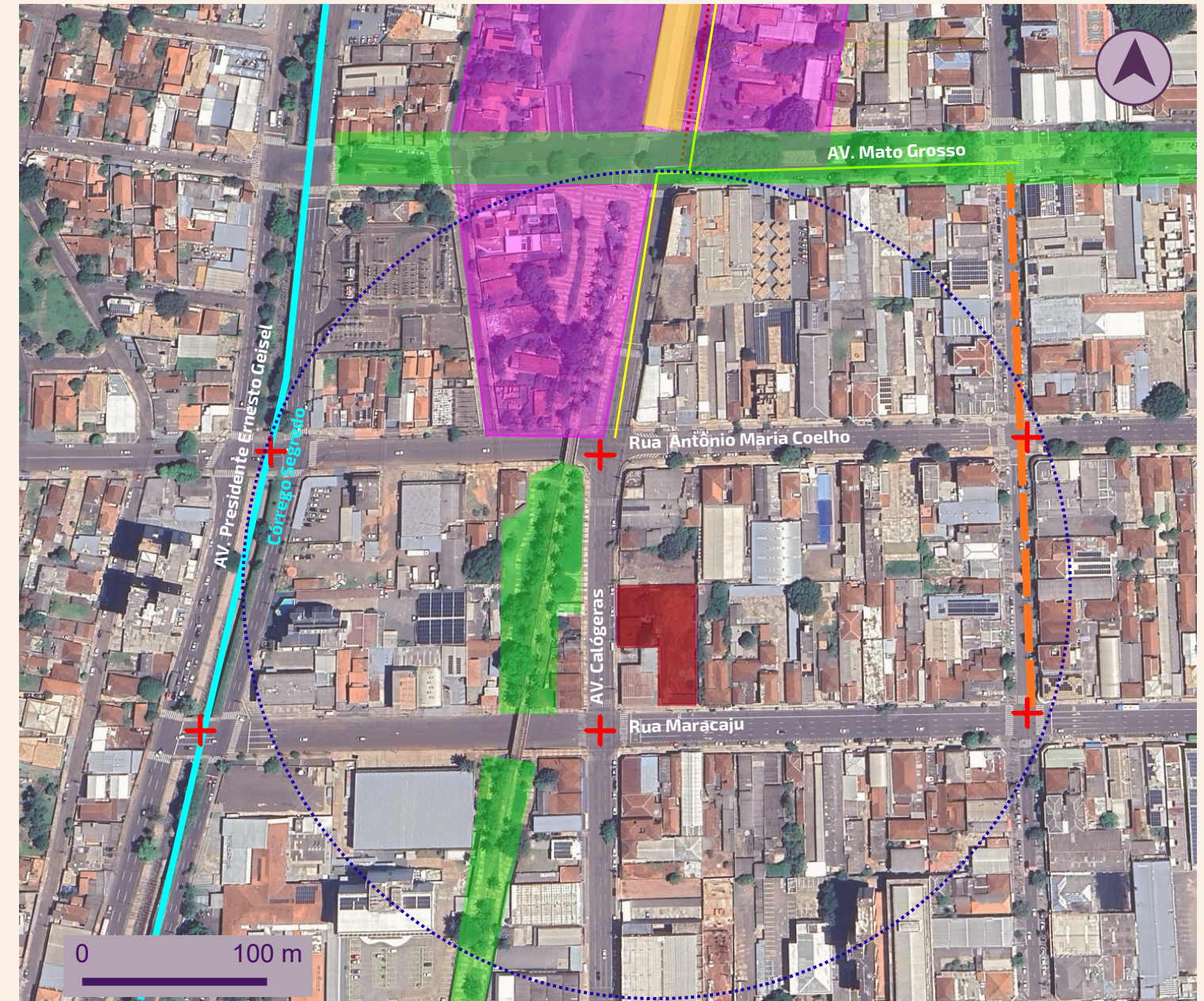
FIGURA 70: Rosa dos ventos Campo Grande - MS



Dados retirados do site METOEBLUE, adaptada.

### 3.2.5 Território simbólico

FIGURA 107: TERRITÓRIOS SIMBÓLICOS



FONTE: Base SIMGEO, elaborado pela autora. 2025.

### LEGENDA

- SÍTIO HISTÓRICO DA FERROVIA NOB
- Galpão Cultural
- Áreas públicas com vegetação - Orla Ferroviária e Canteiro da Mato Grosso
- Córrego segredo (Hidrografia)
- Circuito do Carnaval de rua
- ⋯ Esplanada Ferroviária
- - - Corredor cultural - Rua 14 de julho
- Terreno de intervenção
- ⋯ Raio de 200 metros
- + Encruzilhada



**FIGURA 108: Esplanada Ferroviária durante o carnaval de 2025.** Fonte: MIDIAMAX.

Como já foi abordado no capítulo 1, além dos terreiros e/ou templos, os espaços naturais e culturais também são sacralizados na religião umbandista. Espaços públicos como praças, parques, corpos hídricos, estradas e encruzilhadas também são locais de comunhão, tanto por questões materiais quanto pelo seu valor simbólico (MORAIS, 2010). O terreiro não é apenas um espaço físico, mas também um território simbólico. Na escolha do terreno de intervenção foi levado em consideração locais que possuem uma relação ritualística e cultural com a religião, pois esses espaços funcionam como pontos de força, não apenas espiritual, mas na construção de um espaço de segurança e acolhimento.

#### **Locais de apoio para os trabalhos espirituais no entorno do projeto (MAPA 20):**

- Córrego Segredo e Córrego Maracaju;
- Orla Ferroviária - As árvores existentes na orla podem ser utilizadas para despachos (alimentos e elementos naturais utilizados em oferendas/trabalhos muitas vezes devem ser despachados ao pés de uma árvore) e as folhas de algumas espécies arbóreas/arbustivas podem ser utilizadas nas giras e trabalhos espirituais (folhas de mangueira são utilizadas para trabalhos da linha de caboclos, por exemplo). Além da vegetação, o trilho do trem é um ponto de força espiritual importantíssimo, sendo muito associado ao orixá Ogum, simbolizando caminho e direção;

- Encruzilhadas (cruzamentos entre as ruas);
- Figueiras no Canteiro da Avenida Mato grosso - A figueira é uma árvore com profundo significado para a umbanda, muito ligada a Exus e Pombagiras ;

#### **Territórios culturais relacionados a religião no entorno do projeto:**

- Sítio Histórico da Ferrovia NOB;
- Galpão cultural: localizado no sítio histórico da ferrovia NOB realiza eventos relacionados a umbanda, como já abordado no Capítulo 2;
- O circuito do Carnaval de rua de Campo Grande ocorre no entorno direto da Esplanada Ferroviária, sendo muito próximo ao terreno, e a festividade possui uma forte relação com religiões de matriz africana;
- A umbanda possui linhas de entidades ligadas a rua, a noite e boêmia. A rua 14 de julho possui um corredor cultural com bares e música, que inclusive realizam sambas e pagodes, ritmos que estão muito ligados a religião;



## CAPÍTULO 4 - O PROJETO

---

## 4.1 Programa de necessidades

As análises do Templo de Umbanda Pai Oxalá e a Tenda de Umbanda Aldeia do Cacique Cobra Coral foram as referências para a criação do programa de necessidades do projeto da Tenda de Umbanda Mãe Nanã, além da minha vivência como umbandista e filha de santo.

Como foi abordado no capítulo 1, a flexibilidade é um fator essencial em uma casa de axé. A ritualística e doutrina imposta pelo pai/mãe de santo da casa influencia diretamente na composição do espaço físico de um terreiro, e como não cabe a um trabalho de conclusão de curso de arquitetura e urbanismo se aprofundar nos aspectos doutrinários da religião umbandista, a ritualística da Tenda de Umbanda Aldeia do Cacique Cobra Coral é a principal referência no desenvolvimento do projeto, até porque um terreiro nasce a partir de outro, em um processo de multiplicação das casas de santo, onde as mães e pais de santo formam seus filhos de santo, que, se assim desejarem, abrem seus próprios terreiros (CARDOSO,2015). O número de usuários previstos para o projeto aqui desenvolvido também foi baseada nos dados Aldeia do Cacique Cobra Coral, que possui atualmente 56 membros fixos (filhos de santo), e os usuários flutuantes (assistência) variam de 50 a 100 pessoas em dias de gira, e de 100 a 200 pessoas em dias de festa.

**O projeto é dividido em quatro eixos:**

- **Religioso (TABELA 5.1):** pontos de força de trabalho e áreas de para as giras de esquerda e direita;
- **Apoio - público geral (TABELA 5.2):** auxílio à assistência (visitantes) e membros do terreiro, como banheiros e estacionamento;
- **Apoio - membros do terreiro (TABELA 5.3):** espaços que auxiliam nas necessidades dos médiuns para os trabalhos espirituais e questões pessoais, como cozinha, vestiários, depósito/despensa e refeitório/área de descanso;
- **Habitacional (TABELA 5.4):** é importante ter alguém morando no terreiro para algumas funções de manutenção e segurança;

### LEGENDA

- TORRE CAIXA D'ÁGUA
- JARDIM - RELIGIOSO
- EIXO RELIGIOSO
- EIXO DE APOIO - PÚBLICO GERAL
- EIXO DE APOIO - MEMBROS DO TERREIRO
- EIXO HABITACIONAL
- Curva mestra
- Curva intermediária



FIGURA 109: SETORIZAÇÃO ESQUEMÁTICA



**TABELA 5.1: PROGRAMA DE NECESSIDADES - EIXO RELIGIOSO**

EIXO	AMBIENTE	USOS/DESCRIÇÃO	USUÁRIOS	EQUIPAMENTOS	PARÂMETROS	ÁREA ESTIMADA	ÁREA TOTAL DO SETOR
RELIGIOSO	"Casinha" do sentinela	Altar do Exu guardião do terreiro;	Acesso restrito a Mãe de santo e filhos de santo;	Estantes para apoiar as imagens e velas;	Terreiros analisados;	2,26 m <sup>2</sup>	1.091,79 m <sup>2</sup>
	Tronqueiras (Dentro da terreira de esquerda)	Local de força de Exus, Exumirim e Pombagiras. O cômodo precisa ser amplo para comportar as imagens e assentamentos das entidades. É a área mais restrita do terreiro;	Acesso restrito a Mãe de santo e filhos de santo;	Os assentamentos ficam diretamente no chão;	Terreiros analisados;	T1: 10,13 m <sup>2</sup> /T 2: 9,75 m <sup>2</sup>	
	Terreira - Direita	Local de força dos Orixás e falangeiros da linha de direita. É onde se localiza o Congá e onde se realizam as giras de Caboclo, Preto Velho, Cosme, Baianos, Boiadeiros, Malandros e Marujos.	Corrente mediúnica do terreiros e assistência (público que recebe atendimento);	Estantes para apoiar as imagens e velas;	Terreiros analisados;	252 m <sup>2</sup>	
		Espaço utilizado para a festa de Cosme, batismos e celebrações em homenagem aos Orixás;	Em dias de festa recebe médiuns de outros terreiros e um público geral;	Armários para os elementos de trabalho como velas, fumos, copos e outros;			
	Terreira- Esquerda	Local onde ocorrem as giras da linha de esquerda, onde trabalham Exus, Pombagiras, Exu mirim e Ciganos;	Corrente mediúnica do terreiros e assistência (público que recebe atendimento);	Estantes para apoiar as imagens e velas;	Terreiros analisados;	231,23 m <sup>2</sup>	
		Espaço utilizado para as festas em homenagem aos falangeiros da esquerda;	Em dias de festa recebe médiuns de outros terreiros e um público geral;	Armários para os elementos de trabalho como velas, fumos, copos e outros;			
		Onde é feito o Ôro, que é o sacrifício animal (frangos e galinhas) para o assentamento das entidades da casa;		Cadeiras e mesas de apoio para os atendimentos;			
				Tronos das entidades;			
	Pátio/Jardim	A natureza é essencial para os trabalhos espirituais, então um pátio jardim seria um ponto de força e apoio, fornecendo ervas, flores e folhas necessárias;		Corrente mediúnica do terreiros e assistência (público que recebe atendimento);	Cadeiras e mesas de apoio para os atendimentos;	Terreiros analisados;	
		Espaço utilizado para os atendimentos;	Em dias de festa recebe médiuns de outros terreiros e um público geral;	Especies vegetativas utilizadas nos trabalhos espirituais;			
		Conecta a edificação ao céu e a natureza;					
		Local de contemplação e adoração;					

**TABELA 5.2: PROGRAMA DE NECESSIDADES - EIXO DE APOIO (PÚBLICO GERAL)**

EIXO	AMBIENTE	USOS/DESCRIÇÃO	USUÁRIOS	EQUIPAMENTOS	PARÂMETROS	ÁREA ESTIMADA	ÁREA TOTAL DO SETOR
APOIO (público geral)	Banheiros (Dentro da terreira de direita)	Necessidades básicas e higiene;	Corrente mediúnica do terreiros e assistência (público que recebe atendimento);	Sanitários e pias;	Norma ABNT NBR 9050	11,02 m <sup>2</sup> - cada	422,32 m <sup>2</sup>
	Banheiro PNE (Dentro da terreira de direita)	Necessidades básicas e higiene;		Sanitário e pia adaptados;		4,08 m <sup>2</sup>	
	Estacionamento	14 vagas de estacionamento, sendo 13 vagas convencionais e 1 vaga PNE;		Trocador infantil;	Sinalização;	CÓDIGO DE OBRAS LEI Nº 1866, DE 26 - 12 - 79 (14 vagas gerais - 1 vaga a cada 50 m <sup>2</sup> de área construída + 1 vaga de morador)	

**TABELA 5.3: PROGRAMA DE NECESSIDADES - EIXO DE APOIO (MEMBROS DO TERREIRO)**

EIXO	AMBIENTE	USOS/DESCRIÇÃO	USUÁRIOS	EQUIPAMENTOS	PARÂMETROS	ÁREA ESTIMADA	ÁREA TOTAL DO SETOR
APOIO (uso exclusivo dos filhos da casa)	Cozinha	A cozinha é de extrema importância em um terreiro, pois a comida é essencial nos trabalhos espirituais, e oferendas às entidades e Orixás;	Membros do terreiros;	Bancadas, Pias e Armários;	RDC 216/04 da ANVISA e Terreiros analisados;	24,25 m <sup>2</sup>	150,89 m <sup>2</sup>
		As giras e festas possuem horas de duração, então a cozinha é utilizada para o preparo de refeições para os filhos de santo;		Fogões, Geladeiras e freezer;			
		Armazenamento de bebidas e alimentos que necessitam de refrigeração (os animais utilizados em corte em sua maioria são utilizados para a alimentação);		Mesa de apoio;			
				Dispensa (1,20 x 1,20)			
	Refeitório	Espaço para alimentação e área de convivência/descanso dos membros do terreiro;	Membros do terreiros;	Mesas e cadeiras;		25,75 m <sup>2</sup>	
	Depósito	Depósito para materiais utilizados com menos frequência, como decorações de festas; caixas de velas e outros materiais utilizados em grandes quantidades; mobiliários extras;	Membros do terreiros;	Armários, mesas, cadeiras e prateleiras;	Terreiros analisados;	9,97 m <sup>2</sup>	
	Área de serviço	Área para lavagem de roupas, panos de limpeza e e mantas;	Membros do terreiros;	Tanque e pia;	Terreiros analisados;	5,88 m <sup>2</sup>	
Armazenamento de produtos de limpeza e equipamentos de manutenção;		Maquina de lavar;		Armários e prateleiras;			

APOIO (uso exclusivo dos filhos da casa)	Quarto de troca feminino	Onde se guardam todas as roupas das entidades das médiuns mulheres. É importante frisar que as roupas de algumas entidades femininas, com as pombagiras e ciganas, possuem um grande volume de tecido;	Membros do terreiros;	Armários e prateleiras;	Terreiros analisados;	40,27 m <sup>2</sup>	150,89 m <sup>2</sup>
		Cada entidade possui seus acessórios individuais (chapéus, brinquedos, perfumes, etc), sendo necessário organizá-los em caixas organizadoras;		Araras para pendurar as roupas que não podem ser dobradas;			
		É necessário espaço para os médiuns guardarem seus objetos pessoais;		Mesas e cadeiras de apoio;			
		O quarto de troca é também vestiário;		Espelhos;			
		Banheiro feminino;		Sanitários, pias e chuveiro;			
	Quarto de troca masculino	Onde se guardam todas as roupas das entidades das médiuns homens. Apesar de todos médiuns carregarem entidades femininas e masculinas, os homens não possuem roupas com grande volume;	Membros do terreiros;	Araras para pendurar as roupas que não podem ser dobradas;	Terreiros analisados;	40,27 m <sup>2</sup>	
		É necessário espaço para os médiuns guardarem seus objetos pessoais;		Mesas e cadeiras de apoio;			
		O quarto de troca é também vestiário;		Espelhos;			
		Banheiro masculino		Sanitários, pias e chuveiro;			
	Depósito de lixo	Depósito de lixo comum e reciclável;	-	-	-	4,5 m <sup>2</sup>	

TORRE DA CAIXA D'ÁGUA	Reservatório	Caixa d'água de 5.00 litros	-	-	ABNT NBR 5626	9,45 m <sup>2</sup>	9,45 m <sup>2</sup>
-----------------------	--------------	-----------------------------	---	---	---------------	---------------------	---------------------

**TABELA 5.4: PROGRAMA DE NECESSIDADES - EIXO HABITACIONAL**

EIXO	AMBIENTE	USOS/DESCRIÇÃO	USUÁRIOS	EQUIPAMENTOS	PARÂMETROS	ÁREA ESTIMADA	ÁREA TOTAL DO SETOR
<b>HABITACIONAL (uso exclusivo do membro da casa que vive no terreiro)</b>	Quarto	Dormitório e área de estar ;	Membro da casa que vive no terreiro;	Cama, Guarda-roupa, sofá e mobiliário de apoio;	Terreiros analisados;	12,8 m <sup>2</sup> (4x3,2)	<b>33,28 m<sup>2</sup></b>
	Cozinha e Estar	Área de estar e preparo de refeições ;		Bancadas, Pias e Armários;		5,04 m <sup>2</sup> (2,8x1,8)	
				Geladeira, fogão e eletrodomésticos;		2,16 m <sup>2</sup> (1,2x1,8)	
				Armários e prateleiras;			
	Banheiro	Necessidades básicas e higiene;		Sanitários, pias e chuveiro;			
Jardim privado	Jardim/quintal de uso privado do morador;	-	9,32 m <sup>2</sup>				

**TABELA 6: ÍNDICES URBANOS**

Índice	Alcançado	Exigido
Taxa de Ocupação (TO)	0,39	Térreo - 0,7
Índice de Elevação	1	Livre
Coefficiente de aproveitamento (CA)	0,39	0,10 (mínimo) 5 (máximo)
Área permeável	463,45 m <sup>2</sup>	360 m <sup>2</sup> (20%)
Vagas de estacionamento	14 vagas	14 vagas

Na configuração atual, o terreiro possui 715,79 m<sup>2</sup> em área construída, 396,20 m<sup>2</sup> de estacionamento e 688,01 m<sup>2</sup> de área livre. Como mostra a Tabela 6, o projeto se enquadra em todos os índices urbanísticos estabelecidos pela legislação.



**FIGURA 110: NANÃ. Arte de Augustinho.**



*Fui chamado de cordeiro mas não sou cordeiro não  
Preferi ficar calado que falar e levar não  
O meu silêncio é uma singela oração  
Minha santa de fé*

*Meu cantar  
Vibram as forças que sustenta o meu viver  
Meu cantar  
É um apelo que eu faço a Nãnaê*

*Sou de Nanã, euá, euá, euá, ê  
Sou de Nanã, euá, euá, euá, ê  
Sou de Nanã, euá, euá, euá, ê  
Sou de Nanã, euá, euá, euá, ê*

*O que peço no momento é silêncio e atenção  
Quero contar o sofrimento que eu passei sem razão  
O meu lamento se criou na escravidão  
Que forçado passei*

*Eu chorei  
Sofri as duras dores da humilhação  
Mas ganhei, pois eu trazia Nãnaê no coração*

**Cordeiro de Nanã - Canção de Os Tincoãs**

Comparativo de Índices e instrumentos urbanísticos alcançados e exigidos. FONTE: Anexo 8.2 da lei complementar 341/2018 e Código de obras. Adaptado pela autora. 2025

## 4.2 Estudo de ocupação

A proposta é criar um espaço que integre a natureza e a arquitetura, uma vez que a natureza é essencial para a Umbanda. Aqui a arquitetura é um meio de louvar e se aproximar do sagrado, se utilizando do material para alcançar o imaterial. Para tal foram pensados 4 espaços principais, a terreira dos trabalhos de direita, a terreira dos trabalhos de esquerda e a casa de apoio aos filhos de santo, sendo esses integrados pelo jardim dos Orixás, que seria o ponto central do projeto. O terreiro é uma edificação térrea, uma vez que o contato com o chão é fundamental, além de não haver necessidades práticas de verticalizar o projeto.

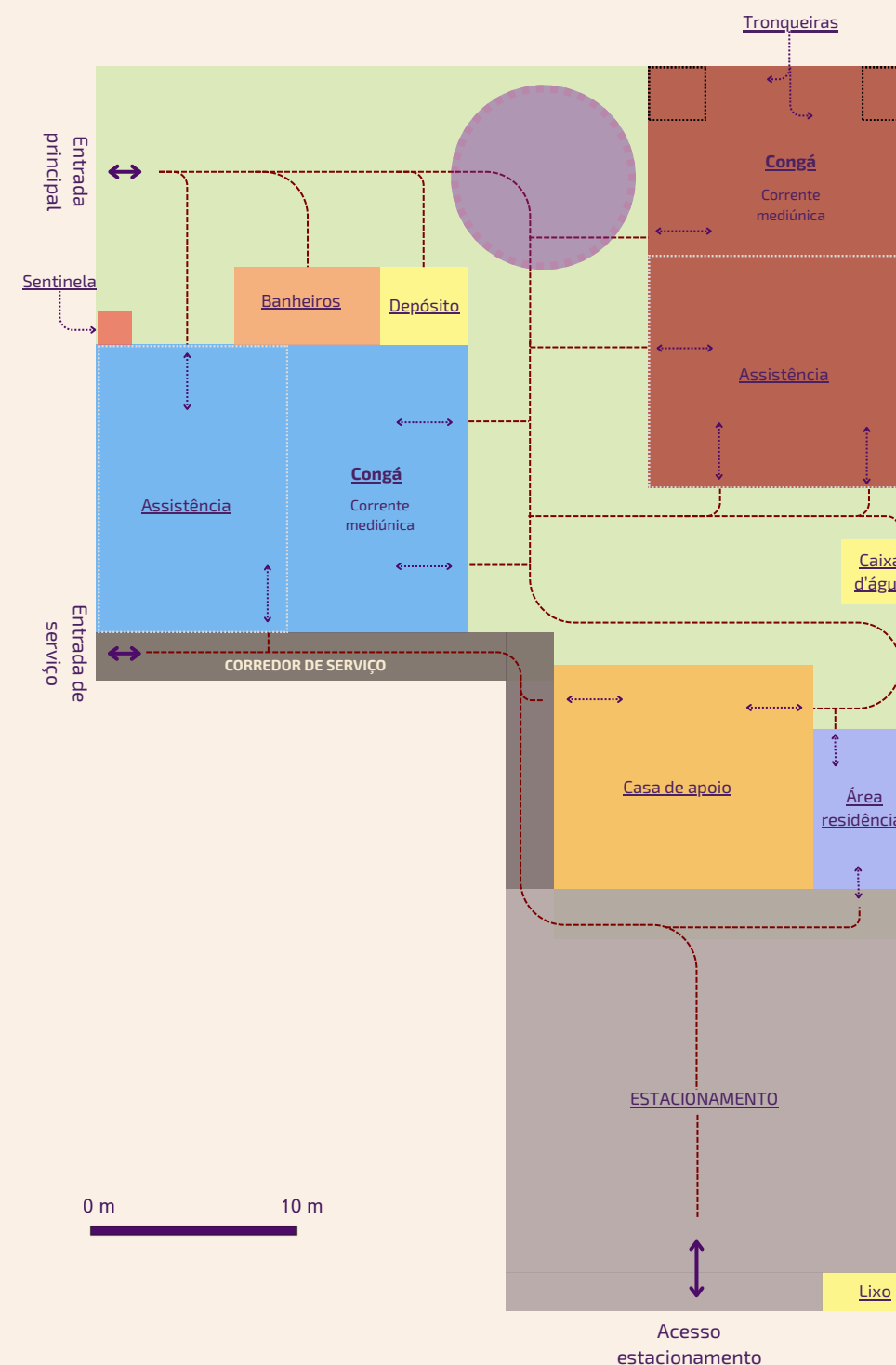
Além do valor simbólico, o jardim será um espaço de contemplação e atendimento. Nele serão plantadas árvores, arbustos e ervas que possam ser utilizadas nos trabalhos e relacionadas às entidades e orixás, sendo um importante ponto de força na casa de axé. A água é um elemento com grande significado na religião, relacionada a Nanã, Iemanjá e Oxum, então elementos como espelhos d'água trazem forte simbologia.

A divisão entre as terreiras possibilitaria que, enquanto a gira ocorre em um espaço, os atendimentos fossem feitos no jardim e na outra terreira, principalmente em dias de chuva e frio. Os atendimentos são conversas íntimas, muitas vezes envolvendo traumas e dores do assistido, então a privacidade e conforto é essencial. Durante a semana santa os membros ficam recolhidos no terreiro por três dias, dormindo no espaço, então essa divisão auxilia na organização. Por estar localizado em uma área de forte importância cultural, o espaço também pode ser utilizado para atividades voltadas a arte e cultura, como oficinas e palestras, podendo receber eventos simultâneos.

A área de apoio aos membros foi alocada próxima ao estacionamento pensando na logística da casa de axé. Em dias de função e festas, há uma grande quantidade de comidas, bebidas e outros elementos para serem descarregados para a cozinha, por exemplo. A entrada do estacionamento conecta diretamente a terreira de esquerda, o que ajudaria a organizar os animais em dia de corte. Apesar do estacionamento ser de apoio geral, os membros do terreiro serão os que mais vão utilizar, uma vez que eles sempre chegam horas antes em dias de gira e existem funções que são fechadas ao público.

Sendo Nanã a grande homenageada, sua simbologia é o que guiou à escolha dos materiais e conceito geral do projeto, como o uso do tijolo comum de barro aparente e uso de espécies arbóreas com floração em tons de roxo. A ideia é transmitir a sensação de uma casa brasileira, com o uso de cobogós, esquadrias de madeira e um telhado tradicional e simples. Para integrar um elemento prático ao conceito, a torre da caixa d'água é um elemento de destaque no projeto.

FIGURA 111: PLANTA ESQUEMÁTICA



### LEGENDA

- |  |                          |  |
|--|--------------------------|--|
| ● Pontos de força da linha de esquerda           | ● Apoio ao público geral | ..... Fluxos                           |
| ● Terreira da esquerda - área de trabalho        | ● Área residencial       | ● Jacarandá-mimoso - ponto de destaque |
| ● Terreira de direita - área de trabalho e Congá | ● Estacionamento         | ● Corredor de serviço                  |
| ● Casa de apoio aos membros do terreiro          | ● Jardim dos Orixás      |  |
| ● Serviços gerais e manutenção                   | ↔ Acessos externos       |  |
|  | ⋯ Acessos internos       |  |

## 4.2.1 Fachadismo e Patrimônio: uma abordagem crítica

O terreno escolhido para o projeto está localizado no entorno direto de uma área tombada pelo IPHAN (MAPA 16), o Sítio Histórico da Ferrovia NOB. Conforme o Art. 33. da lei complementar n.341/2018 deve-se evitar a perda ou o desaparecimento das características que compõem a essência do local. Apesar da edificação existente no terreno de intervenção não ser tombada, optou-se por manter a fachada original, à fim de preservar um elemento marcante da paisagem urbana.

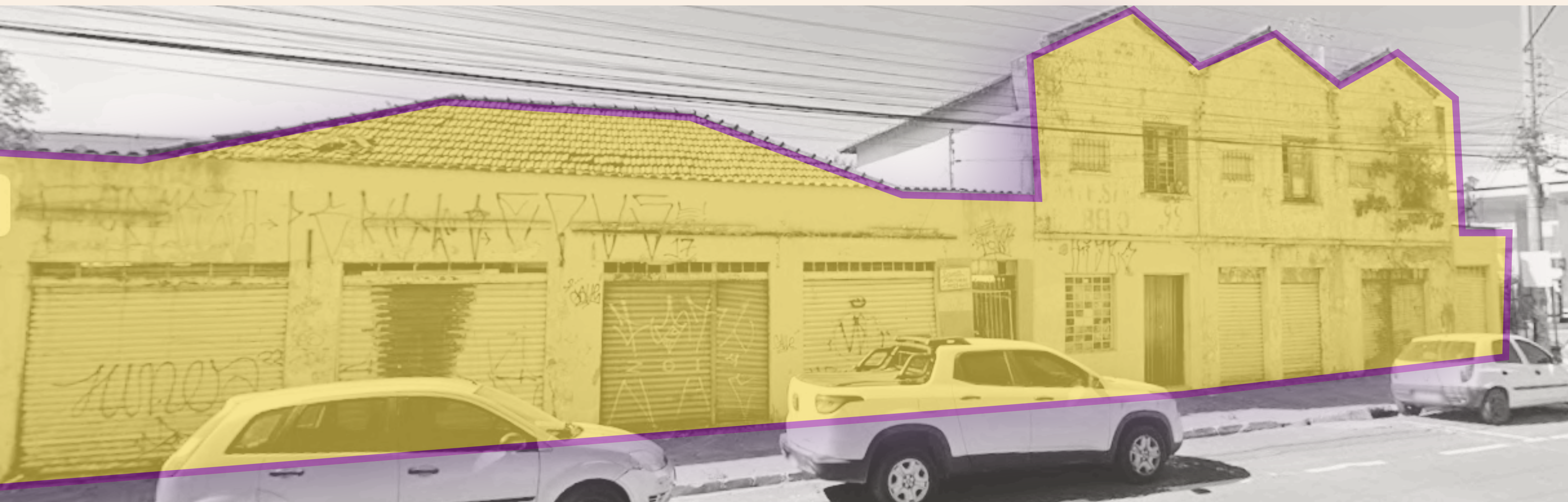
O fachadismo constitui uma estratégia de intervenção arquitetônica que preserva apenas a fachada de uma edificação existente, promovendo a substituição total ou parcial de seus espaços internos. Embora amplamente utilizado em processos de requalificação urbana, essa prática é alvo de críticas recorrentes no campo da preservação patrimonial, pois muitas vezes reflete como as forças políticas e o mercado imobiliário moldam as cidades e subjugam o espaço urbano às suas vontades, sendo frequentemente empregado como uma tática para os investidores aumentarem os lucros de construções anexas a um patrimônio e burlarem legislações de preservação (Walsh,2019).

Entretanto, a aplicação dessa estratégia no presente projeto ocorre em circunstâncias distintas. O lote selecionado abriga uma edificação de reconhecida relevância para a paisagem urbana local, cuja fachada constitui um importante marco visual na memória coletiva da região. Apesar desse valor simbólico, o imóvel não é tombado, tampouco foram encontrados levantamentos arquitetônicos, registros técnicos ou documentação que possibilitaram a reconstituição fiel de sua configuração interna original.

Diante dessa condição, a preservação da fachada apresenta-se como uma alternativa possível diante as circunstâncias, buscando manter a continuidade da leitura urbana da edificação e sua contribuição para a identidade do lugar.

A escolha projetual não se fundamenta em interesses de exploração imobiliária ou de valorização comercial do patrimônio, mas na intenção de conciliar a permanência de um elemento significativo da paisagem urbana com a implantação de um programa arquitetônico específico, voltado às necessidades espaciais, simbólicas e rituais de um terreiro de Umbanda. Como explicado no capítulo 3, a escolha do lote em questão possui um forte embasamento histórico, social e simbólico. Valorizar uma área urbana degradada passa por avaliar bem o que nela existia anteriormente, e evitar uma descaracterização excessiva da sua memória histórica. (Dos Santos, 2010).

Assim, reconhecendo as limitações e controvérsias inerentes ao fachadismo, o projeto adota uma postura crítica diante dessa prática, compreendendo-a não como uma solução ideal para a preservação patrimonial, mas como uma estratégia excepcional e contextualizada, capaz de garantir a permanência de referências urbanas relevantes em uma situação na qual a conservação integral da edificação original não é tecnicamente viável.





### 4.3 Arquitetura na encruzilhada: Tenda de Umbanda Mãe Nanã

*Essa casa tem quatro cantos  
Cada canto tem seu santo  
Onde mora o cálice bento  
E o divino Espírito Santo*

*Zum, zum, zum...  
Olha lá, Jesus quem é  
Eu juro por Deus e as almas  
O inimigo cai, eu fico em pé*

**Ponto de abertura de gira, autor desconhecido**

*Portão de ferro  
Cadeado de madeira  
Portão de ferro  
Cadeado de madeira  
Seu exu toma conta  
Seu exu olha a nossa tronqueira*

**Ponto Exu Porteira, autor desconhecido**

## 4.3.1 Implantação - Situação atual





FIGURA 112: Implantação atual

## 4.3.1 Implantação - Proposta



### LEGENDA

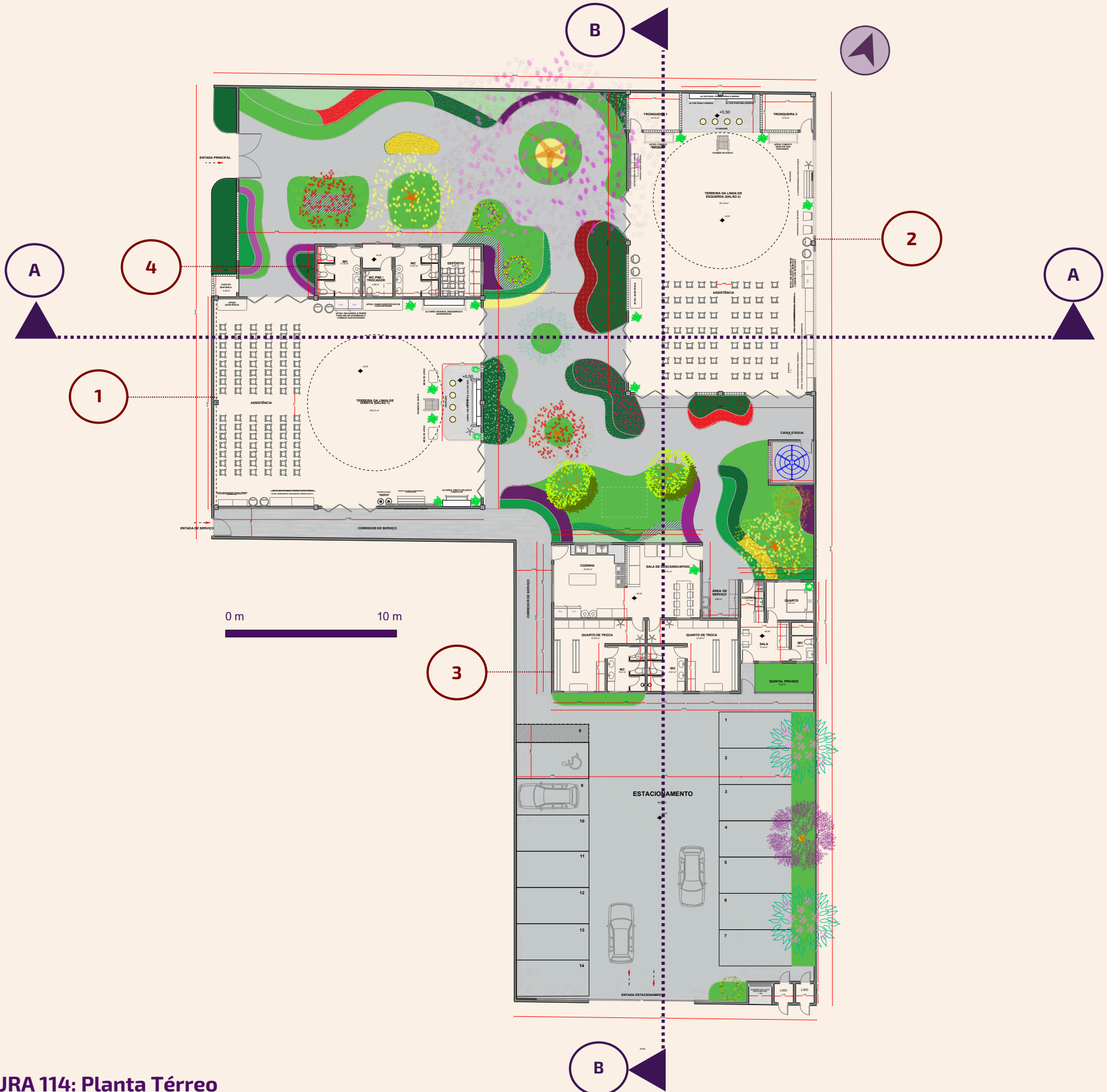
-  Canteiros
-  Piso tátil
-  Passarela proposta
-  Vegetação existente
-  Poste de iluminação
-  Vegetação arbórea proposta
-  Sentido das vias
-  Faixa de estacionamento
-  Faixa de rolamento
-  Proibido estacionar
-  Acesso estacionamento

O terreno está localizado em uma área com boa estrutura urbana, sendo necessárias poucas modificações. Foi proposta a criação de uma passarela de pedestres para conectar o terreiro ao parque linear que fica em frente, facilitando o acesso a pé. Nas duas fachadas da casa de axé foram projetados canteiros com quaresmeiras, que além de aumentar a área permeável da calçada e sombreamento, traz um valor simbólico ao projeto, uma vez que a quaresmeira possui flores roxas.

FIGURA 113: Implantação proposta

0 m 20 m

# 4.3.2 Planta: Ocupação e organização



## LEGENDA

### Arquitetônico

- 1** Terreira de Direita
  - 2** Terreira de Esquerda
  - 3** Casas de apoio (filhos de santo), estacionamento, área técnica e depósito de lixo
  - 4** Apoio geral (banheiros), depósito e "casinha" do sentinela
- ..... Linha de corte

### Paisagismo

-  JACARANDÁ MIMOSO
-  GOIABEIRA
-  PÉ DE ACEROLA
-  PÉ DE AMORA
-  QUARESMEIRA
-  MANACÁ-DE-CHEIRO
-  JABUTICABEIRA
-  AROEIRA PIMENTEIRA
-  Pitangueira

FIGURA 114: Planta Térreo

# Arquitetônico

## 1 TERREIRA DE DIREITA

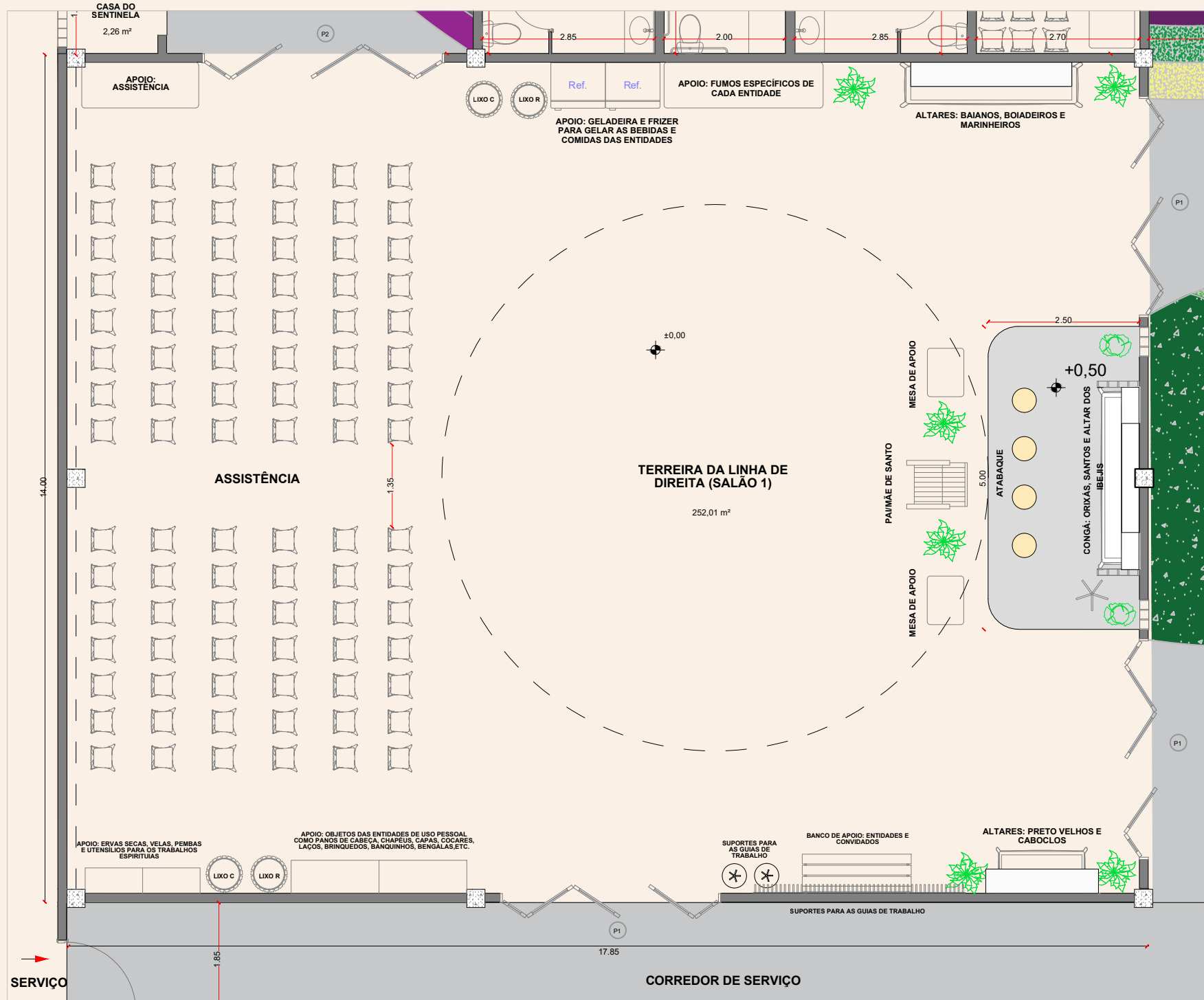


FIGURA 115: Zoom da planta da terreira de Direita

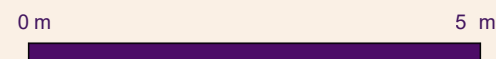


FIGURA 116 e 117: perspectivas da terreira de Direita





2 TERREIRA DE ESQUERDA

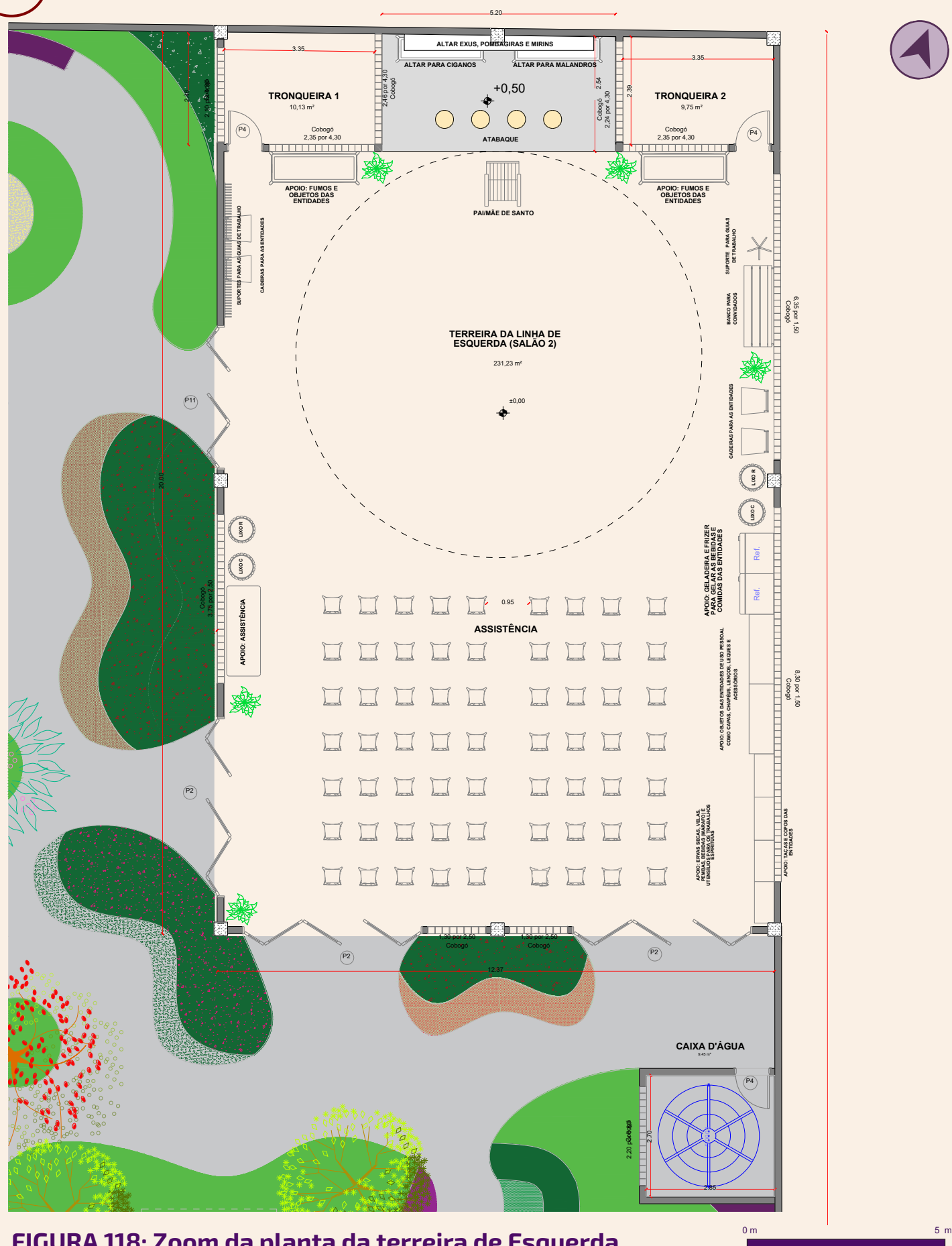


FIGURA 118: Zoom da planta da terreira de Esquerda

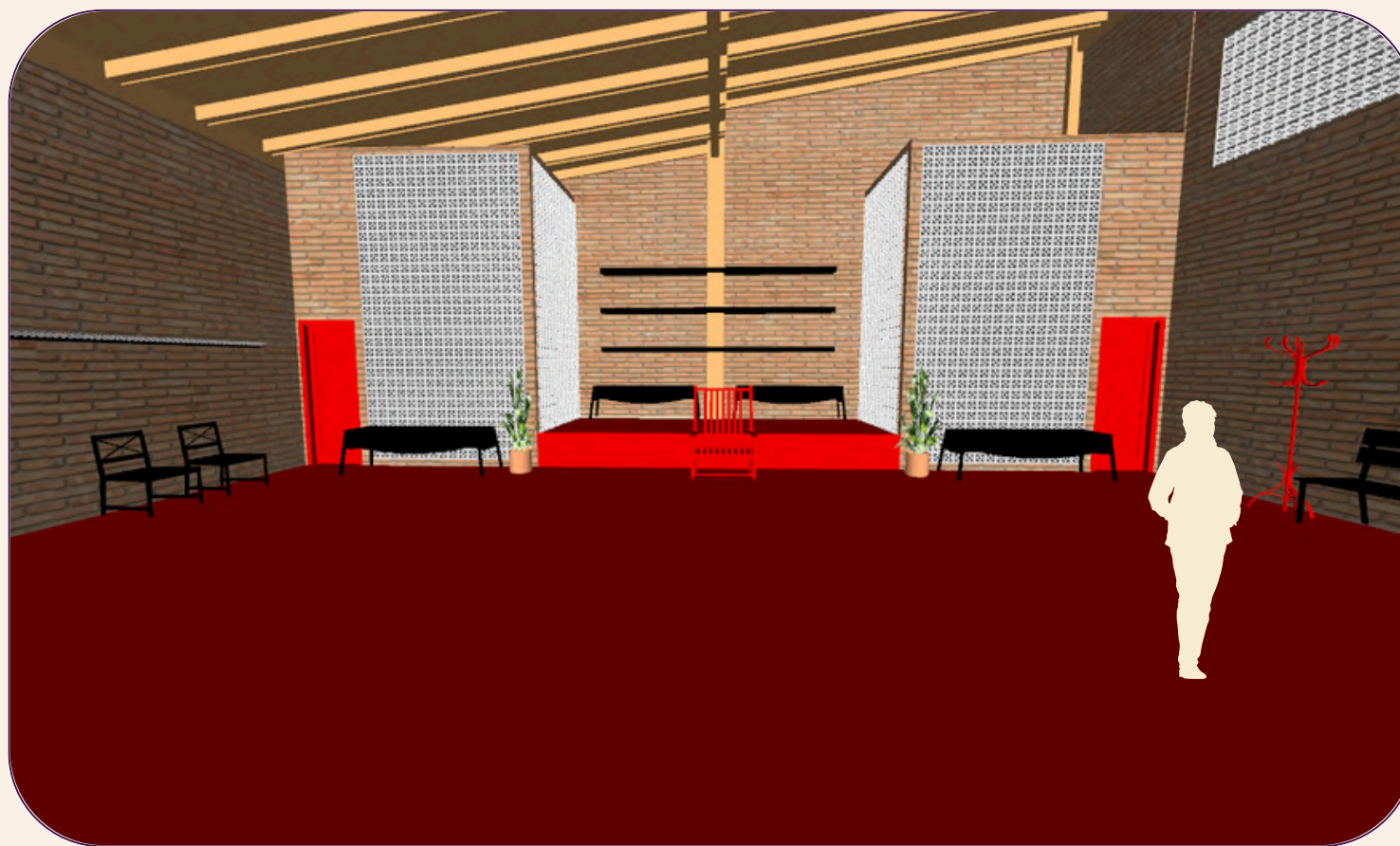
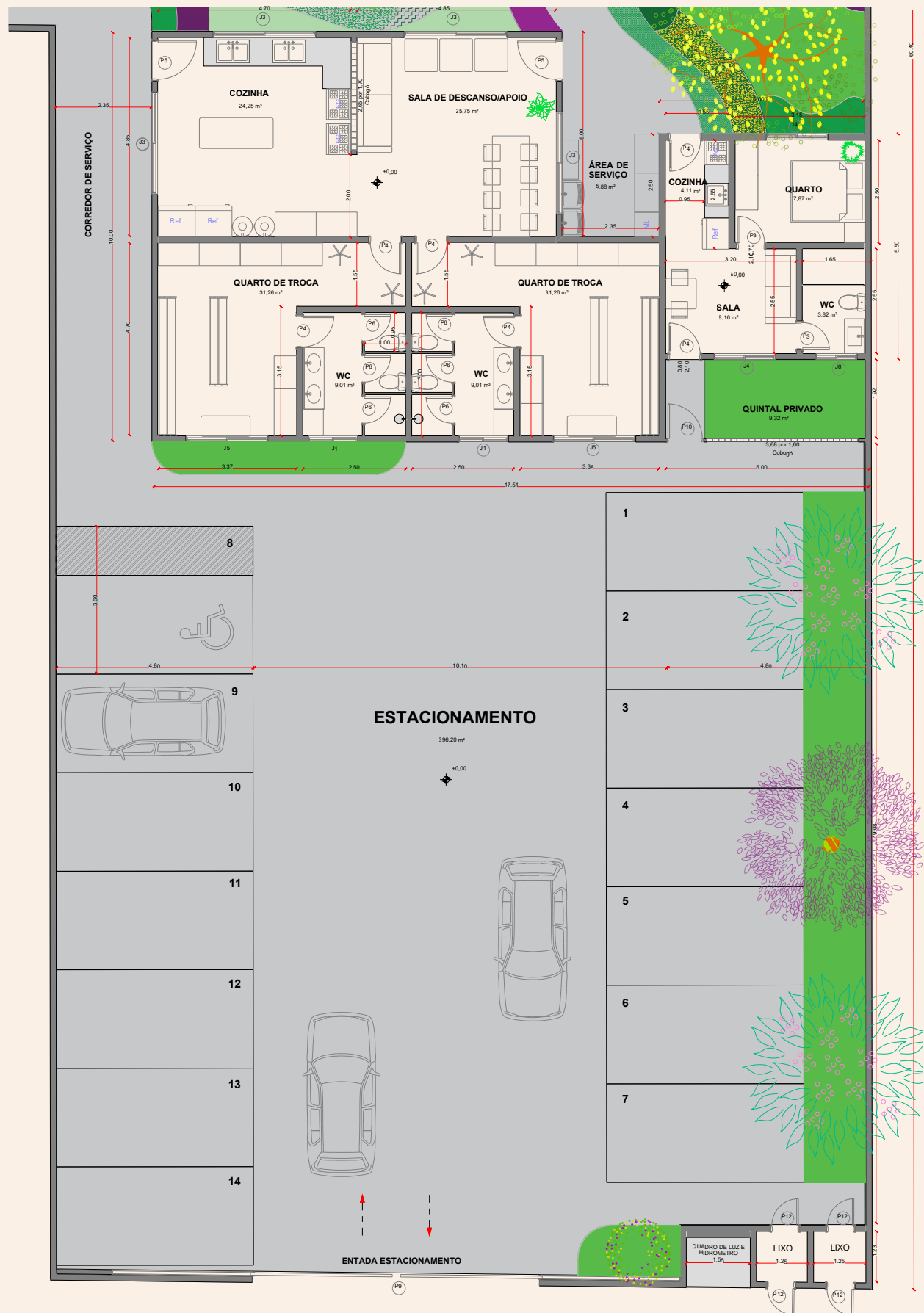


FIGURA 119 e 120: perspectivas da terreira de Esquerda



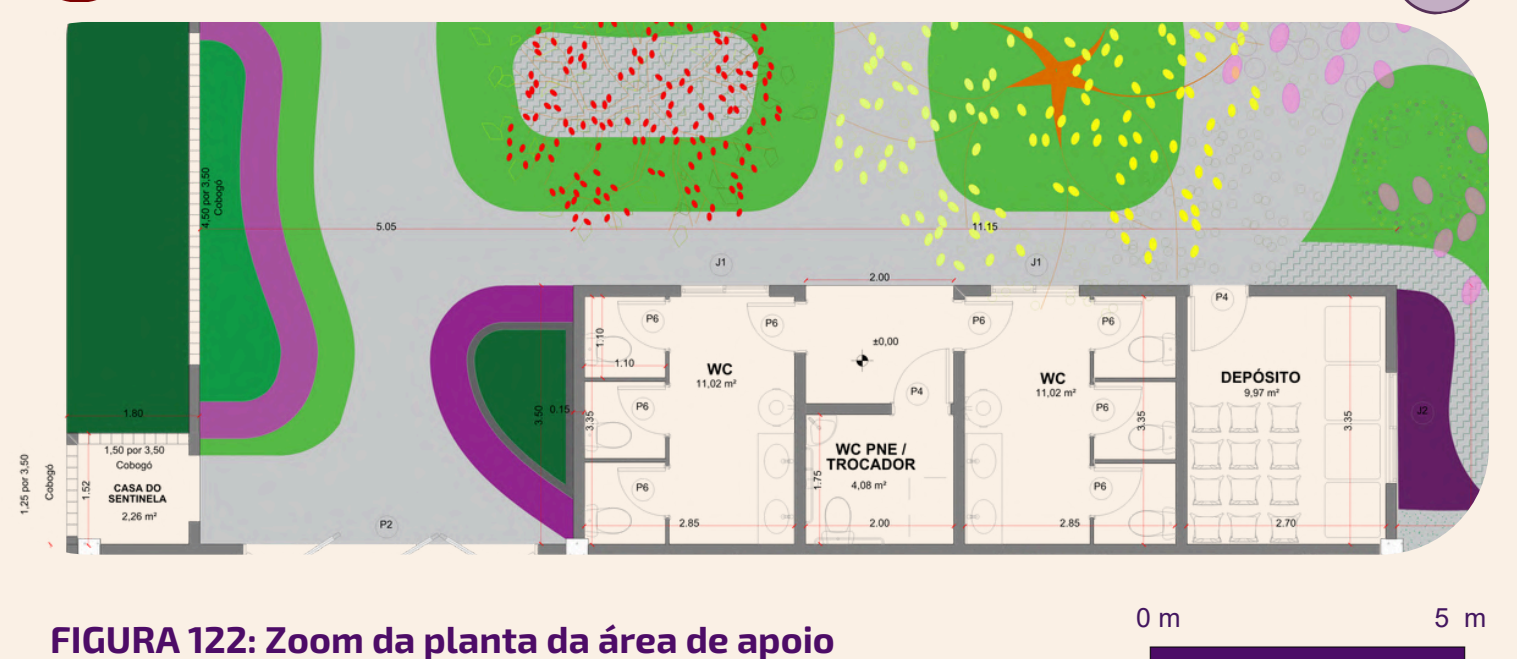


**3** ÁREA DE APOIO AOS FILHOS DE SANTO



**FIGURA 121: Zoom da planta da área de apoio**

**4** ÁREA DE APOIO GERAL E "CASINHA" DO SENTINELA



**FIGURA 122: Zoom da planta da área de apoio**



**FIGURA 123: A "casinha" do sentinela**



**FIGURA 124: perspectiva casa de apoio aos filhos de santo**



**FIGURA 125: perspectiva área de apoio - banheiros**



**FIGURA 126: perspectiva interna da casa de apoio - sala e cozinha**



**FIGURA 127: perspectiva casa de apoio - área de serviço**

# PLANTA DE COBERTURA

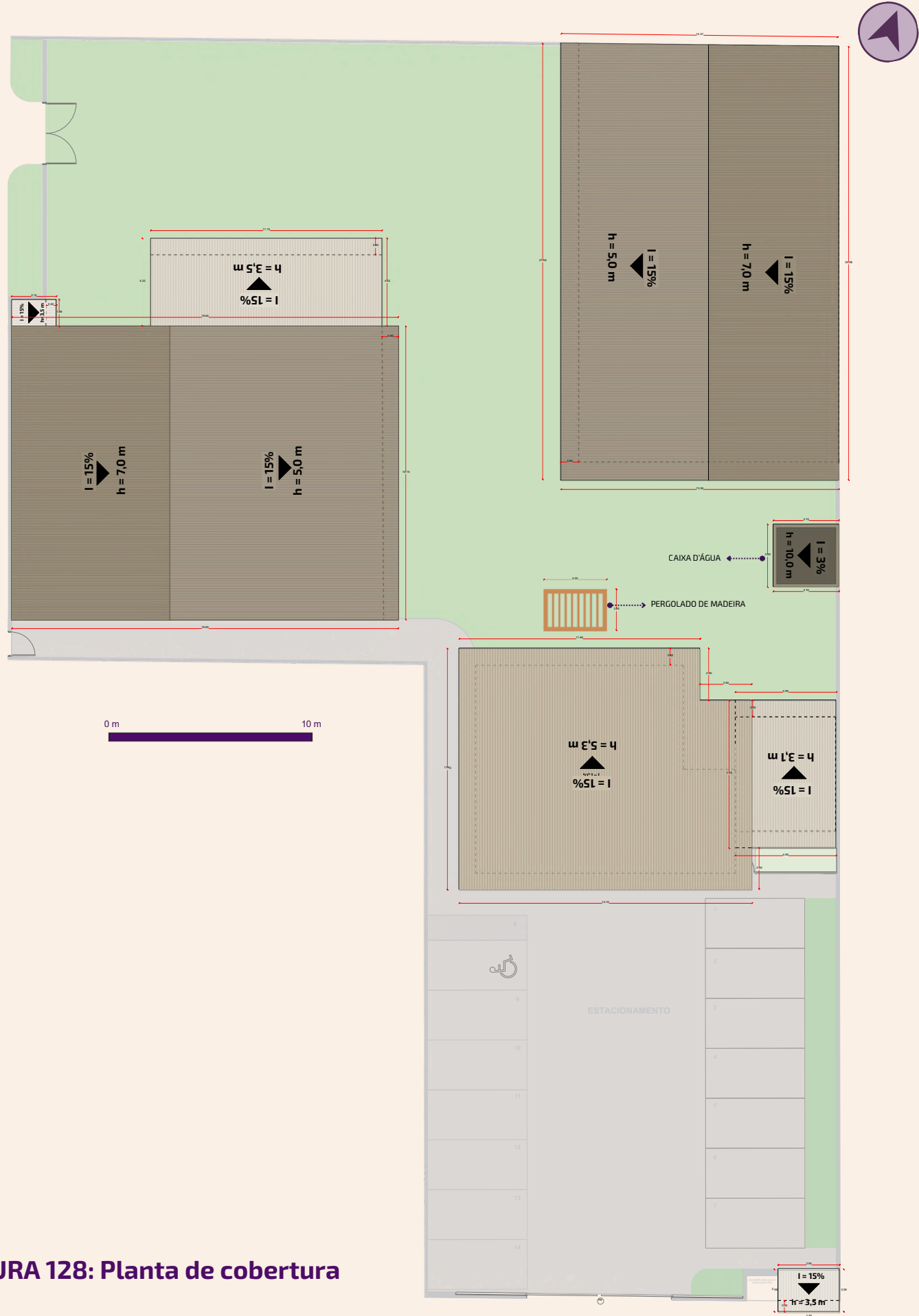


FIGURA 128: Planta de cobertura



FIGURA 129: Planta de cobertura perspectivada

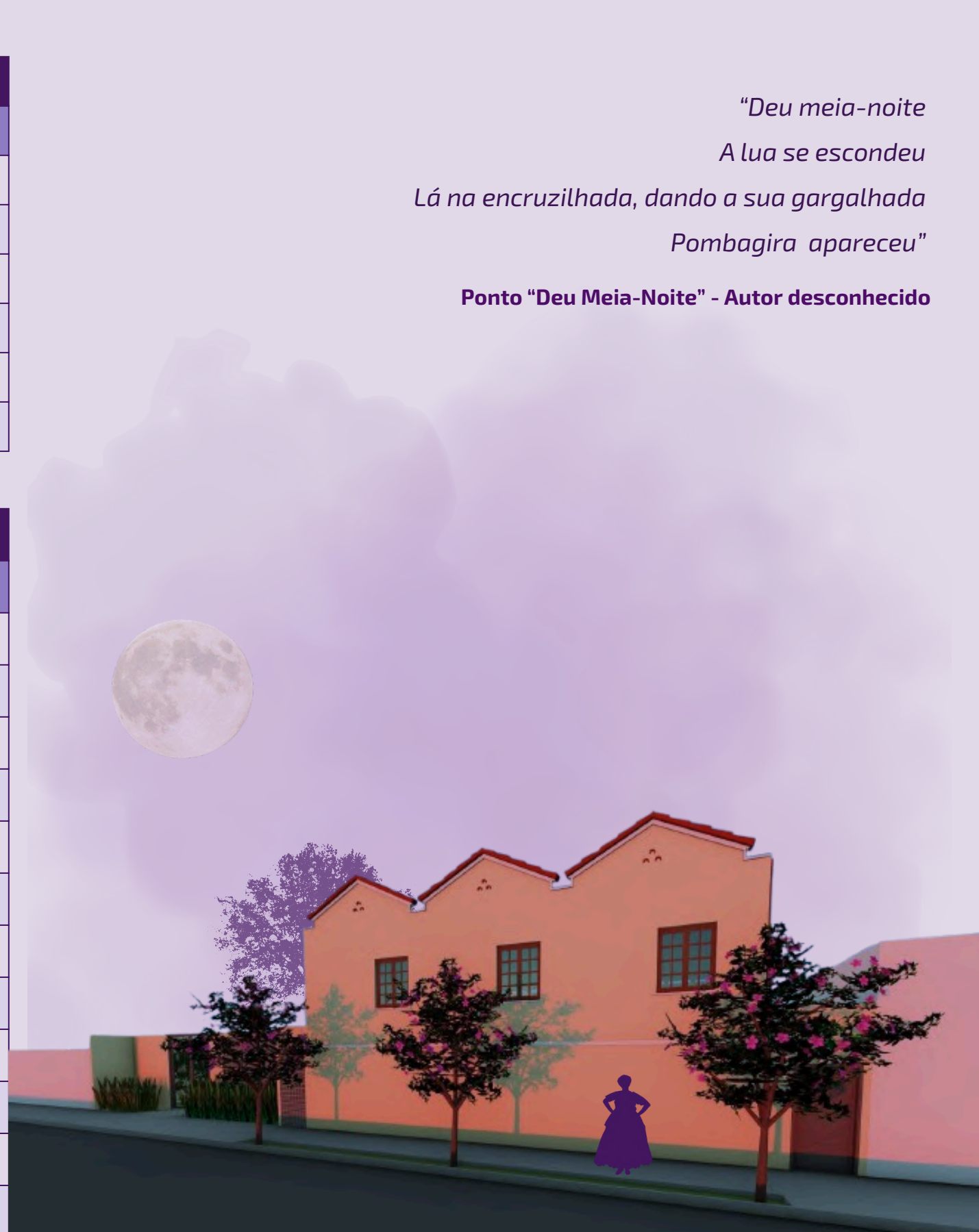


**TABELA 7.1: Especificações das Janelas utilizadas no projeto**

JANELAS					
ID	LARGURA	ALTURA	BATENTE	MATERIAL	TIPO
J1	1,2 m	0,6 m	1,7 m	Madeira e vidro	Pivotante
J2	1,5 m	0,6 m	1,7 m	Madeira e vidro	Correr
J3	2,5 m	1,2 m	1,0 m	Madeira e vidro	Correr
J4	1,50 m	1,2 m	1,0 m	Madeira e vidro	Correr
J5	2,0 m	0,6 m	1,7 m	Madeira e vidro	Pivotante
J6	1,0 m	0,6 m	1,7 m	Madeira e vidro	Pivotante

**TABELA 7.2: Especificações das Janelas utilizadas no projeto**

PORTAS				
ID	LARGURA	ALTURA	MATERIAL	TIPO
P1	3,65 m	3,0 m	Madeira e vidro	Sanfona
P2	4,0 m	3,0 m	Madeira e vidro	Sanfona
P3	0,7 m	2,1 m	Madeira	Porta convencional
P4	0,8 m	2,1 m	Madeira	Porta convencional
P5	1,0 m	2,1 m	Madeira	Porta convencional
P6	0,7 m	2,1 m	Alumínio	Porta de banheiro
P7	1,2 m	2,5 m	Ferro	Portão
P8	4,0 m	3,7 m	Ferro	Portão
P9	7,0 m	3,0 m	Ferro	Portão de garagem - Correr
P10	0,9 m	2,1 m	Alumínio	Portão
P11	3,2 m	3,0 m	Madeira e vidro	Sanfona
P12	0,7 m	1,8 m	Alumínio	Porta do Dep. de lixo

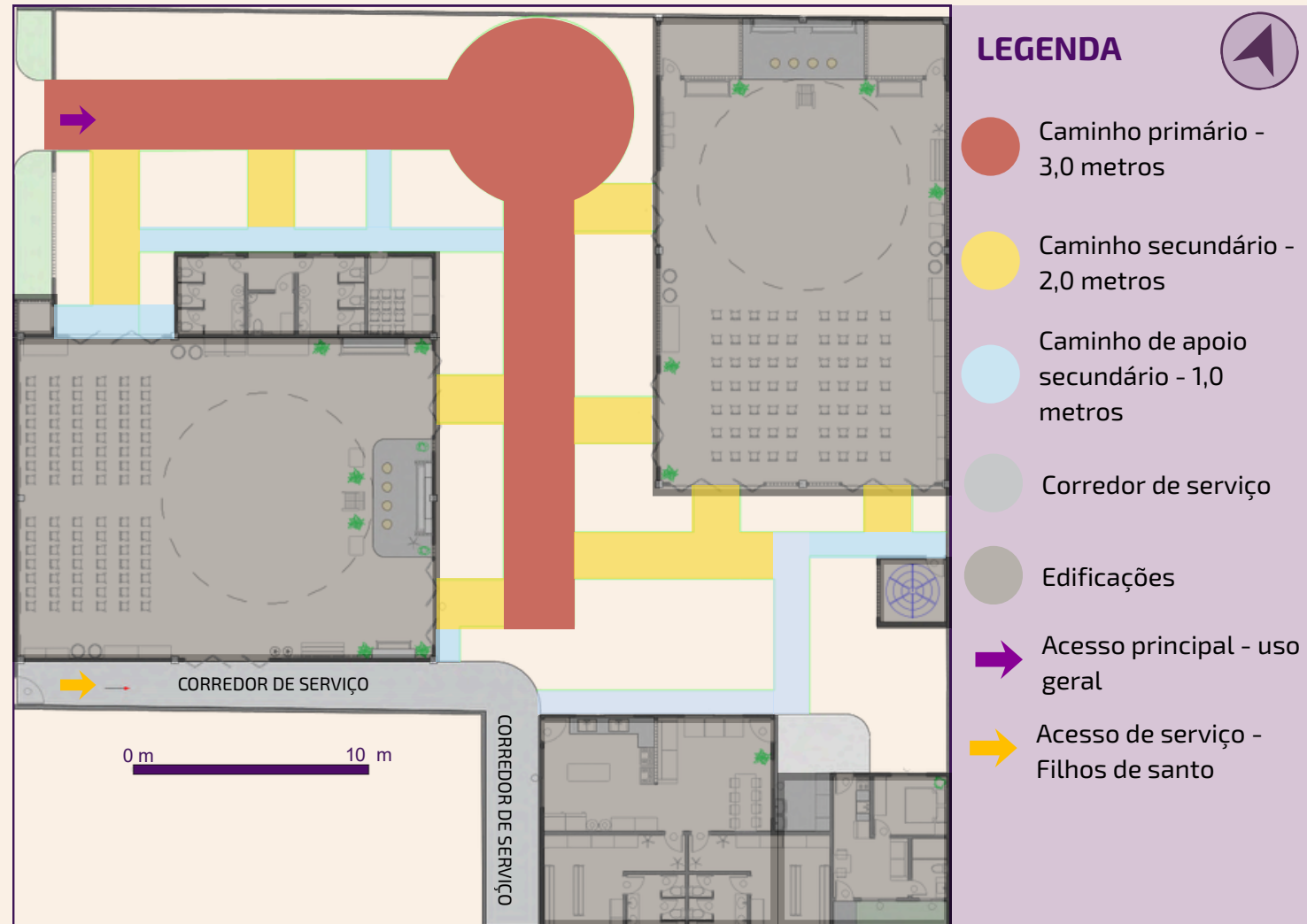


*“Deu meia-noite  
A lua se escondeu  
Lá na encruzilhada, dando a sua gargalhada  
Pombagira apareceu”*

**Ponto “Deu Meia-Noite” - Autor desconhecido**

# Paisagismo

FIGURA 130: Caminhos e hierarquia



Para projetar o jardim a primeira etapa foi criar todas as conexões necessárias entre as edificações. Os caminhos primários são os que cortam o terreno e conectam todos os espaços de uso, sendo de uso geral (visitantes e filhos de santo). Os caminhos secundários se conectam as entradas das duas terreiras, então o fluxo é dividido. Os caminhos de apoio foram pensados para facilitar principalmente o trabalho dos filhos de santo e pensando na preservação dos canteiros, evitando que os usuários "cortem" caminho pela grama. O corredor de serviço conecta os núcleos principais à rua e entre si, facilitando os trabalhos realizados na casa de axé.

Nanã é a Orixá dos pântanos, lama e da água parada, então os caminhos e canteiros foram inspirados nas formas criadas pela água na terra. A ideia é que os caminhos sejam como "rios" que guiam os usuários pelo espaço e os canteiros são "lagos" para contemplação e permanência.

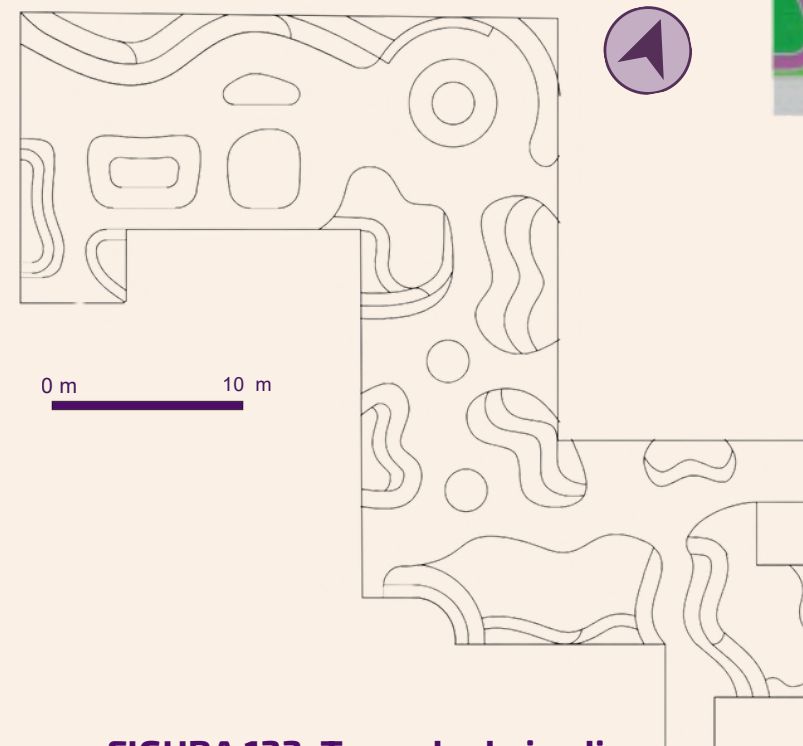
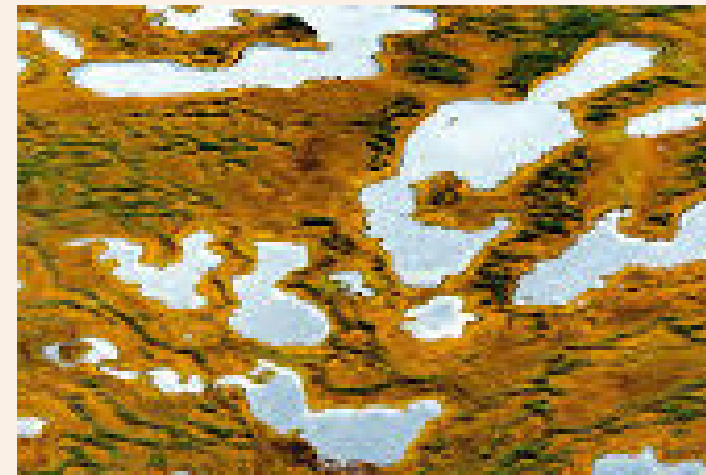


FIGURA 133: Traçado do jardim

FIGURA 131 Pântano Vasyugan (Rússia)



FONTE: Super interessante, 2024.

FIGURA 132: Pantanal



FONTE: Toda matéria, 2024.

FIGURA 134: "Desenho" do Jardim do Orixás



# Herbáceas e Forrações



FIGURA 135: Jardim do Orixás - Herbáceas e forração

## LEGENDA

Herbáceas - portepequeno e médio

- 0 - Grama
- 6 - Boldo
- 7 - Manjerição
- 8 - Alecrim
- 9 - Alfazema-brava
- 10 - Arruda
- 11 - Guiné
- 12 - Camomila
- 13 - Peregum roxo
- 14 - Roseira vermelha
- 15 - Roseira branca
- 16 - Roseira rosa
- 17 - Dracena pau-d'água
- 18 - Samambaia-de-sol
- 19 - Espada-de-São-Jorge
- 20 - Espada-de-Santa-Bárbara
- 21 - Pimenta biquinho
- 22 - Pimenta dedo de moça
- 23 - Pimenta malagueta

## Trepadeira

- 27 - Cipó-alho
- 28 - Alamanda
- 30 - Maracujá



# Arbustos e Árvores



## LEGENDA

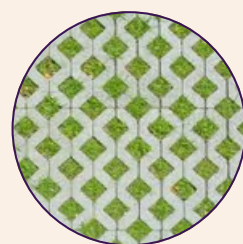
-  1-PÉ DE ACEROLA
-  2-PÉ DE AMORA
-  3-AROEIRA PIMENTEIRA
-  4-GOIABEIRA
-  5-JACARANDÁ MIMOSO
-  24-QUARESMEIRA
-  29-MANACÁ-DE-CHEIRO
-  25-JABUTICABEIRA
-  26-Pitangueira

FIGURA 136: Jardim do Orixás - Árvores e arbustos

O Jacarandá Mimoso é o destaque do projeto, possuindo uma floração de um roxo intenso e grandes sementes, o que traz um grande valor simbólico com a Orixá Nanã. A árvore floresce entre agosto e novembro, e perde suas folhas durante o inverno, o que se relaciona com os ciclos de morte e vida que Nanã representa.

As quaresmeiras também possuem floração roxa e foram implementadas dentro dos terreiros e na calçada. Foram propostas espécies frutíferas como goiabeira, pé de acerola e amoreira, pois seus frutos podem ser utilizados nas oferendas e trabalhos espirituais. Todas as espécies vegetativas propostas possuem uma função simbólica e prática, onde suas folhas, flores e sementes são utilizadas em banhos de limpeza, rituais de proteção, defumação, chás e oferendas.

A ideia é que o jardim domine o espaço, ampliando para as paredes por meio de trepadeiras e hortas/canteiros verticais. Na religião umbandista a natureza é um ser vivo com força e vontades próprias. O objetivo do projeto é que o jardim seja um meio de conexão direta com o espiritual, através das texturas, cheiros e cores.



PISO GRAMA: Taxa de 50% de permeabilidade



FIGURA 137: Jardim dos Orixás

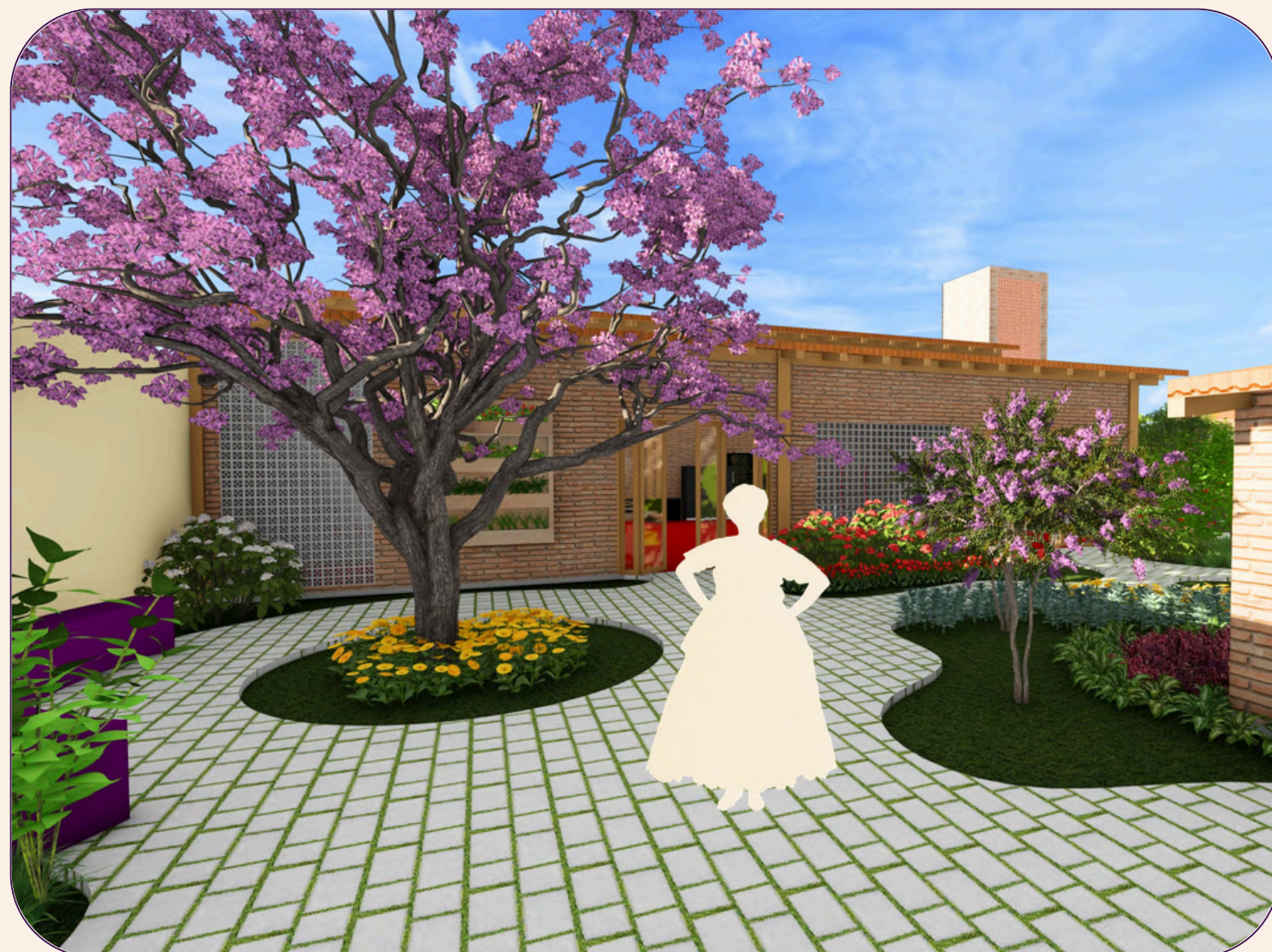


FIGURA 138 e 139: Jardim dos Orixás











**TABELA 8: Especificações das espécies vegetativas utilizadas no jardim**

Folhas e flores: simboogia, estética, funções espirituais e oferendas												
ID	Nome popular	Tipologia Vegetal	Altura total	Diâmetro da copa	Cor da floração	Época de floração				Ambiente lumínico	Função	Observação
						Verão	Outono	Inverno	Primavera			
1	Acerola	Arbusto	6,0 metros	3 metros	Rosa e Branca	x			x	Sol pleno	Seus frutos podem ser utilizados em oferendas;	Perene;
2	Amora	Arbórea	12,0 metros	3 metros	-				x	Sol pleno	Seus frutos podem ser utilizados em oferendas;	Folhas caem no outono/inverno;
3	Aroeira pimenteira	Arbórea	40,0 metros	6 metros	Amarelada	x	x	x	x	Se adapta bem a qualquer ambiente	Conhecida por purificar e proteger, a aroeira é essencial nos rituais. Suas folhas são utilizadas em banhos, defumações e outros trabalhos espirituais;	Pode perder as folhas no inverno;
4	Goiaba	Arbórea	10 metros	10 metros	Branca-rosadas			x	x	Sol pleno	Seus frutos podem ser utilizados em oferendas;	Perene;
5	Jacarandá mimoso	Arbórea	15,0 metros	10 metros	Roxa			x	x	Sol pleno	Função simbólica e estética, pois a coloração de suas flores remete ao Orixá Nanã;	Perde folhas no inverno;
6	Boldo (Boldo brasileiro)	Arbusto	2,0 metros	-	roxa	x	x	x	x	Sol pleno	Suas folhas são utilizadas em chás, defumações, banhos e trabalhos espirituais; Erva aromática; Flores roxas;	Perene;
7	Manjeriçao	Herbácea	1,0 metro	-	branca ou lilás	x			x	Sol pleno	Suas folhas são utilizadas em chás, defumações, banhos e trabalhos espirituais; Erva aromática; Flores roxas;	Perene;

**TABELA 8: Especificações das espécies vegetativas utilizadas no jardim**

Folhas e flores: simboogia, estética, funções espirituais e oferendas												
ID	Nome popular	Tipologia Vegetal	Altura total	Diâmetro da copa	Cor da floração	Época de floração				Ambiente lumínico	Função	Observação
						Verão	Outono	Inverno	Primavera			
8	Alecrim	Herbácea	1,5 metros	-	lilás	x			x	Sol pleno	Suas folhas são utilizadas em chás, defumações, banhos e trabalhos espirituais; Erva aromática; Flores roxas;	Perene;
9	Alfazema brava	Herbácea	2,0 metros	-	roxa	x			x	Sol pleno	Suas folhas são utilizadas em chás, defumações, banhos e trabalhos espirituais; Erva aromática; Flores roxas;	Perene;
10	Arruda	Herbácea	1,0 metro	-	amarelo	x			x	Sol pleno	Suas folhas são utilizadas em defumações, banhos e trabalhos espirituais; Erva aromática;	Perene;
11	Guiné	Herbácea	1,5 metros	-	branca	x			x	Sol pleno a meia-sombra	Suas folhas são utilizadas em defumações, banhos e trabalhos espirituais; Erva aromática;	Perene;
12	Camomila	Herbácea	0,5 metros	-	branca com amarelo	x			x	Meia-sombra	Suas folhas são utilizadas em chás, defumações, banhos e trabalhos espirituais; Erva aromática; Flores roxas;	Perene;
13	Peregum roxo (Dracena roxa)	Arbusto	2,0 metros	-	-	-	-	-	-	Sol pleno	Suas folhas são utilizadas em chás, banhos e trabalhos espirituais. É muito associada à Nanã;	Perene;
14	Roseira vermelha	Arbusto	2,0 metros	-	vermelha		x	x		Sol pleno a meia-sombra	Suas flores são utilizadas em banhos e trabalhos espirituais; Suas flores servem como oferendas e decoração; Relacionadas às pombagiras;	Perene;

**TABELA 8: Especificações das espécies vegetativas utilizadas no jardim**

Folhas e flores: simboogia, estética, funções espirituais e oferendas												
ID	Nome popular	Tipologia Vegetal	Altura total	Diâmetro da copa	Cor da floração	Época de floração				Ambiente lumínico	Função	Observação
						Verão	Outono	Inverno	Primavera			
15	Roseira branca	Arbusto	2,0 metros	-	branca		x	x		Sol pleno a meia-sombra	Suas flores são utilizadas em banhos e trabalhos espirituais; Suas flores servem como oferendas e decoração; Relacionadas às pombagiras e Yemanjá;	Perene;
16	Roseira rosa	Arbusto	2,0 metros	-	rosa		x	x		Sol pleno a meia-sombra	Suas flores são utilizadas em banhos e trabalhos espirituais; Suas flores servem como oferendas e decoração; Relacionadas às pombagiras;	Perene;
17	Peregum (Dracena pau d'água)	Arbusto	10,0 metros	-	branca (rara floração)	x				Sol pleno a meia-sombra	Suas folhas são utilizadas em chás, defumações, banhos e limpezas espirituais;	Perene;
18	Samambaia de sol	Herbácea	2,0 metros	-	-	-	-	-	-	Meia-sombra	Suas folhas são utilizadas em chás, defumações, banhos e trabalhos espirituais;	Perene;
19	Espada de São Jorge	Herbácea	1,0 metro	-	-	-	-	-	-	Se adapta bem a qualquer ambiente	Suas folhas são utilizadas em trabalhos espirituais; muito relacionado ao Orixá Ogum; Forte valor simbólico e visual para a religião;	Perene;
20	Espada de Santa Barbara	Herbácea	1,0 metro	-	-	-	-	-	-	Se adapta bem a qualquer ambiente	Suas folhas são utilizadas em trabalhos espirituais; muito relacionado à Orixá Iansã; Forte valor simbólico e visual para a religião;	Perene;

**TABELA 8: Especificações das espécies vegetativas utilizadas no jardim**

Folhas e flores: simboogia, estética, funções espirituais e oferendas												
ID	Nome popular	Tipologia Vegetal	Altura total	Diâmetro da copa	Cor da floração	Época de floração				Ambiente lumínico	Função	Observação
						Verão	Outono	Inverno	Primavera			
21	Pimenta biquinho	Arbusto	1,0 metro	-	branca ou lilás	x			x	Sol pleno a meia-sombra	Seus frutos podem ser utilizados em oferendas e no preparo das comidas de trabalho; Muito utilizadas em oferendas da linha de esquerda;	Perene;
22	Pimenta dedo de moça	Arbusto	1,5 metro	-	branca ou lilás	x			x	Sol pleno a meia-sombra	Seus frutos podem ser utilizados em oferendas e no preparo das comidas de trabalho; Muito utilizadas em oferendas da linha de esquerda;	Perene;
23	Pimenta malagueta	Arbusto	1,0 metro	-	-	x			x	Sol pleno a meia-sombra	Seus frutos podem ser utilizados em oferendas e no preparo das comidas de trabalho; Muito utilizadas em oferendas da linha de esquerda;	Perene;
24	Quaresmeira	Arbórea	12,0 metros	7,0 metros	Roxa	x		x		Sol pleno	Função simbólica e estética, pois a coloração de suas flores remete ao Orixá Nanã;	Perene;
25	Jabuticabeira	Arbórea	10,0 metros	5,0 metros	Branca			x	x	Sol pleno	Seus frutos podem ser utilizados em oferendas;	Perene;
26	Pitangueira	Arbusto	10,0 metros	5,0 metros	Branca	x			x	Sol pleno	Seus frutos podem ser utilizados em oferendas;	Perene;
27	Cipó - Alho	Trepadeira	-	-	Roxa	x			x	Sol pleno a meia-sombra	Função simbólica e estética, pois a coloração de suas flores remete ao Orixá Nanã;	Perene;

**TABELA 8: Especificações das espécies vegetativas utilizadas no jardim**

Folhas e flores: simboogia, estética, funções espirituais e oferendas												
ID	Nome popular	Tipologia Vegetal	Altura total	Diâmetro da copa	Cor da floração	Época de floração				Ambiente lumínico	Função	Observação
						Verão	Outono	Inverno	Primavera			
28	Alamanda	Trepadeira	-	-	Branca	x			x	Sol pleno a meia-sombra	Função simbólica e estética, pois a coloração de suas flores remete aos Orixás ;	Perene;
29	Manacá-de-cheiro	Arbórea	3,0 metros	2,0 metros	Branca e roxa	x			x	Sol pleno a meia-sombra	Função simbólica e estética, pois a coloração de suas flores remete ao Orixá Nanã;	Perene;
30	Maracujá	Trepadeira	-	-	Branca e roxa	x			x	Sol pleno	Função simbólica e estética, pois a coloração de suas flores remete ao Orixá Nanã. Seus frutos podem ser utilizados em oferendas;	Perene;

1) Pé de Acerola



2) Amoreira



3) Aroeira Pimenteira



4) Goiabeira



5) Jacarandá Mimoso



6) Boldo brasileiro



7) Manjerição



8) Alecrim



9) Alfazema brava



10) Arruda



11) Guiné



12) Camomila



13) Peregum Roxo



14) Roseira vermelha



15) Roseira branca



16) Roseira rosa



17) Peregum



18) Samambaia



19) Espada de Ogum



20) Espada de Santa Bárbara



21) Pimenta Biquinho



22) Pimenta Dedo de moça



23) Pimenta Malagueta



24) Quaresmeira



25) Jabuticabeira



26) Pitangueira



27) Cipó-Alho



28) Alamanda



29) Manacá-de-cheiro



30) Maracujá



# Altar de Nanã: Wetland construído

Sendo Nanã a Orixá dos pântanos, foi proposto um altar que simulasse esse ambiente, inspirado nos wetlands construídos (WC), também conhecidos como filtros plantados com macrófitas. Em linhas gerais, as wetlands atuam como biofiltro sendo capazes de remover uma série de poluentes como matéria orgânica, patógenos ou metais pesados, e as principais responsáveis pelo funcionamento desse sistema são as plantas aquáticas macrófitas. Vale ressaltar ainda que esses sistemas não produzem maus odores e também não fomentam a proliferação de mosquitos pois não há lâmina de água aparente (Ghisleni,2023).

## 31) Junco



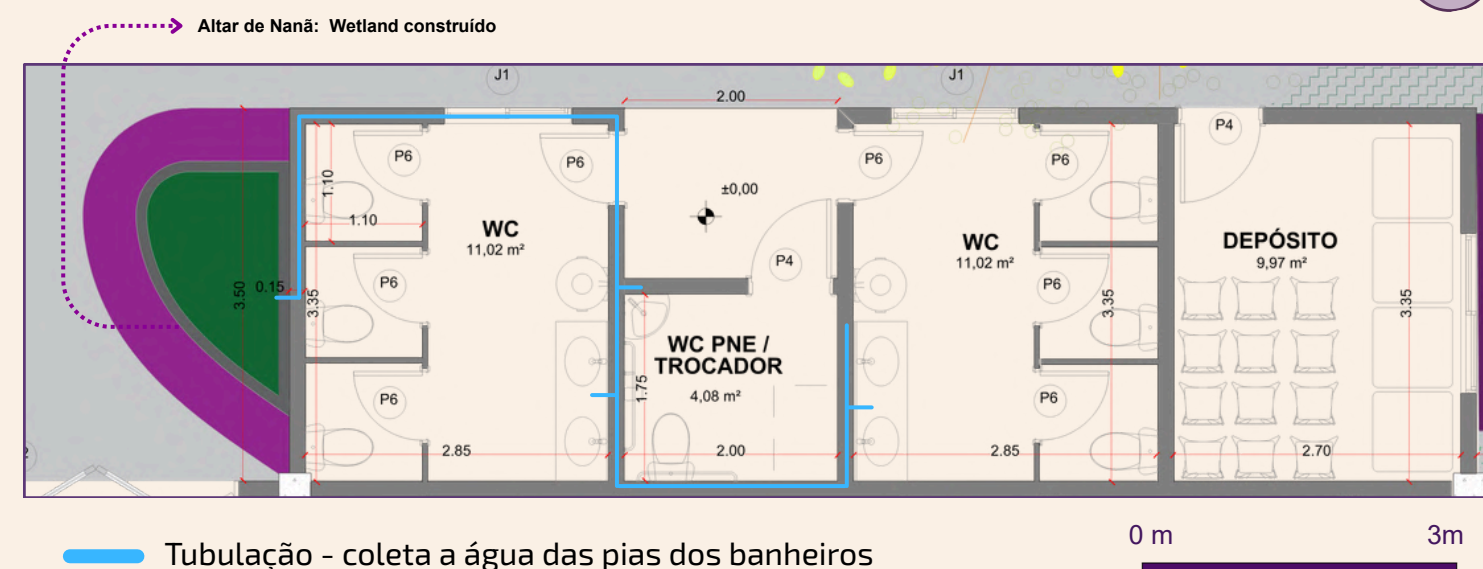
Diferentemente das wetlands convencionais destinadas ao tratamento de esgoto, a proposta consiste em versão simplificada, utilizando apenas as águas cinzas\* provenientes das pias dos banheiros do terreiro. A água é conduzida através de uma tubulação para um tanque com uma composição de brita, terra e areia, mantendo o solo permanentemente úmido e favorecendo a formação de um ambiente pantanoso. Para a filtragem da água e fins paisagísticos, no tanque seria plantado Junco, espécie macrófita típica de ambientes úmidos como brejos e pântanos. Neste caso, o objetivo é manter a terra sempre molhada, não visando a reutilização da água para outros fins.

Figura 170: Junco. Google Imagens.

## FIGURA 171: Corte esquemático



## FIGURA 172: Tubulação em planta



## FIGURA 173: Perspectiva do Altar de Nanã



\*Águas cinzas (ou águas cinzentas) são as águas residuais provenientes de atividades domésticas como banhos, pias e máquinas de lavar. Como não contêm resíduos de vasos sanitários (que são as águas negras), podem ser tratadas e reutilizadas para fins não potáveis, promovendo a sustentabilidade.





## 4.3.2 Cortes : materialidade e técnicas construtivas

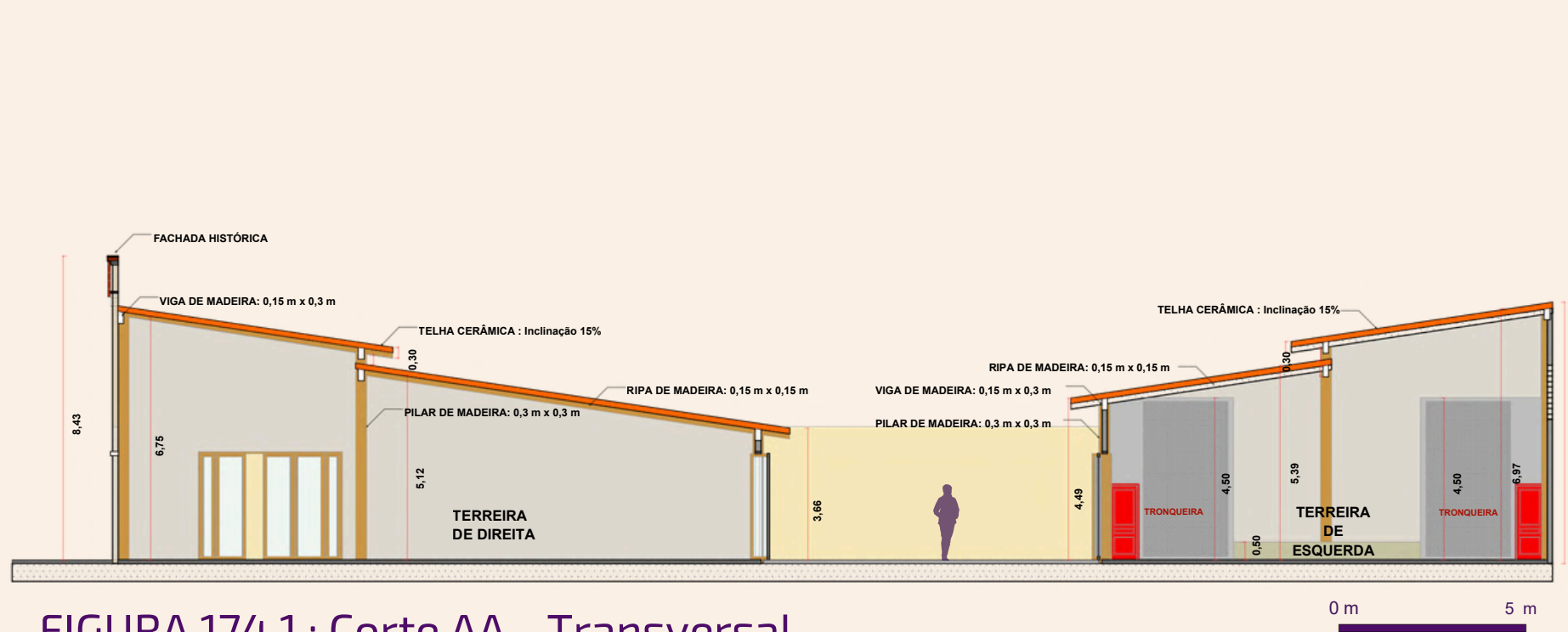


FIGURA 174.1 : Corte AA - Transversal

- Abertura na cobertura permite a saída do ar quente (mais denso) enquanto as aberturas inferiores trazem ar frio, promovendo um fluxo contínuo e resfriamento passivo, eliminando calor e auxiliando na dissipação da fumaça.

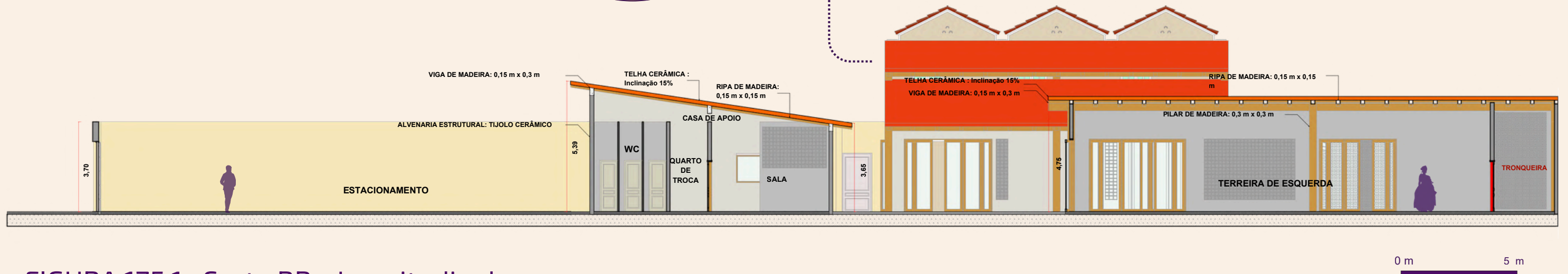
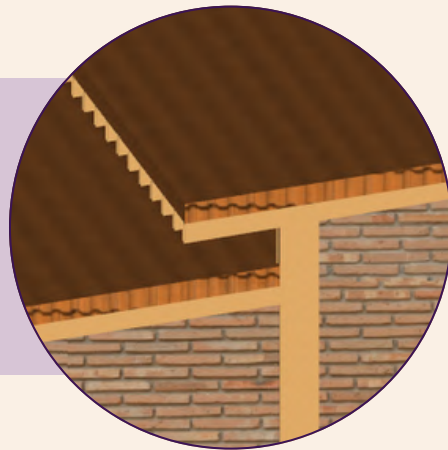
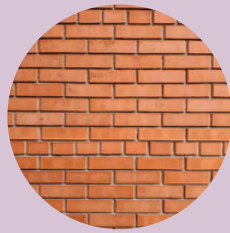


FIGURA 175.1 : Corte BB - Longitudinal

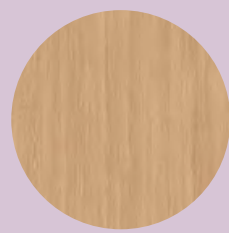
MATERIAIS CONSTRUTIVOS:



TELHA DE CERÂMICA

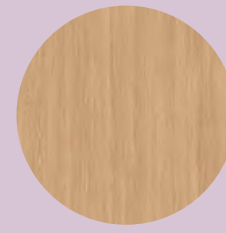


BLOCO CERÂMICO



MADEIRA

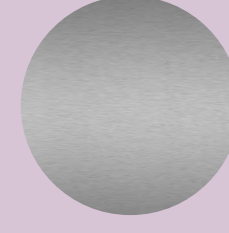
ESQUADRIAS:



MADEIRA



VIDRO



FERRO



CONCRETO



FIGURA 174.2 : Corte AA - Transversal (humanizado)



FIGURA 175.2 : Corte BB - Longitudinal (humanizado)

### 4.3.3 Cortes : materialidade e técnicas construtivas



FIGURA 176.1 : Corte CC - Transversal



FIGURA 177.1 : Corte DD - Transversal



FIGURA 176.2 : Corte CC - Transversal (humanizado)



FIGURA 177.2 : Corte DD - Transversal (humanizado)



## 4.3.4 Elevações: composição e paisagem urbana



FIGURA 179 - Elevação humanizada 1 : Fachada Sudoeste

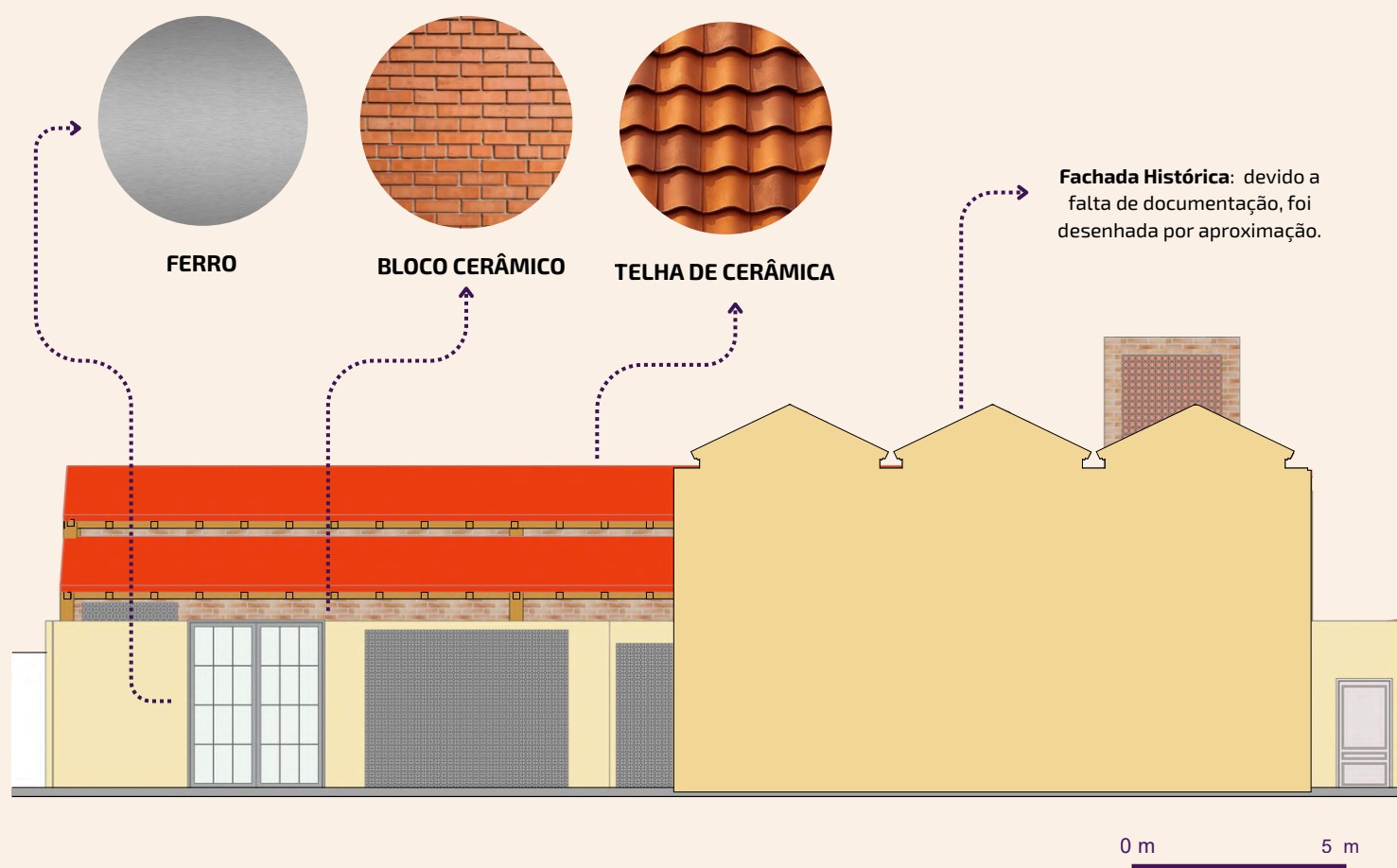


FIGURA 180 - Elevação técnica 1 : Fachada Sudoeste

Atualmente a fachada da edificação apresenta claros sinais de abandono e negligência, possuindo elementos que não conversam com as características históricas do conjunto. Para o projeto do terreiro foi preservada a volumetria marcante, a cor e o padrão das janelas. Os portões de metal foram removidos. Por conta da perseguição que templos de umbanda sofrem, as fachadas foram pensadas para proteger os usuários, sem aberturas diretas para os locais de culto. Para tornar a fachada mais permeável e ao mesmo tempo segura, foram usados cobogós de concreto.

FIGURA 181: Fachada leste - Situação atual



Fonte: Google Maps 2024.

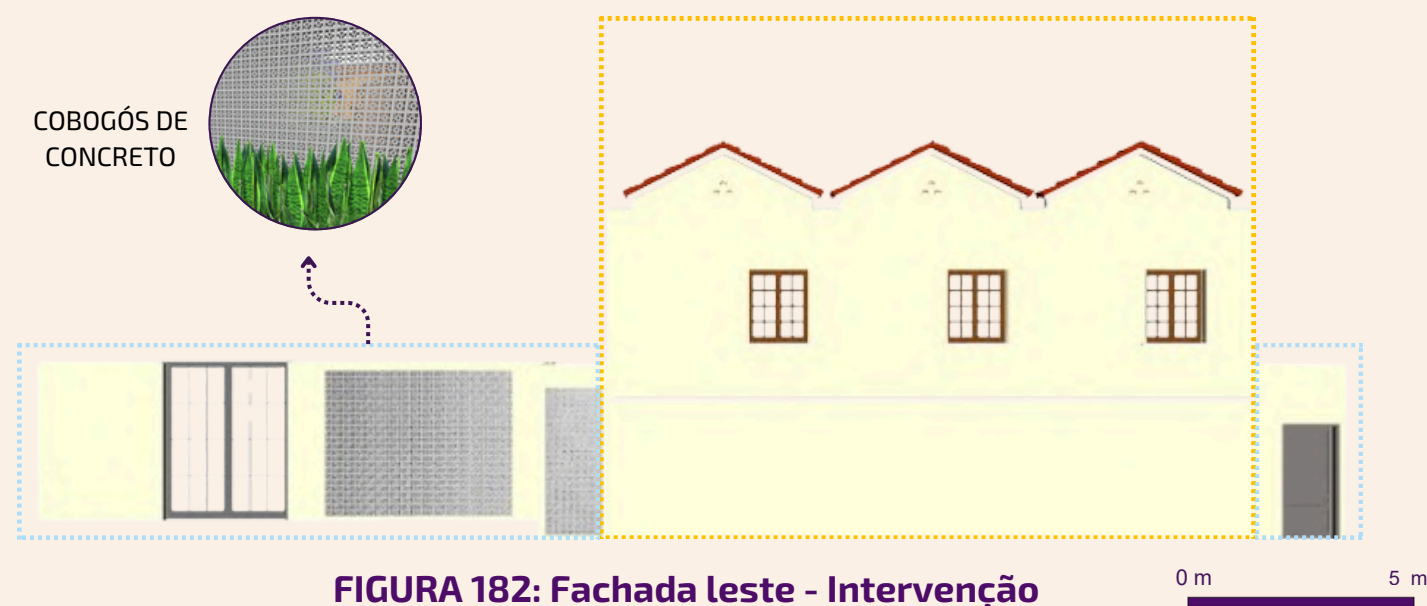


FIGURA 182: Fachada leste - Intervenção

### LEGENDA



Intervencões



Fachada preservada



Removido



FIGURA 183 - Elevação humanizada 2.1: Fachada sul (com muro)

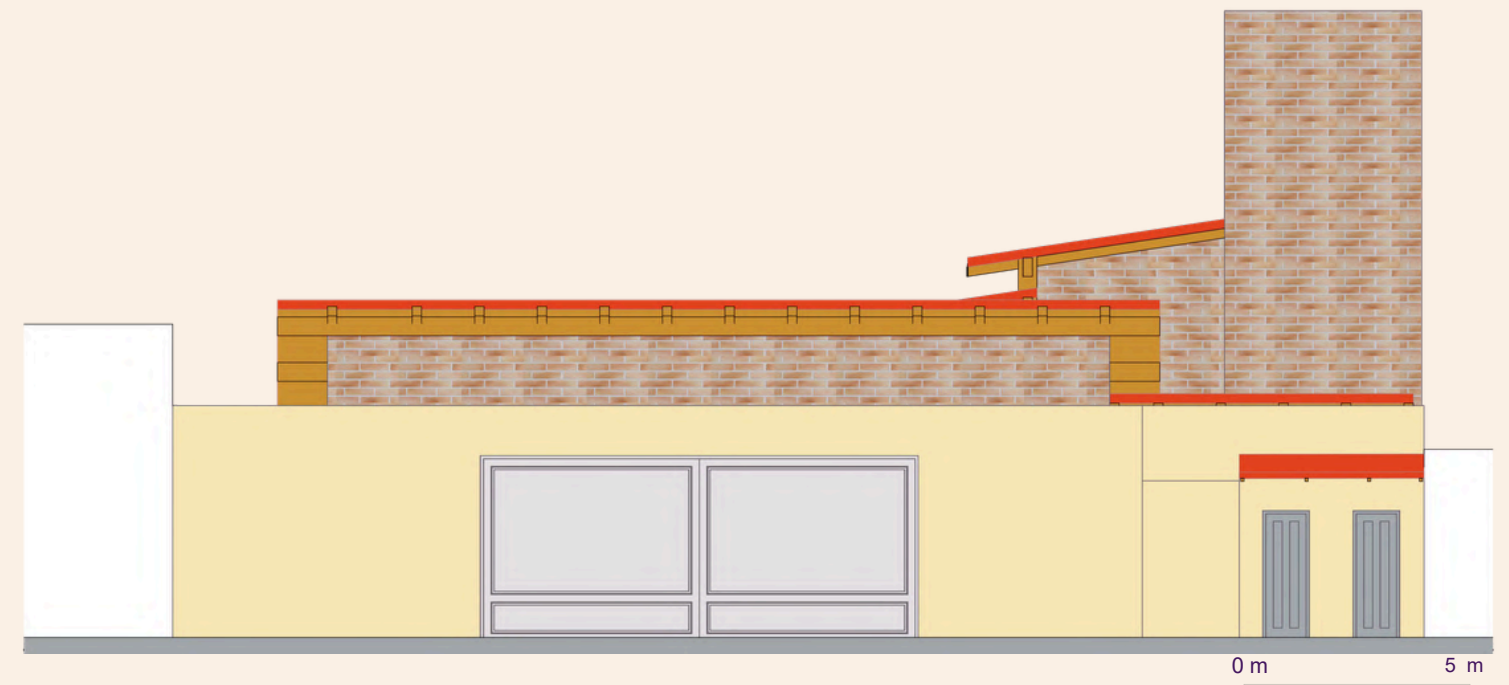


FIGURA 185 - Elevação técnica 2.1: Fachada sul (com muro)



FIGURA 184 - Elevação humanizada 2.2 : Fachada sul (sem muro)

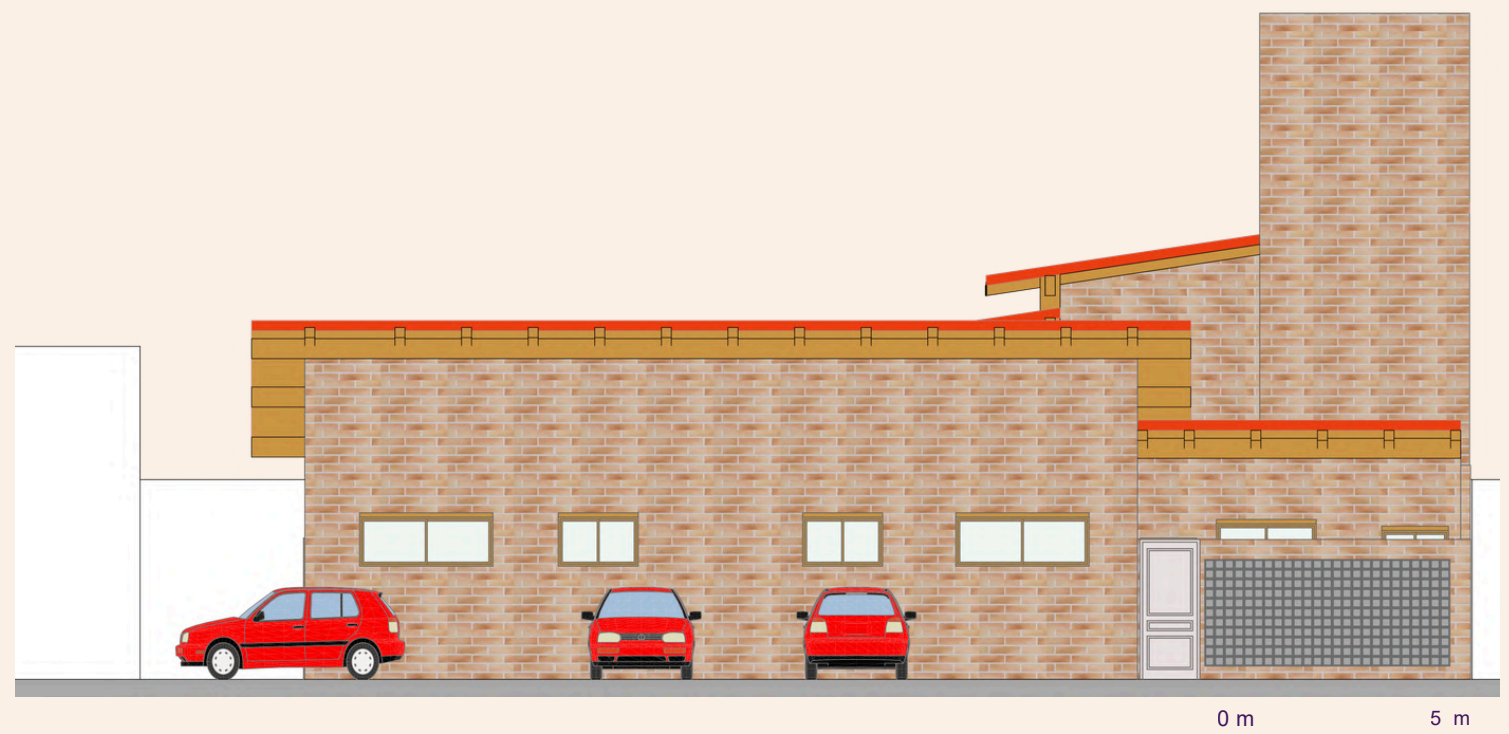


FIGURA 186 - Elevação técnica 2.2 : Fachada sul (sem muro)



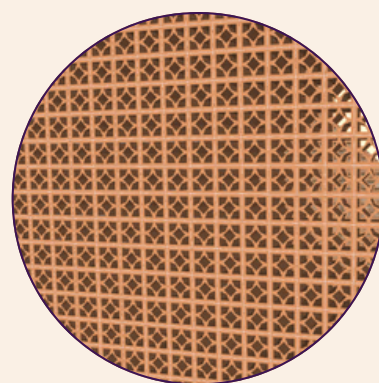
**FIGURA 187: Perspectiva da Caixa d'água**



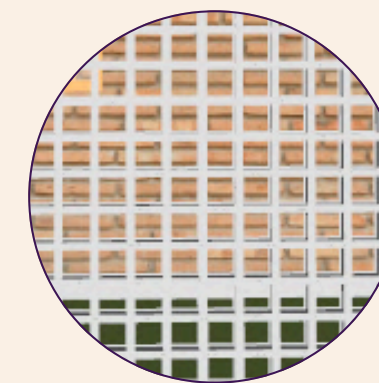
**FIGURA 189: Perspectiva fachada sul**



**FIGURA 188: Perspectiva da casa de apoio (residencial)**



**COBOGÓS CERÂMICOS**



**COBOGÓS DE CONCRETO**



**FIGURA 190: Vista interna**



**FIGURA 192: Perspectiva estacionamento**



**FIGURA 193: Perspectiva entrada terreira de direita**



**FIGURA 194: Perspectiva entrada principal**



**FIGURA 195: Perspectiva entrada terreira de esquerda**

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Pé pelo pé a encruzilhada já lhe chama  
Pé pelo pé a encruzilhada lhe chamou*

O presente trabalho teve como objetivo compreender a relação entre a forma e o rito, investigando a forma que os espaços de culto expressam e materializam práticas simbólicas e espirituais, e a partir disso criar um projeto arquitetônico e paisagístico de um terreiro de Umbanda. Se conclui que um terreiro não é apenas um lugar localizado geograficamente, é solo que existe no sagrado, rodeado de mitos, segredos e histórias. Na Umbanda, a arquitetura nunca foi apenas sobre forma, mas sobre significado.

A partir de uma retomada histórica das religiões afro-ameríndias no Brasil, foi possível evidenciar os processos de formação e resistência desses cultos ao longo do tempo, além de compreender como vivências não brancas são marginalizadas na nossa história. Os resultados e dados encontrados comprovam a importância de estudos que mostrem que a formação cultural do Brasil não advém apenas dos colonizadores europeus, como é reforçado sistematicamente. É preciso reconhecer que a contribuição dos povos negros e indígenas são a base de tudo que é dito como brasileiro.

Existe um ditado em lorubá que exemplifica o principal intuito do trabalho aqui desenvolvido: **Exu matou um pássaro ontem com a pedra que só jogou hoje.** Para Exu o tempo não é linear, e sim cíclico. No presente podemos curar feridas do passado, e assim seguir em frente nos caminhos que nos guiam a um futuro melhor. A educação é uma ferramenta poderosa de transformação, e estudos que exaltam e retomam narrativas de grupos marginalizados são ferramentas importantíssimas para a reconstrução da identidade e retomada de autoestima desses povos. Devemos seguir em busca de uma sociedade justa e igualitária, consciente e orgulhosa de sua ancestralidade, jogando uma pedra hoje para matar o pássaro ontem.

*Exu que brinca com o tempo, faz do final um recomeço.*

**LAROYÊ, EXU!**

**O FUTURO É ANCESTRAL.**



Salve o povo que vem de Aruanda  
Da banda daqui e da banda de lá  
Vem da feira, do mato, da esquina  
Da roda de rima, da mesa de bar  
Salve o mestre que ginga e bambeia  
Que a luz de Candeia vai iluminar  
Sua benção, minha mãe Quelé  
Que o povo de fé 'tá querendo baixar

Firma ponto na palma da mão  
Dá um gole pro chão que é pro santo beber  
Eu rezei pro Guerreiro em Quintino  
E em Cascadura dei doce pro erê  
Vem pra cá que na roda de samba  
Hoje tem quizomba pro povo cantar  
**Peço a benção de quem veio antes**  
**Abrindo caminho pra quem quer chegar**

**FIGURA 191: EXÚ**

**POVO DE FÉ - Canção de Marcelo D2**





# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASALI, Rodrigo. Guias e Orixás: narrativas de expressões orais sobre os Candomblés do MS. 2016. 400 f. Tese (Doutorado em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- CARDOSO, Taína Machado. Religiosidade e discriminação a partir da análise dos Terreiros de Umbanda e Candomblé no Município de Rio das Ostras (RJ). UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. Rio das Ostras - RJ, 2015.
- CHAVES, Kelson Gérison Oliveira. Os trabalhos de amor e outras mandingas: A experiência mágico-religiosa em terreiros de umbanda. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal - RN, 2010.
- CONSTANTINO, Thaís Monique Batista. Corpo encantado: a (in)corporação de caboclas e caboclos no Templo de Umbanda Pai Oxalá. 2023. 179 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, Aquidauana, 2023.
- DA SILVA GONÇALVES, Fábio; COELHO DE OLIVEIRA, Daniel. HISTÓRIA DA FORMAÇÃO E RENOVAÇÃO DA UMBANDA NO BRASIL: UM ESTUDO DE CASO NO TERREIRO ZAMBI-ÍRIS, BOCAIUVA/MG. Revista Desenvolvimento Social, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 110–131, 2020.
- DIACÓPULOS, Jorge Ribeiro. Formação e Localização - Site da Comunidade Quilombola Tia Eva, Campo Grande - MS, 2025. Disponível em: <https://comunidadequilombolatiaeva.com.br/localizacao/>
- FERNANDES, Saulo Conde. Salvos por Cacique Tartaruga: memória, história e mito na Umbanda de Campo Grande – MS. Revista Trilhas da História, v. 4, n. 7, p. 61–82, jul./dez. 2014. Três Lagoas - MS, 2014.
- FERNANDES, Nathalia Vince Esgalha. A raiz do pensamento colonial na intolerância religiosa contra religiões de matriz africana. Departamento de Estudos Latino Americanos (ELA) - Universidade de Brasília. Integrante do Calundu – Grupo de Estudos sobre Religiões Afro-Brasileiras. Brasília, 2017.
- FILHO, Mario. Tata Tancredo da Silva Pinto: pequena biografia. Site do Templo Espiritual Pantera Negra, São Paulo - SP, 2019.
- FONSECA, Natália Pereira. As Religiões de Matrizes Africanas e suas práticas: mapeamento das práticas de Candomblé e Umbanda no Distrito de São João da Chapada e nos bairros urbanos da cidade de Diamantina-MG. Pós-Graduação em Estudos Rurais da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Diamantina - MG, 2023.
- HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. Universidade Federal de Porto Alegre - UFRGS. Porto Alegre - RS, 2004.
- HONAISSER, Fernando Alves. Terreiros: memórias e representações no espaço sagrado. Universidade Federal de Alagoas. Maceió - AL, 2006.
- MACHADO, Myleide de Souza Meneses Oliveira. Comunidade Tia Eva: bairro de negros e herança de fé. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD. Dourados - MS, 2019.
- MORAIS, Marcelo Alonso. Umbanda, Territorialidade e Meio Ambiente: Representações socioespaciais e sustentabilidades. Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Departamento de Geografia da PUC-Rio. Rio de Janeiro - RJ, 2010.
- MOREIRA, Morgana Arreguy Corrêa. Simbologia do terreiro : conexão entre o espaço e a mitologia das religiões afro-brasileiras : uma análise do terreiro 3 poderes (Ouro Preto-MG). UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. Ouro Preto - MG, 2020.
- NASCIMENTO, Raimundo Nonato Ferreira do; OLIVEIRA, Igor Filipe de Sousa. Quando o santo lhe pega: umbanda, mediunidade e processos educacionais. Universidade Federal do Piauí - UFPI. Teresina -PI, 2024.
- PLÍNIO DOS SANTOS, Carlos Alexandre Barboza. Eva Maria de Jesus (tia Eva). Anuário Antropológico I, 2012, 155-181. Universidade de Brasília- UNB. 2012.
- PONZILACQUA, Marcio . O sagrado, povos originários e direitos socioambientais. Religare, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 8–40, 2020. Revista do Programa de Pós- graduação em ciências das religiões da UFPB, 2020.
- SILVA, Luciane de Queiroz. TEMPLO DE UMBANDA MAMÃE OXUM: EXPERIÊNCIAS DA RELIGIOSIDADE DE MATRIZ AFRICANA EM ANASTÁCIO-MS. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. Aquidauana - MS, 2024
- VERKAAIK, Oskar. Religious architecture: Anthropological Perspectives. Amsterdam University Press, 2013. p. 7–25.
- 'A lama que nos criou, a sabedoria que nos guia': Nanã e o legado das matriarcas. Matéria de Giovanna Ramos para Alma Preta, 2025. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/a-lama-que-nos-criou-a-sabedoria-que-nos-guia-nana-e-o-legado-das-matriarcas/>

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alvo de preconceito, Praça do Preto Velho é revitalizada por grupo de amigos. Reportagem de Viviane Oliveira e Marcos Rivany, Campo Grande News, 2021. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/alvo-de-preconceito-praca-do-preto-velho-e-revitalizada-por-grupo-de-amigos>.
- Casa onde foi fundada a umbanda, em São Gonçalo, será demolida esta semana. Reportagem de Thamyres Dias para EXTRA - Globo. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/casa-onde-foi-fundada-umbanda-em-sao-goncalo-sera-demolida-esta-semana-2682118.html>
- Camilla Ghisleni. "O que são e como funcionam as "wetlands" artificiais?" 24 Fev 2023. ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/995858/o-que-sao-e-como-funcionam-as-wetlands-artificiais>
- Crenças evangélica e de matriz africana crescem, mas religião católica ainda predomina no Brasil, aponta IBGE. Reportagem de Nara Lacerda para Brasil de fato, 2025. Disponível: <https://www.brasildefato.com.br/2025/06/06/crencas-evangelica-e-de-matriz-africana-crescem-mas-religiao-catolica-ainda-predomina-no-brasil-aponta-ibge/>
- Cientistas podem saber por que Stonehenge foi reconstruído há milhares de anos. Reportagem de Ashley Strickland para CNN, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/pedra-de-stonehenge-tem-origem-surpreendente-apontada-em-novo-estudo/>
- Diário de Umbanda por Danilo Sgrott. 2020. Disponível em: <https://www.diariodeumbanda.com.br/p%C3%A1gina-inicial>
- Devotos louvam Iemanjá em Corumbá e pedem bênçãos para o novo ano. Reportagem de Rosana Nunes para O Diário Corumbaense, 2018. Disponível: [https://diarionline.com.br/?s=noticia&id=107260#google\\_vignette](https://diarionline.com.br/?s=noticia&id=107260#google_vignette)
- Família ainda mantém a tenda onde Cacilda fazia suas curas milagrosas. Reportagem de Silvio Andrade, especial para o Campo Grande News, 2018. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/interior/familia-ainda-mantem-a-tenda-onde-cacilda-fazia-suas-curas-milagrosas>
- Legado de Mãe Cacilda é poder religioso que mantém a comunidade viva. Reportagem de Silvia Frias para o Campo Grande News, 2024. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/reportagens-especiais/legado-de-mae-cacilda-e-poder-religioso-que-mantem-a-comunidade-viva>
- Mistério resolvido em Stonehenge? A origem da principal pedra do monumento pode ter sido encontrada. Reportagem de Carolyn Wilke para National Geographic, 2025. Disponível: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2025/07/misterio-resolvido-em-stonehenge-a-origem-da-principal-pedra-do-monumento-pode-ter-sido-encontrada>
- MS está entre os estados que têm mais igreja evangélica do que escola pública. Reportagem de Gabriela Couto para CAMPOGRANDE NEWS, 2024. Disponível: <https://www.campograndenews.com.br/brasil/cidades/ms-esta-entre-os-estados-que-tem-mais-igreja-evangelica-do-que-escola-publica>
- Sobre a Encruzilhada. Coluna de Paulo Coelho para o portal G1, 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/blog/paulo-coelho/post/sobre-encruzilhada.html>
- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Disponível em: <https://www.embrapa.br/rondonia>
- Sítio da mata. Espécies de plantas. Disponível em: <https://www.sitiodamata.com.br/>
- Rebrotar plantas. Paisagismo: Disponível em: <https://www.rebrotarplantas.com.br/>
- Dos Santos, Vasco Manuel Alves . Um Estudo do Fachadismo no Contexto da Preservação do Património Arquitectónico. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Porto, 2010.
- Walsh, Niall. "Fachadismo: quando as paredes falam... e mentem" [Facadism: When Walls Talk, and Lie] 10 Dez 2019. ArchDaily Brasil.



